

A Doutrina de DEUS

Uma abordagem bíblica e teológica acerca da realidade de Deus

Severino Pedro da Silva

Reedição do livro *Quem é Deus?*

A Doutrina de DEUS

Uma abordagem bíblica e teológica acerca da realidade de Deus



Severino Pedro da Silva

Todos os direitos reservados. Copyright © 2001 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa: Alexander D. R. da Silva

CDD: 231-Teologia
ISBN: 85-263-0333-3

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http:// www.cpad.com.br

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

5ª Edição 2002

Índice

Prefácio 5
Introdução 6
1. Quem é Deus? 7
2. O Argumento Antropomórfico 19
3. O Argumento Antropológico 26
4. O Argumento Cosmológico 29
5. O Argumento Teleológico 32
6. O Argumento Etnológico 38
7. O Argumento Teológico 40
8. O Argumento da Congruidade 44
9. A Natureza de Deus 48
10. Teodicéia (Teologia Natural) 59
11. Os Atributos Naturais de Deus 69
12. Os Atributos Morais de Deus 84
13. Os Nomes de Deus 99
14. A Santíssima Trindade 109
15. Provas Morais da Existência de Deus 123
Bibliografia 139

ÍNDICE DAS ABREVIATURAS USADAS NESTE LIVRO

VELHO TESTAMENTO

Gn - Gênesis
Êx - Êxodo
Lv - Levítico
Nm - Números
Dt - Deuteronômio
Js - Josué
Jz - Juízes
Rt - Rute
1 Sm - 1 Samuel
2 Sm - 2 Samuel
1 Rs - 1 Reis
2 Rs - 2 Reis
1 Cr - 1 Crônicas
2 Cr - 2 Crônicas
Ed - Esdras
Ne - Neemias
Et - Ester
Jó - Jó
Sl - Salmos
Pv - Provérbios
Ec - Eclesiastes
Ct - Cantares
Is - Isaías
Jr - Jeremias
Lm - Lamentações de Jeremias
Ez - Ezequiel
Dn - Daniel
Os - Oséias
Jl - Joel
Am - Amós
Ob - Obadias
Jn - Jonas
Mq - Miquéias
Na - Naum
Hc - Habacuque
Sf - Sofonias
Ag - Ageu
Zc - Zacarias
Ml - Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt - Mateus
Mc - Marcos
Lc - Lucas
Jo - João
At - Atos
Rm - Romanos
1 Co - 1 Coríntios
2 Co - 2 Coríntios
Gl - Gálatas
Ef - Efésios
Fp - Filipenses
Cl - Colossenses
1 Ts - 1 Tessalonicenses
2 Ts - 2 Tessalonicenses
1 Tm - 1 Timóteo
2 Tm - 2 Timóteo
Tt - Tito
Fm - Filemon
Hb - Hebreus
Tg - Tiago
1 Pe - 1 Pedro
2 Pe - 2 Pedro
1 Jo - 1 João
2 Jo - 2 João
3 Jo - 3 João
Jd - Judas
Ap - Apocalipse

Prefácio

Com muita gratidão ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, prefacio mais uma obra singular para o povo de fala portuguesa: especialmente, aqueles que são amantes sequiosos das grandes doutrinas que a Bíblia encerra.

Creio que este livro do conhecido escritor evangélico, preletor, mestre e pastor SEVERINO PEDRO DA SILVA, *virá ao encontro de uma grande necessidade há muito surgida, que, sem dúvida, é um tratado sistematizado rigorosamente de DEUS, de sua natureza, de seus atributos e de tudo que diz respeito a Ele em palavras e obras.*

Este livro, conforme teremos ocasião de ver, é um tratado acerca de Deus mesmo.

Sua natureza trina e seus atributos essenciais, nele estão em foco!

Recomendo a todos sua leitura e meditação.

São Paulo, Capital, 1991

José Wellington Bezerra da Costa

Introdução

O homem em qualquer tempo ou lugar não pode deixar de ter uma "Teologia". Salvo, se ele deixar de meditar nas experiências sublimes e mais preciosas desta vida e da vida do porvir.

De igual modo, Deus providenciou respostas às nossas mais variadas perguntas e soluções às nossas diversificadas necessidades. Nossa mente precisa repousar sobre uma esperança concreta (Hb 11.6,27), pois perguntas tais como: "Quem é Deus?", "Como é Deus?", "Como Ele é em Si mesmo?", não podem ser respondidas fora dele.

Tudo aquilo que sabemos a respeito de Deus, se não é perfeito conforme aquilatamos as coisas, contudo, é real! O que de Deus se pode conhecer, é por demais suficiente para satisfazer nossa mente e encher os nossos corações. Estas respostas Ele nos deu através da Natureza, das Escrituras, e da Pessoa do seu Filho.

São Paulo, Capital, 1991

O autor

1

Quem é Deus?

DEUS! É o nome da Suprema Divindade que os homens e os anjos cultuam e adoram. Nos lábios cristãos, portanto, a palavra DEUS designa fundamentalmente o Espírito Poderoso que é adorado e cujo auxílio invocamos.

A idéia primária de Deus, em que se resume a palavra "deísmo" (para os filósofos) é, todavia, para os cristãos, o produto da revelação que Deus fez de si mesmo à humanidade no plano da natureza.(1)

Ele é um Ser vivo e dotado de personalidade, sensível ao coração. O conhecimento que temos dele, se não é perfeito, é contudo um conhecimento verdadeiro. Se Deus não é aquilo que concebemos que seja, como devemos pensar nele? Evidentemente, Ele é aquilo que o conhecimento sensível que temos dele concebe que seja.

Não podemos (sem a mente de Cristo) penetrar nos arcanos (segredos) deste Ser eterno. Nossa razão compreende muito pouco dele e, quando não pode penetrar mais, a fé penetra e nós cremos muito além daquilo que podemos entender; e esta nossa crença não contraria a razão; mas a razão mesmo nos dita que devemos crer muito mais de Deus do que ela nos pode informar.(2)

Para uma melhor compreensão do significado do pensamento, iremos discorrer sobre vários argumentos que nos conduzem a Deus. Estes argumentos partem das diferentes ordens de condicionamento ou de encadeamento que podemos observar no

Universo, tanto físico como espiritual, e cada um nos conduz ao mesmo Princípio absolutamente primeiro, que é Deus.

1. ARGUMENTO ONTOLÓGICO

A Ontologia (ou Metafísica Geral) é a ciência do ser enquanto ser e dos caracteres que pertencem ao ser como tal. Este argumento tem, então, por objeto, defender, necessariamente, que Deus existe e que existe como sendo um Ser real.(3)

O argumento ontológico consiste em um curso de raciocínio, a partir de Deus como a Causa Primeira absoluta de todas as coisas, para as coisas que Ele causou, especialmente, a idéia inerente de que Deus existe. Com efeito, define o argumento ontológico: A palavra DEUS significa "o Ser que tem todas as perfeições". Ora, a existência é uma perfeição.

Seria impossível pensar, sem cair no absurdo, num "Ser perfeito que não existisse".

a. **Definição do termo.** A Ontologia é a ciência ou a discussão sistemática do ser real; a teoria filosófica da realidade; a doutrina das categorias ou das características universais e necessárias de toda existência.(4)

O presente argumento no teísmo (doutrina religiosa que admite a existência de Deus e sua ação providencial no Universo) consiste em um curso de raciocínio a partir de Deus como a Causa Primeira absoluta de todas as coisas, presente tanto no Universo físico como no espiritual.

Este argumento, segundo se afirma, teve sua origem em Anselmo (1033-1109), arcebispo de Canterbury, considerado o mais importante filósofo do século XI. Talvez ele o tenha escrito entre os anos de 1077 e 1078.

Ele inicia seu argumento ontológico dizendo: "Deus existe verdadeiramente, embora o insensato tenha dito em seu coração que NÃO há Deus" (Sl 14.1).

Neste argumento Deus é reconhecido como o Criador da mente humana na qual este conceito dele mesmo se encontra.

b. **Na concepção do idealismo.** O argumento ontológico é o inverso do idealismo. A reivindicação do idealismo é "que as coisas materiais não existem, sendo, como afirma, apenas uma impressão da mente", o argumento ontológico, porém, afirma o contrário; isto é, que "há uma realidade ou substância onde a mente

reconhece sua existência''. De acordo com este argumento, a existência de Deus é provada pelo fato de que a mente humana crê que Ele existe. Exatamente de acordo com o que declara e afirma a Bíblia em toda sua extensão. Deus é aquele Ser a partir do qual nenhum maior do que Ele pode ser imaginado. Então, se aquele que nada maior pode ser imaginado não existisse no intelecto, jamais a alma humana se apoiaria na sua existência. Segue-se, então, que o Ser maior cujo auxílio invocamos, necessariamente, tem existência real.(5)

Do ponto de vista divino de observação, o argumento ontológico não se apoia em primícias como os demais argumentos, mas o seu pano de fundo tem como base a fé. Ele se combina entre si em cada detalhe quando depreendido no campo da fé. ''Porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe...'' (Hb 11.6a).

c. **Hipótese básica**. Toda ciência tem suas hipóteses básicas das quais partem para outros conhecimentos.

Em física, é ponto pacífico a existência da lei da gravidade. Na matemática, os números são indispensáveis. Assim, no estudo da Pessoa de Deus, temos que aceitar o princípio básico de sua existência, sem o qual jamais entenderemos coisa alguma a seu respeito(6)

A religião existiu antes de qualquer investigação para provar (como se tem provado) a existência de Deus, e pode continuar a existir independente dela, porque, aos que vivem na luz, não importam as dúvidas dos que nasceram cegos e que negam a existência da luz (Jo 9.39-41).

Quando falamos da existência de Deus, referimo-nos à existência no sentido próprio, visto que Deus é, necessariamente, a própria existência. Isso, naturalmente, significa que as causas de sua existência estão nele mesmo.

Nele a vida é inerente. Diferentemente da vida das criaturas, sua vida não vem de ''fontes exteriores''. Se no Universo não existissem criaturas, essa não-existência em coisa alguma não afetaria a existência de Deus. Sua existência não depende, então, de nenhuma formalidade de existência. Ele tinha (no passado) e tem (no presente) a ''vida em si mesmo'' (Jo 5.26) quando não havia vida em parte alguma fora dele.

Na ausência total de vida fora dele, todas as possibilidades de

vida se encontravam nele. Nunca nos devemos esquecer de que, em Deus, as criaturas "vivem, movem-se e existem" (At 17.28); desse modo, dependendo dele para viver, movimentar-se e existir; sua auto-existência, porém, torna-o absolutamente independente. Quando Ele interpõe seu juramento, em confirmação à sua Palavra, Ele jura por si mesmo, dizendo: "Vivo Eu", permitindo que seu juramento repouse sobre a base imutável de sua auto-existência (Hb 6.13).

2. SUA EXISTÊNCIA PROVADA

No escopo sem limite do pensamento humano e angélico, nunca poderá ser encontrado um mistério mais profundo que o da auto-existência de Deus. É mistério. Só a fé aceita como Deus existe e que Ele existe, porque Ele sempre existiu, e porque existirá para sempre. Deus existe! Seu nome é para sempre! EU SOU (Êx 3.14).

A idéia de Deus não é uma idéia reservada aos filósofos e aos sábios, nem uma noção moderna, nem um elemento da civilização ocidental. É uma idéia universal, no tempo e no espaço. Em todas as latitudes e todas as culturas, desde as origens até os nossos dias, os homens, sábios ou ignorantes, afirmaram sua crença na existência de um Chefe soberano do Universo.

a. **Sua extensão.** É o que constatamos de maneira irrecusável na questão da existência de Deus. A evidência de que Deus existe é-nos imposta primeiro pelo consentimento unânime dos povos e esta prova tem uma tal força que não a poderíamos recusar, sem renunciar à razão e a tudo o que concede valor à vida humana e força à sociedade. A existência de Deus é então uma destas verdades primitivas e fundamentais que são anteriores a toda demonstração.([7])

Sua universalidade é sentida em qualquer tempo ou povos. Assim também ocorre no caso da universalidade da crença na sua existência.([8])

Essa universalidade significa que há razões poderosas e acessíveis a todas as inteligências, em favor da crença em Deus. Por isso, quando mostramos algumas provas necessárias para sua existência, não são, portanto, para ensinar que Ele existe, e sim, para estimular esta razão moral da intuição normal do pensamento humano.

Essas provas se tornam sensíveis ao coração humano e podem ser desenvolvidas (Os 6.3; Jo 17.3; Rm 1.19 e ss).

b. **Sua magnitude.** Deus é um Ser e não qualquer tipo de ser; mas uma substância, que é o fundamento dos outros seres. E não apenas uma substância, mas perfeita. Ainda que muitos seres sejam perfeitos na sua espécie, são limitados e finitos. Mas Deus é absoluto, pleno e infinitamente perfeito sob todos os aspectos; e, portanto, acima de todos os espíritos, acima de todos os anjos que são comparativamente perfeitos.

A infinita perfeição de Deus *inclui* todos os atributos, até os mais excelentes. Ela *exclui* toda a dependência, toda a existência, toda a composição, corrupção, mortalidade, contingência, ignorância, injustiça, fraqueza, miséria, finalmente todas as imperfeições sejam quais forem. Ela *inclui* a necessidade da vida, independência, unidade perfeita, simplicidade, imensidade, eternidade, imortalidade; a vida mais perfeita, conhecimento, sabedoria, integridade, poder, glória, bem-aventurança perfeita e tudo no mais alto grau.

c. **Seu alcance.** Haverá por acaso povos sem crença num Ser supremo? Pensou-se, noutros tempos, ter encontrado entre as tribos do Sudeste da Austrália e os indígenas da Terra do Fogo este tipo de população. Mas os estudos empreendidos sobre este ponto destruíram esta opinião.

O mesmo acontece com relação aos semangos de Málaca, aos negritos das Filipinas, aos negrilhos da África equatorial e às tribos da Califórnia central. Assim, o ateu é apenas um instrumento teórico e não prático. O néscio disse em seu coração: "Não há Deus" (Sl 14.1), mas veja o leitor que se trata de uma pessoa desequilibrada mentalmente. Porém, evidentemente *ele disse*: mas certamente não dirá mais.

d. **Sua existência como Senhor.** Na definição de Sir Isaac Newton a palavra DEUS freqüentemente significa Senhor; mas nem todo senhor é Deus; é o domínio de um Ser ou Senhor espiritual que constitui Deus; o verdadeiro domínio, o verdadeiro Deus; supremo, o supremo.

Desse verdadeiro domínio segue que o verdadeiro Deus é vivo, inteligente e poderoso; e por isso é que Ele é supremo, ou supremamente perfeito; Ele é eterno e infinito; Onipotente... Conhecemo-lo por suas qualidades e atributos.(9)

3. SUA EXISTÊNCIA NEGADA

"Disse o néscio no seu coração: Não há Deus..." (Sl 14.1a). O ser humano tem lutado sempre por entender quem é e de onde provém.

Na procura de respostas, surgiram duas tendências (além daquelas consideradas por demais absurdas). Uma delas afirma que o homem provém de um Criador, Deus, e que o mundo inteiro foi criado por Ele. Baseando-se nesta crença, desenvolveram-se as religiões, os valores, a ética e a herança espiritual do nosso mundo (Rm 1.19-32).

Esta é a corrente que tem por centro Deus.

A outra tendência, fundamentalmente diferente, afirma que Deus não *existe* e que este mundo não é o resultado de uma criação especial.

Segundo este conceito, só a matéria tem existido sempre e é a essência do Universo. A vida humana não é senão um fenômeno mais associado à matéria. Desta forma, os seres humanos têm que criar a sua própria significação, assim como as suas próprias soluções aos problemas da vida.

Esta é a corrente materialista.

Estas duas correntes são antagônicas. Uma delas, afirmando que há um Ser Absoluto e, portanto, valores absolutos. A outra, afirmando que não há um Ser Absoluto e que os valores são relativos. A primeira assegura que a felicidade se atinge mediante o desenvolvimento da natureza inteira do homem, de acordo com princípios morais e éticos. A segunda afirma que a felicidade se atinge através da satisfação sensorial ou material. A corrente materialista afeta hoje o mundo inteiro, mas nunca dominará o mundo inteiro (Ap 6.15).

a. **O Ateísmo**. O sentido etmológico do termo é: *Não de Deus*. É uma negativa franca e positiva da existência de Deus. A designação não é evidentemente aplicada à mera ignorância da existência de Deus.([10])

Um ateu dogmático é aquele que se presume informando quanto às reivindicações teístas, mas nega enfaticamente a existência de Deus. É possível que um ateu consistente jamais tenha existido. Ele é um indivíduo esporádico que forçou a intuição e a razão para fora do equilíbrio numa tentativa de defender uma premissa negativa adotada.

O homem não pode e, portanto, não se ajusta sempre completamente às conclusões lógicas do ateísmo. Caso ele se ajuste, não apenas repudiaria a Deus, todos os valores morais e a realidade espiritual, como também repudiaria a constituição humana do seu lado imaterial.

Para o ateu consistente não poderia haver mente, nem consciência, nem moralidade, nem sensibilidade, nem vontade.

Portanto, o ateu é mais um objeto teórico do que prático.([11])

b. **O Deus Desconhecido.** De acordo com Atos 17.22 e ss, Paulo, em seu grande discurso na Colina de Marte, toma como tema principal, a existência de Deus. O grande sábio, em poucas palavras, declarou a sua grande missão, pois era fazer conhecido deles esse Deus desconhecido.

Paulo argumenta que Deus não podia ser adorado segundo o sistema idolátrico de Atenas e do mundo pagão em geral. O seu argumento foi muito precioso, pois ele se encontrava entre os membros de duas escolas de filosofia: os *epicureus* e os *estóicos*. A expressão "O Deus Desconhecido", no grego é "agnõstos theos". Em Atos 17.23, Paulo se refere ter visto este nome num altar erigido no cume do Areópago. Pausânias([12]) diz que em Atenas existiam "altares de deuses chamados desconhecidos", enquanto que Filóstrato([13]) similarmente faz menção de "altares a divindades desconhecidos". Seja como for, Paulo os fez pensar no Deus Todo-poderoso, sensível ao coração.

A origem sobre este altar erigido ao DEUS DESCONHECIDO, baseia-se principalmente em uma tradição registrada como história por Diógenes Laércio, um autor grego do século III a.C., numa obra clássica denominada *The Lives of Eminent Philosophers* (As vidas de Filósofos Eminentes), op. cit. Vol. 1, p. 110. Os elementos básicos na narrativa de Diógenes são:

"Epimênides, um herói cretense, atendeu a um pedido de Atenas, feito por Nícias, a fim de aconselhar a cidade sobre como remover uma praga.

"Ao chegar a Atenas, Epimênides conseguiu um rebanho de ovelhas pretas e brancas e soltou-se na colina de Marte (monte do Areópago), dando instruções para que alguns homens seguissem as ovelhas e marcassem o lugar onde qualquer delas se deitasse.

"O propósito aparente de Epimênides era dar a qualquer deus ligado à questão da praga a oportunidade de revelar sua

disposição em ajudar, fazendo com que as ovelhas que o agradassem ficassem deitadas, como um sinal de que as aceitaria se fossem oferecidas em sacrifício. Desde que não haveria nada extraordinário no fato de ovelhas se deitarem fora de seu período habitual de pastagem. Epimênides provavelmente conduziu sua experiência bem cedo de manhã, quando as ovelhas estavam famintas.

"Algumas das ovelhas deitaram e os atenienses as ofereceram em sacrifícios sobre os altares sem nome, construídos especialmente com esse propósito. A praga foi assim removida da cidade."

Os leitores do Antigo Testamento lembrarão de que um herói chamado Gideão, buscando conhecer a vontade de Deus, colocou "um velo de lã" (Jz 6.37), como sinal. Epimênides fez mais um pouco que Gideão. Ele colocou o rebanho inteiro!

Segundo a passagem em *Leis*, de Platão, Epimênides também profetizou, ao mesmo tempo, que dez anos mais tarde um exército persa atacaria Atenas. Todavia, os inimigos persas "retrocederão com todas as suas esperanças frustradas e depois de sofrerem mais ferimentos do que os infligidos por eles". Esta profecia foi cumprida. O conselho, de sua parte, ofereceu a Epimênides um talento em moedas por seus serviços, mas ele recusou o pagamento: "A única recompensa que desejo", disse, "é estabelecer aqui e agora um tratado de amizade entre Atenas e Cnossos". Os atenienses concordaram. Após a ratificação do tratado com Cnossos eles providenciaram a volta de Epimênides em segurança para sua casa na Ilha.

Platão, nessa mesma passagem, elogia Epimênides chamando-o "esse homem inspirado" e lhe dá crédito como um dos personagens famosos que ajudaram a humanidade a redescobrir as invenções perdidas durante "O Grande Dilúvio".

Outros detalhes nesta referência concernente à causa da maldição foram obtidos de uma nota de rodapé de um editor sobre a obra *The Art of Rhetoric* ((A Arte da Retórica), op. cit. Livro 3, 17. 10 de Aristóteles, encontrada na "Loeb Classical Library", traduzida por J. H. Freese e publicada em Cambridge, Estado de Massachusetts. A explicação de que o próprio oráculo de Pítias ordenou aos atenienses que mandassem buscar Epimênides faz parte da menção anterior das *Leis* de Platão.

Diógenes Laércio não menciona que as palavras "agnosto theos" estavam escritas em todos os altares de Epimênides. Ele

declara, entretanto, que num deles, bem ao centro, a expressão ocorria em letras grandes e legíveis. E, ainda mais, segundo Diógenes "em diferentes partes da Ática podem ser vistos altares sem qualquer nome gravado, servindo de memoriais para esta expiação".

Dois outros escritores da antiguidade: Pausânias, em sua obra *Description of Greece* (Descrição da Grécia), op. cit. Vol. 1, 1.4, e Filostratos, em sua *Appolonius of Tyana* (Apolônio de Tiana), ambos já citados neste artigo, referem-se a "altares a um deus desconhecido", sugerindo que uma inscrição nesse sentido estivesse gravada neles.

O fato de tal inscrição achar-se em pelo menos um altar de Atenas é confirmado por Lucas, um historiador do primeiro século. Ao descrever as aventuras de Paulo, o famoso apóstolo cristão, Lucas menciona um encontro esclarecido de modo impressionante pela história de Epimênides, já referido: "...Enquanto Paulo os esperava em Atenas" começou Lucas, "...o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria" (At 17.16).

Se Atenas se gabava de centenas de deuses nos dias de Epimênides, é provável que nos de Paulo houvesse centenas de outros. A idolatria, por sua própria natureza, possui um "fator inflacionário" embutido.

Uma vez que os homens rejeitem o Deus único onisciente, onipotente e onipresente, preferindo divindades menores, eles finalmente descobrem, para sua frustração, que um número infinito de divindades inferiores é necessário para preencher o espaço deixado pelo Deus verdadeiro! Quando Paulo viu Atenas rebaixando o privilégio sagrado da adoração por parte do homem, dirigindo-a para simples figuras de madeira e pedra, o horror tomou conta dele! E entrou imediatamente em ação. *Primeiro*: "De sorte que disputava na sinagoga com os judeus e religiosos...".

E *segundo*: "...E todos os dias disputava na praça com os que se apresentavam". Não que os judeus e gregos piedosos estivessem praticando idolatria! De modo algum. Eles, porém, eram os únicos que poderiam se opor à idolatria predominante na cidade.

Paulo talvez os achasse tão habituados a cenas de idolatria que não podiam mais preparar uma ofensiva de impacto contra a mesma. De qualquer modo, o apóstolo lançou seu próprio ataque. Ele discutia também, diz Lucas "...na praça com os que se

apresentavam''. Quem se encontrava ali? E como reagiram? Lucas explica: ''E alguns dos filósofos epicureus e estóicos contendiam com ele; e uns diziam: Que quer dizer este paroleiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos''. Por que este último comentário? Os filósofos, sem dúvida, ouviram Paulo falar de ''Theos'' - Deus. Theos era um termo familiar para eles. Todavia, não o empregavam geralmente como nome pessoal, mas em relação a qualquer divindade - da mesma forma que *homem* em português significa qualquer indivíduo, não sendo considerado nome próprio para quem quer que seja.

Entretanto, os filósofos devem ter sabido que Xenofonte, Platão e Aristóteles, três grandes filósofos, usaram ''Theos'' como nome pessoal para um Deus Supremo em seus escritos. (Veja, por exemplo, Enciclopédia Britânica, 15ª ed. Vol. 13, p. 951 e Vol. 14, p. 538).

Dois séculos depois de Platão e Aristóteles, tradutores da Setuaginta, a primeira versão grega do Antigo Testamento, enfrentaram um grande problema: um equivalente adequado para o nome hebraico usado para Deus, ''Elohim'', poderia ser encontrado na língua grega? Eles rejeitaram ''Zeus''. Embora ''Zeus'' fosse chamado ''rei dos deuses'', as teologias pagãs decidiram tornar ''Zeus'' filho de dois outros deuses, ''Cronos'' e ''Rea''. Um filho de outros seres não pode igualar-se a ''Elohim'', que é incriado. Os tradutores finalmente reconheceram o uso fortuito de ''Theos'' feito pelos três grandes filósofos acima como um nome próprio grego para o Todo-poderoso. ''Theos'', neste uso especial, achava-se ainda livre da contaminação do erro! Eles o adotavam, assim como Paulo adotou ''Theos'' para as suas pregações e escritos no Novo Testamento!

Paulo, entretanto, havia ''passado e observado'' (At 17.23) e descobriu algo ''no sistema'' que não fazia parte ''do'' sistema: um altar que não se associava a qualquer ídolo! Um altar com a curiosa inscrição: AO DEUS DESCONHECIDO. Paulo percebeu uma diferença de comunicação que provavelmente abriria as mentes e os corações daqueles filósofos estóicos e epicureus. Quando eles o convidaram para apresentar formalmente seu ponto de vista num local mais próprio para uma discussão lógica, Paulo aceitou.

O lugar do encontro foi o Areópago, isto é, A Sociedade da

Colina de Marte, um grupo de atenienses eruditos que se reuniam ali para discutir questões de história, filosofia ou religião. Naquela mesma colina, quase seis séculos antes, Epimênides resolvera o problema da praga em Atenas.

Paulo, então, inicia dizendo: "Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos...". Depois continua Paulo: "Porque passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO". O apóstolo fez a declaração a seguir que aguardara seis séculos para ser pronunciada: "...Esse pois que vós honrais, não o conhecendo, é o que vos anuncio". O Deus proclamado por Paulo era realmente um deus estranho como suposto pelos filósofos? De maneira alguma! Segundo o raciocínio de Paulo, o Senhor Jeová, o Deus dos judeus e dos cristãos, já fora representado pelo altar de Epimênides. Tratava-se, portanto, de um Deus que já interferira na história de Atenas, tendo certamente o direito de ver o seu nome proclamado ali!

Paulo compreendia realmente o pano de fundo histórico desse altar e o conceito de um deus desconhecido? Há evidência quanto a isso! Pois Epimênides, além de sua habilidade para lançar luz sobre problemas obscuros das relações entre o homem e Deus, era também um poeta! E Paulo citou a poesia de Epimênides! Quando deixou um missionário de nome Tito para fortalecer as igrejas na Ilha de Creta, Paulo escreveu mais tarde, instruções para guiar Tito em seus tratos com os cretenses: "Um deles (Epimênides), seu próprio profeta, disse: Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos. Este testemunho é verdadeiro" (Tt 1.12,13a). As palavras citadas por Paulo são de um poema atribuído a Epimênides (Enciclopédia Britânica, Micropaedia, 15ª ed. Vol. 3, p. 924).

É possível que os membros da Sociedade do Areópago (Colina de Marte) também conhecessem a história de Epimênides através das obras de Platão, Aristóteles e outros. Eles devem ter ouvido admirados quando Paulo começou seu discurso naquela base transcultural perceptiva. Mas, o resultado foi satisfatório! "Todavia, chegando alguns varões a ele, creram..." (At 17.34a). Os epicureus eram céticos que rejeitavam todas as religiões. Acreditavam que o mundo se formou casualmente, que a alma humana é mortal e que o prazer é o principal fim da vida.

Os estóicos eram panteístas, quer dizer, acreditavam que tudo é parte de Deus e que Deus estava em tudo. Confundindo assim Deus com a natureza. Criam que a virtude é o fim principal da vida, e que devia ser praticada como um fim em si mesma.

c. **Sua existência na Arqueologia.** Somente nos últimos dias é que os arqueólogos da Universidade de Tel-Aviv terminaram de decifrar o amuleto de prata encontrado em escavações de um túmulo perto do Monte Sião, na antiga Jerusalém: nele, conseguiram ler a palavra DEUS, em hebraico, e chegaram à conclusão de que se trata de uma descoberta histórica.

Aquele amuleto, encontrado em 1980, pouco maior que uma cabeça de fósforo, é do século VII ou VI a.C., época em que Jerusalém foi conquistada pelo Exército da Babilônia, e passa a ser a mais antiga inscrição com a palavra DEUS, superando aquela que surge num museu de Israel do século II a.C. O arqueólogo Gabriel Barkay, da Universidade de Tel-Aviv, disse ontem (10.01.83) que fica difícil decifrar os amuletos, pois os antigos judeus julgavam um sacrilégio escrever o nome de DEUS e, assim, acabavam recorrendo a um tipo de escrita quase inteligível.

Os judeus ortodoxos e os árabes são contrários às escavações de Israel naqueles locais, mas o governo tenta provar as vantagens de se mexer nas terras sagradas.([14])

Tanto o testemunho das Escrituras como o da Arqueologia têm colaborado para a crença universal da existência de Deus. Negar isto é como se estivesse negando o próprio Deus!

([1]) L. S. C. Teol. Sist. 1987
([2]) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
([3]) R. J. Curs. de Fil. 1984
([4]) Nov. Dic. Stand. 1913
([5]) R. J. Metaf. 1972
([6]) op. cit. 1972
([7]) E. S. L'ind. 3ª part. c. II
([8]) op. cit. 3ª part. c. II
([9]) Inst. de Watson, I. 268-269
([10]) R. J. Metaf. 1972
([11]) op. cit. 1972
([12]) Desc. da Gréc. I. 1. 4
([13]) Vid. de Apol. de Tiana. VI. 3. 5
([14]) J. O. Est. de SP. 11-01-83

2
O Argumento Antropomórfico

Não podemos escapar, desde que pensemos em Deus e falemos em Deus, ao antropomorfismo, uma vez que não podemos pensar em Deus e falar de Deus a não ser com o auxílio de conceitos, tomados do sensível.

Este argumento, o antropomorfismo, prende-se à concepção como Deus se tem revelado (ou se revela) de "forma humana" para que seja entendido pela mente natural. Ele, porém, se faz necessário, para que Deus não seja apenas concebido como o Deus do Panteísmo, que consiste em negar que Deus e o Universo sejam realmente distintos.(1)

Ainda que "Deus é Espírito" (Jo 4.24), contudo, Ele é um Ser pessoal. Paulo define isso por amor de seu argumento, quando diz: "...há corpos celestes" e "...corpo espiritual" (1 Co 15.40-44). Necessariamente, portanto, o corpo de Deus é de ordem espiritual.

Ora, como já expomos acima, o antropomorfismo, por outro lado, pode ser precioso para a consciência religiosa, uma vez que dá um certo ponto de apoio à alma humana, que tem necessidade de imaginar aquilo que pensa (Pv 23.7).

1. DEFINIÇÃO DO ARGUMENTO

Em várias manifestações de Deus aos homens, Ele se apresentou com características pessoais, quer dizer, com forma determinada. Se Deus não existisse assim, jamais Ele teria feito tal revelação de

si mesmo. Embora que sendo tal qual Ele seja, pode ultrapassar o infinito, porém, jamais, Ele simularia ser aquilo que Ele não é.(2)

Para uma melhor compreensão do significado do argumento, observemos aquilo que segue (as citações que determinam as partes do seu Ser estão todas em negrito):

Sua Cabeça

"Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou: o seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da **sua Cabeça** como a limpa lã..." (Dn 7.9a).

Seu Rosto

"Quando tu disseste: Buscai o meu rosto; o meu coração te disse a ti: **o teu Rosto**, Senhor, buscarei" (Sl 27.8).

Sua Face

"E disse mais: Não poderás ver a minha face, porquanto homem nenhum verá a **minha Face**, e viverá" (Êx 33.20).

Seu Cabelo

"Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião de dias se assentou: o seu vestido era branco como a neve, e o **Cabelo** da sua cabeça como a limpa lã..." (Dn 7.9a).

Seu Olho (singular)

"Achou-o na terra do deserto, e num ermo solitário cheio de uivos; trouxe-o ao redor, instruiu-o, guardou-o como a menina do **seu Olho**" (Dt 32.10; Ez 9.10).

Seus Olhos (plural)

"Os **olhos do Senhor** estão em todo o lugar, contemplando os maus e os bons" (Pv 15.3).

A menina do seu Olho

"Trouxe-o ao redor, instruiu-o, guardou-o como **a Menina** do seu olho..." (Dt 32.10; Zc 2.8).

Suas Pálpebras (pestanhas)

"O Senhor está no seu santo templo: o trono do Senhor está nos céus; os seus olhos estão atentos, e as **suas Pálpebras** provam os filhos dos homens" (Sl 11.4).

Seu Nariz

"Do **seu Nariz** subiu fumo, e da sua boca saiu fogo que consumia; carvões se acenderam dele" (Sl 18.8).

Suas Narinas

"Então foram vistas as profundezas das águas, e foram descobertos os fundamentos do mundo; pela tua repreensão, Senhor,

ao soprar das **tuas Narinas**'' (Sl 18.15).

Sua Respiração

''E a **sua Respiração** é como o ribeiro transbordando, que chega até ao pescoço, para peneirar as nações com peneira de vaidade: e um freio de fazer errar está nas queixadas dos povos'' (Is 30.28).

Seu Ouvido (singular)

''Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o **seu Ouvido** agravado, para não poder ouvir'' (Is 59.1).

Seus Ouvidos (plural)

''Inclina para mim os **teus Ouvidos**, livra-me depressa; sê a minha firme rocha, uma casa fortíssima que me salve'' (Sl 31.2).

Sua Boca

''**Boca a Boca** falo com ele, e de vista, e não por figura; pois, ele vê a semelhança do Senhor...'' (Nm 12.8a; Is 34.16 etc.).

Seus Dentes

''Na sua ira me despedaçou, e ele me perseguiu; rangeu os **seus Dentes** contra mim...'' (Jó 16.9a).

Seus Lábios

''Eis que o nome do Senhor vem de longe ardendo na sua ira, e lançando espesso fumo; os **seus Lábios** estão cheios de indignação...'' (Is 30.27a).

Sua Língua

''...Os seus lábios estão cheios de indignação, e a **sua Língua** é como um fogo consumidor'' (Is 30.27b).

Seu Hálito

''Com **o Hálito** de Deus perecem; e com o assopro da sua ira se consomem'' (Jó 4.9).

Seu Riso

''Aquele que habita nos céus **se Rirá**, o Senhor zombará deles'' (Sl 2.4).

Seu Dedo (singular)

''Então disseram os magos de Faraó: Isto é **o Dedo** de Deus. Porém o coração de Faraó se endureceu, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito'' (Êx 8.19; Lc 11.20).

Seus Dedos (plural)

''Quando vejo os teus céus, obra dos **teus Dedos**, a lua e as estrelas que preparaste'' (Sl 8.3).

Sua Mão (singular)

"Eis que **a Mão** do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o seu ouvido agravado, para não poder ouvir" (Is 59.1).

Suas Mãos (plural)

"Então disse Davi a Gade: Estou em grande angústia: porém caiamos **nas Mãos** do Senhor..." (2 Sm 24.14a).

Sua Mão Direita

"E disse: Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, que está em pé, **à Mão Direita** de Deus" (At 7.56).

Sua Mão Esquerda

"Vi ao Senhor assentado sobre o seu trono, e todo o exército do céu estava junto a ele, à sua mão direita e **à sua Esquerda**" (1 Rs 22.19b).

As Palmas das suas Mãos

"Eis que nas **Palmas das minhas Mãos** te tenho gravado: os teus muros estão continuamente perante mim" (Is 49.18).

A Sombra da sua Mão

"E ponho as minhas palavras na tua boca, e te cubro com a **Sombra da minha Mão**" (Is 49.2 e 51.16).

Seu Braço (singular)

"Com ele a minha mão ficará firme, e o **meu Braço** o fortalecerá" (Sl 89.21).

Seus Braços (plural)

"O Deus eterno te seja por habitação, e por baixo sejam os **Braços Eternos**..." (Dt 33.27a).

Seus Pés

"E viram o Deus de Israel, e debaixo de **seus Pés** havia como uma obra de pedra de safira, e como o parecer do céu na sua claridade" (Êx 24.10).

As Plantas de seus Pés

"E me disse: Filho do Homem, este é o lugar do meu trono, e o lugar **das Plantas dos meus Pés**, onde habitarei..." (Ez 43.7a).

O Pó dos seus Pés

"O Senhor tem o seu caminho na tormenta, e na tempestade, e as nuvens são **O Pó dos seus Pés**" (Na 1.3b).

As suas Pegadas (rastro)

"Pelo mar foi teu caminho, e tuas veredas pelas grandes águas; e as **tuas Pegadas** não se conheceram" (Sl 77.19).

Seus Passos

"A justiça irá adiante dele, e ele nos fará andar no caminho aberto **pelos seus Passos**" (Sl 85.13).

Suas Costas

"E, havendo eu tirado a minha mão, me verás **pelas Costas**; mas a minha face não se verá" (Êx 33.23).

Seus Lombos

"E daí para cima; e, desde a semelhança dos **seus Lombos**, e daí para baixo" (Ez 1.27b).

Sua Coluna (por inferência)

"Quem é como o Senhor nosso Deus, que habita nas alturas; que se **Curva** (movimentação da coluna): para ver o que está nos céus e na terra?" (Sl 113.5,6).

Seu Interior

"E vi como a cor de âmbar, como o aspecto do fogo pelo **Interior dele**..." (Ez 1.27a).

Seu Coração

"Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e pesou-lhe em **seu Coração**" (Gn 6.6).

Suas Entranhas

"Onde estão o teu zelo e as tuas obras poderosas? O arruído das **tuas Entranhas**" (Is 63.15b; Lc 1.78).

Seu Pensamento

"Porque os **meus Pensamentos** não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor" (Is 55.8).

Sua Cor Exterior

"E o que estava assentado era, na aparência, **Semelhante à Pedra Jaspe e Sardônica**..." (Ap 4.3a).

Sua Semelhança

"E sobre a semelhança do trono havia como que a **Semelhança dum Homem**, no alto..." (Ez 1.26b).

Sua Sombra

"E aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a **sua Sombra**" (Ap 7.15b).

Sua Presença

"Disse pois: Irá a **minha Presença** contigo para te fazer descansar" (Êx 33.14).

Seu Sapato

"Moabe é a minha bacia de lavar; sobre Edom lançarei o **meu Sapato**..." (Sl 60.8a).

Seu Vestido

"Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um ancião (Deus) de dias se assentou: o **seu Vestido** era branco como a neve..." (Dn 7.9a).

A Manga do seu Vestido (por inferência)

"O Senhor **Desnudou o seu Santo Braço** perante os olhos de todas as nações..." (Is 52.10a).

Seu Lado Esquerdo

Muitos teólogos e escultores questionam a existência do lado esquerdo de Deus. Ora, no tocante a isso, a Bíblia não nos deixa nenhuma sombra de dúvida. Ela fala:

Do olho esquerdo de Deus (Sl 11.4);

Do pé esquerdo de Deus (Ez 43.7; Na 1.3; Hc 3.5);

Da esquerda de Deus (1 Rs 22.19);

Do braço esquerdo de Deus (Dt 33.27);

Do ouvido esquerdo de Deus (Sl 55.1);

E, finalmente, do lado esquerdo de Deus (1 Rs 22.19; Ez 1.27).

2. O ALCANCE DO ARGUMENTO

Por mais estranho que seja esta linguagem apresentada no presente argumento, ela não cria para nós uma impressão de irrealidade.

Porque, como sabemos, toda a cena é bem real, mas inteiramente diferente de tudo o que os homens conhecem sobre a face da terra.(3)

Assim, para poder transmitir a idéia daquilo que ele vê, o Espírito Santo transmite, através dos profetas, palavras tais como: "semelhante", "aparência", "aspecto", "como", etc. E por meio de tais sentidos, o homem possa, mediante a "fé", aceitar a existência e forma determinada do Deus pessoal, como nos é declarado nas próprias Escrituras, que descrevem em sua multiforme estes aspectos. Veja!

Primeiro: "...A forma de Deus" (Fl 2.6);

Segundo: "...A imagem de Deus" (2 Co 4.4);

Terceiro: "...A sua pessoa" (Hb 1.3).

Procuramos, portanto, neste argumento apresentado, levar apenas ao leitor uma compreensão (que se não é perfeita, contudo é real) daquilo que pode, e deve ser dito acerca de Deus; porém, sem esquecermos, como já dissemos no princípio do argumento que Deus nos ultrapassa ao infinito, pois, em seu Ser, tudo quanto Ele é, e faz, ultrapassa qualquer possibilidade de entendimento da mente humana, porém suas manifestações antropomórficas foram feitas, e se fizeram necessárias, para conseguirem satisfazer a razão e o coração humano.([4])

([1]) R. J. Curs. de Fil. 1984
([2]) R. J. Metaf. 1972
([3]) op. cit. 1072
([4]) Idem. 1972

3
O Argumento Antropológico

"Porque nele (Deus) vivemos, e nos movemos, e existimos; como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração" (At 17.28 e ss). Este argumento (anthropos-homem), prova a existência de Deus, estabelecendo a natureza moral e mental do homem. Através deles podemos formar um silogismo e conseguirmos a seguinte conclusão:

Premissa maior: O homem possui uma natureza moral e mentalmente ela é intelectual, volitiva, emocional e moral.

Premissa menor: As impotentes (para criar) forças naturais ou artificiais são, em si mesmas, incapacitadas para produzirem tal natureza especial como a do homem.

Conclusão: Depende de uma força superior, que é Deus!

1. O ARGUMENTO EM SI

A própria constituição tríplice do homem prova a existência do seu Criador: "nele existimos". Se Deus não existisse, evidentemente, o homem também não existiria. O próprio cético (ateu) quando se propõe a combater a existência divina, está simplesmente provando que Deus existe, pois como se pode combater aquilo que não existe?

a. **Prova contemporânea**. O próprio testemunho contemporâneo prova também esta realidade, no que diz respeito à existência do Supremo Deus. Recentemente uma pesquisa mostrou que a maioria absoluta das pessoas humanas acredita em Deus.

"Deus existe?" A grande maioria das respostas foi positiva: 87.3% afirmaram sem vacilar. Isto significa que, apesar do materialismo da vida contemporânea, permanece muito vivo o senso de DEUS entre os nossos concidadãos.

Aliás, já Agostinho dizia: "Senhor, tu nos fizeste para ti, e inquieto é nosso coração enquanto não repousa em ti".(1) É tão arraigado o senso de Deus no homem que já aparece na pré-história, como um dos indícios de hominização, quando os homens sepultavam os seus mortos voltados para o sol nascente (sol nascente que era tido como o olho da Divindade). Persiste também na grande descoberta do Universo cosmológico imenso e harmonioso. A intuição do "big-bang..." dá testemunho do Criador, a tal ponto que os astronautas Armstrong, Edwin e outros, ao chegarem à Lua, em 20/07/1969, deram demonstração de fé em Deus.

Assim se comprova que a "pouca ciência, a ciência de verniz ou captada em um livro, afasta de Deus, mas a muita ciência leva a Deus" (1 Tm 6.20,21).

b. **Não tem prova contra**. Quanto à negação da existência de Deus, é uma opção ditada pela evidência, pois não se pode provar que Deus não existe. Pode-se, porém, chegar por via do raciocínio à existência do Supremo Ser absoluto, do qual os demais seres se derivam por criação; é o que já os filósofos gregos Platão e Aristóteles fizeram, antes de Cristo. O próprio Sócrates afirma esta grande realidade em suas últimas palavras que antecediam sua morte: "Soou a hora da partida. E seguiremos nosso caminho. Eu para a morte e vocês para a vida. Qual o melhor? Só Deus sabe!".(2)

2. PROVA PELA ASPIRAÇÃO

Esta se fundamenta nas "aspirações da alma". Esta prova da existência de Deus se manifesta através da inquietação da alma. O homem é submetido, durante sua vida, a uma espécie de contradição, que não cessa de inquietar-lhe a razão e angustiar-lhe o coração: está, por um lado, com todas as forças de seu ser profundo, anelando pela posse de uma felicidade perfeita, estável e sem fim, em que se realizariam igualmente a perfeição de sua natureza e as aspirações de seu coração, e, ao mesmo tempo, e por mais que reaja, é vítima da miséria, da doença, da tristeza e, finalmente, da morte. O coração por sua *própria natureza busca* a Deus. Existe um

vazio a ser preenchido e, necessariamente, enquanto esta perfeição aspirada pela alma não se concretizar, o homem é *um* e continuará sendo *um* ser de inquietude!

a. **O desejo moral**. A alma humana possui em si mesma um desejo natural de Deus. O ponto de partida deste argumento é, pois, um fato presenciado na ordem moral, a saber, o desejo natural da perfeição ou do Bem infinito, manifestado pela inquietude incessante da alma humana.

Nossa vontade orienta-se por si mesma, em virtude de uma espécie de lógica imanente, em direção ao Bem absoluto e ao Ser necessário.

Sem dúvida, muitas vezes nossa ação real vem contradizer nossa vontade profunda, esta vontade que é, em nós, uma verdadeira natureza. Mas, a insatisfação da consciência, os fracassos, os desfalecimentos de toda espécie não cessam de nos advertir de nossos erros e de nos mover a obedecer mais fielmente às exigências do nosso querer-ser fundamental. Elas nos orientam, irresistivelmente, para além da vida humana, além de todo o Universo, em direção a Deus, fim último, no qual somente nosso coração pode encontrar a paz desejada e a alegria perfeita.([3]) Tudo isso acontece, porque há em nós uma imposição moral do próprio Criador.

b. **A ordem moral**. É, portanto, impossível admitir que o mundo, ordenado e racional na ordem física, seja lançado ao absurdo na ordem moral. Isto equivale a dizer que a ordem moral impõe e exige a um tempo um Bem supremo que satisfaça os profundos desejos do coração humano, e uma Providência que assegure a realização de uma soberana e incorruptível justiça. Isso é possível, graças à existência de um Supremo Ser! Sem esta existência não existiria, então, esta aspiração.

([1]) S. A. Confissões, 1986
([2]) A. X. T. Int. ao Est. de Fil. 1984
([3]) M. B. L'Action (A Ação), Paris, 1893

4

O Argumento Cosmológico

Este argumento, conforme determina o termo, relaciona-se com a manifestação palpável do Universo físico. O Universo é um fenômeno ou um efeito que implica em uma causa adequada. O argumento cosmológico aduz (ou traz) a evidência que Deus existe e que Ele é a Causa Primeira de todas as coisas, sejam visíveis ou invisíveis.

Quatro teorias foram desenvolvidas pelos filósofos e metafísicos quanto à origem do Universo material:([1])

A primeira: Que a constituição da natureza é eterna e que suas formas sempre existiram;

A segunda: Que a matéria sempre existiu, mas que sua atual constituição e forma ficou sujeita a um auto-desenvolvimento, que foi o ponto de vista de Epicuro (341-269 a.C.), e é a crença declarada do ateu moderno;

A terceira: Que a matéria é eterna, mas que seu atual arranjo é obra de Deus, que foi a doutrina de Platão (430-347 a.C.), Aristóteles (382-322 a.C.) e muitos outros;

A quarta: Que a matéria é uma coisa criada, tendo aparecido do nada pelo poder criador de Deus, que é a Revelação bíblica, e que, evidentemente, está de acordo com a Bíblia e o argumento principal.

1. NA REVELAÇÃO BÍBLICA

As Escrituras afirmam que Deus criou os céus (o espiritual)

e a terra (o material) e todas as coisas pelo supremo poder da Palavra.

Os céus incluindo a terra (Êx 20.11; 31.17; Ne 9.6; Sl 89.11,12; 102.25; Is 37.16; 42.5; 44.18; 51.13.16 etc.). E centenas de passagens similares.

a. **Definição do argumento.** O argumento cosmológico depende da validade de três verdades contribuintes que se apresentam da seguinte maneira:

I. Que todo efeito deve ter uma causa;

II. Que o efeito depende de sua causa para sua existência; e

III. Que a natureza não pode produzir-se.

A doutrina comum sobre este assunto inclui os seguintes pontos de observação:

Primeiro, uma causa é alguma coisa. Ela tem existência real. Ela não é simplesmente um nome para uma certa relação. É uma entidade real, uma substância. Isto é evidente porque se não for uma entidade não pode agir. Se aquilo que não existe pode ser uma causa, então nada pode produzir alguma coisa, o que seria uma contradição.

Segundo, uma causa deve ter, além de ser real, poder e eficácia. É preciso que haja algo em sua natureza para explicar os efeitos que produz.

Terceiro, esta eficácia tem de ser adequada; isto é, suficiente e apropriada para o efeito. Que esta é uma visão verdadeira da natureza de uma causa, está evidente.([2])

b. **Observação.** No Universo, em tudo, encontramos ordens e leis. Para nós, o Universo é inteligível. Podemos compreendê-lo e interpretá-lo. Ainda mais, podemos sistematizar os conhecimentos que dele adquirimos, porque o que ele revela uma vez não nega mais tarde (Rm 1.19 e ss).

Assim temos as ciências físicas. Se o Universo é inteligível, é-o por ser efeito de uma causa inteligente. Só a inteligência pode causar o inteligível e só a inteligência de um Ser superior podia e pode fazer surgir o inteligível no mundo habitável. Há uma ordem racional em tudo, e só uma razão pode causar efeito racional. E, evidentemente, Deus é esta razão e esta Causa.

2. UM SILOGISMO

O silogismo (usado em lógica formal) é um argumento pelo

qual, de um antecedente que une dois termos a um terceiro, tira-se um conseqüente que une estes dois termos entre si.(3) No que diz respeito à sua composição, todo *silogismo regular* se compõe então de três proposições, nas quais três termos são comparados dois a dois. Estes termos são:

a. *O termo maior* (T), assim chamado porque é o que tem maior extensão;

b. *O termo menor* (t), assim chamado porque é o que tem menor extensão;

c. *O termo médio* (M), assim chamado porque é o intermediário entre o termo maior e o termo menor.

As duas primeiras proposições, que compõem coletivamente o antecedente, se chamam *premissas*, e a terceira, *conclusão*. Das duas premissas, a que contém o termo maior se chama maior. A que contém o termo menor, se chama menor.

Podemos, então, formar um silogismo entre Deus e o Universo e depois tirar a seguinte conclusão:

Premissa maior (T): todo efeito tem uma causa;

Premissa menor (t): o Universo é um efeito;

Conclusão (M): o Universo não surgiu por acaso; ele teve uma causa e, necessariamente, esta Causa é Deus!

---

(1) L. S. C. Teol. Sist. 1987
(2) R. J. Metaf. 1972
(3) R. J. Curs. de Fil. 1984

5
O Argumento Teleológico

Este argumento, conforme determina o termo, aduz a evidência de que Deus existe a partir da presença da ordem e da adaptação no Universo. A Teleologia traz em si o significado de "estudo ou doutrina das causas finais". Em outras palavras, este argumento focaliza a "marca de Deus" em cada parte do Universo. Ele tem alguma semelhança (em alguns detalhes) com o argumento cosmológico. Por exemplo: "Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes. Em toda a extensão da terra..." (Sl 19.1-4). Porém, é evidente que não devemos nos prender que Deus estará obrigado ou limitado a cada efeito, isto é, que cada efeito tenha que ter semelhança com a Causa. Nem sempre isto é lógico.

1. DEFINIÇÃO DO ARGUMENTO

devemos ter em mente que os teleologistas prendem-se bastante à semelhança entre causa e efeito ou vice-versa. Finalmente, dizem alguns: "o efeito tem que ser parecido com a causa". No caso de Deus, há uma base para semelhança entre Deus e as criaturas somente quando a característica causada é essencial e não meramente acidental ao efeito. De modo semelhante, Deus é Espírito, mas Ele cria matéria.

A matéria não é como Deus (embora derive sua realidade de

Deus), pois está limitada na sua forma e extensão. Suas limitações físicas são essenciais às próprias condições da sua criação. Porém, é evidente que, em sentido geral, não podemos fugir da realidade da semelhança entre Deus e sua criação. Esta realidade não deve ser, entretanto, entendida no conceito panteísta e, sim, de uma forma lógica e racional. E é isso que, segundo se diz, o argumento teleológico procura fazer.

a. **No primeiro caso**. De imediato, nem sempre os efeitos trazem em si as marcas da causa, mas no seu final, sim. Por exemplo, o vidro quebrado não se assemelha ao martelo que o quebra. Mas no final, o vidro é matéria, e a matéria foi criada. E, necessariamente, como sabemos, foi Deus que criou a matéria. Ora, sendo Deus o Criador de tal substância, ela tem, portanto, sua marca em si (cf. Rm 1.20).

b. **No segundo caso**. No que diz respeito ao homem, o argumento em si traz sua forma concreta. Se Deus criou seres inteligentes, logo, deve Ser inteligente. Uma Causa transcendente é mais perfeita do que seus efeitos; não pode ser menos perfeita. Deus está além da bondade, inteligência... humanas. Porém, é evidente que sua semelhança, como afirma a Bíblia, está estampada nos seres inteligentes! Isto inclui tanto o mundo humano como o mundo angelical.

2. O HOMEM FEITO SEMELHANTE A DEUS

A revelação de Deus traz a evidência de que, intelectualmente, o homem se parece com Deus, porque se não houvesse conformidade na estrutura mental, seria impossível a comunicação de um com o outro, e não podia haver, portanto, uma tal relação. O homem se assemelha a Deus pelo fato de possuir natureza racional e religiosa ao mesmo tempo. A capacidade do homem a esse respeito, é a origem de todo o conhecimento científico. Ele interpreta a significação da natureza e descobre que ela traz os sinais da razão. Portanto, se há marca registrada de Deus em algum ser, evidentemente, ela está primeiramente estampada no homem (Is 49.16; 51.16 etc.). Por esta e outras razões, o homem compreende a Deus, por motivo de sinais de inteligência no mundo ao redor de cada coisa existente. A razão do homem assim corresponde à razão de Deus.

a. **O relato do Gênesis**. O relato dos primeiros capítulos da Bíblia nos leva a entender que Deus fez o homem como coroa da

criação. O fato de que os membros da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) falarem entre si (Gn 1.26), indica que este foi o ato transcendental e a consumação da obra criadora iniciada em Gênesis 1.1 e ss.

Deus criou o homem para ter percepção tanto do mundo espiritual como do mundo terrenal. Porém, no que tange a outros seres, com exceção dos anjos, Deus não se limita a nenhuma comparação. Visto que Ele, como já afirmamos em outras notas expositivas, ultrapassa ao infinito.

b. **Não pela lógica**. O argumento teleológico deve ser, portanto, analisado dentro da nosa esfera de conhecimento sem que, necessariamente, se faça seu enquadramento restrito na lógica formal. Razão por que Agostinho a ele se referiu da seguinte maneira: "A forma deste argumento conforme se nos apresenta pode ser resumida da seguinte maneira:

"I. *Há algumas* verdades (idéias) necessárias e imutáveis tais como: 7 + 3 = 10.

"II. *Mas uma mente* finita, tal como a minha, não é imutável. Podemos entender a mente de Deus, mas através da *mente de Cristo* que está em nós (1 Co 2.16).

"III. *Uma verdade* imutável não pode ser baseada numa mente mutável e finita.

"IV. *Logo, deve* existir uma Mente infinita e imutável (ou seja, Deus) que é a base para todas as verdades imutáveis."

(...) Portanto, em alguns casos, como já tivemos ocasião de ver, nem sempre Deus está sujeito a termos análogos, pois Ele é independente de tudo. E, muitas vezes, obviamente, muitos efeitos não se assemelham às suas causas. Por que, pois, devemos pressupor que Deus é como o Universo que criou? (idéia panteísta) Os mosquitos provocam a malária mas não se assemelham à malária. A água quente leva os ovos a endurecerem, mas a própria água não é dura. O sol faz o barro endurecer e com isso fazemos tijolos, mas o sol não é um tijolo. A energia elétrica produz luz numa lâmpada, mas a mesma energia produz movimento num motor. O *resultado* em cada caso *depende da matéria* com a qual a causa opera. Outro exemplo notável é dado por Frederick Ferré: "A bondade, conforme nós a conhecemos, é finita, mas a Bondade propriamente dita não é finita." É possível definir a bondade relativa e a Bondade absoluta e assim por diante. Em resumo, se Deus é uma atualidade

e se Ele atualiza (cria) a existência doutras coisas, logo, deve haver alguma semelhança entre a atualidade de Deus e seus efeitos. O ato, pois, comunica o ato; a causa carimba sua *forma* (ou seja, sua perfeição determinante) sobre o efeito. Tudo na criação tem uma ou mais das perfeições de Deus. As formas mais altas da criação (tais como os homens) são mais semelhantes a Deus, e têm mais perfeições divinas, do que as formas inferiores. Portanto, a marca de Deus, ou por referência ou inferência, está estampada na sua criação! E ali deve está, para que de uma maneira ou da outra seu conhecimento seja manifestado a toda criatura e em todo o lugar!

3. PROVA PELA REVELAÇÃO

Como já afirmamos na secção anterior que cada coisa criada traz em si as evidências da existência de Deus. E, concomitantemente, a revelação divina desempenha um dos pontos mais altos desta missão reveladora como bem podemos observar em cada detalhe da revelação divina.

A doutrina da revelação divina baseia-se no fato de Deus ter criado à sua imagem e semelhança o homem, que o devia conhecer, amar, servir e glorificar. Para ser verdadeira, a religião do homem tem de ser baseada na revelação de Deus. Foi assim que Deus se revelou a Adão, para que este vivesse em amizade com Ele. O primeiro conhecimento da Divindade, teve-o Adão através da restante criação, que acabava de sair do nada (...). O mundo que contemplava oferecia-lhe testemunho eloqüente do poder e da sabedoria do Criador. Não obstante a queda do homem (Gn 3.18; Rm 8.19-22), o Universo ainda proclamava a glória de Deus (Sl 19; Rm 1.19,20). Mas antes, como seria?

Mais eficazmente, sem dúvida, Adão conheceu ainda Deus pelo conhecimento de si próprio, pois como mais nobre e mais perfeita criatura contribuía para revelar e proclamar mais alto a glória de Deus. A providência divina deu-lhe ainda a conhecer a bondade do Criador.

a. **O alvo de Deus**. O objetivo de Deus é que todos o conheçam! E a finalidade da revelação de Deus para com o homem (pois, sem dúvida, isso é alcançado em sentido pleno no mundo angelical), tinha como objetivo conduzir o homem ao fim para que foi criado: para o conhecer, amar e adorar. O Criador é transcendente e inacessível às suas criaturas, até o momento que se revele a elas;

e o conhecimento que o homem tem de Deus é correlativo e conseqüente à primeira auto-revelação divina. Adão no Paraíso necessitava da revelação para viver em amizade com Deus (...). Antes do homem pecar, Deus se revelou como o sublime Criador. Porém, depois da queda do homem, Deus, então, se revela como Redentor. Por causa do pecado o homem perdeu a possibilidade de aprender e compreender o testemunho que a criação dava de Deus.

O significado e a mensagem do livro permaneceram os mesmos, mas ele é que não sabia lê-lo. E os céus proclamavam a glória de Deus a ouvidos surdos. "...eles se não importaram de ter conhecimento de Deus..." (Rm 1.28). Apenas no coração lhe ficou uma ligeira idéia de Deus, isto é, uma noção de que havia algo ou alguém superior a ele, merecedor de que se lhe preste o devido culto; mas o homem não se dignou atribuí-lo ao seu Criador.

b. **A natureza da revelação**. Desde a primeira revelação de si mesmo ao homem no Jardim do Éden até a consumação celestial quando os remidos conhecerão como são conhecidos e quando aquilo que é em parte desaparecerá com o advento daquilo que no reino do entendimento espiritual é *perfeito* (1 Co 13.9-12), embora no passado Ele "...deixou andar todas as gentes em seus próprios caminhos" (At 14.16b), Deus nunca ficou "...sem testemunho". Para uma melhor elucidação à mente humana, a revelação foi arquitetada em sete particularidades, a saber: Deus revela-se através da *natureza*. Deus revelado através da *providência*. Deus revelado através da *preservação*. Deus revelado através dos *milagres*. Deus revelado através da *comunicação direta*. Deus revelado através da *encarnação*. Finalmente, Deus revelado através das *Escrituras*.

c. **O alcance da revelação**. Algumas dessas revelações de Deus para conhecimento, pois é evidente que depois Deus se revela para salvação, teve início na revelação verbal e foi manifestada de muitas maneiras (Hb 1.1). Por vezes, casos sobrenaturais, como visões, sonhos, e a inspiração profética, que podiam ir desde as mais prolongadas meditações aos arrebatamentos de sentidos. Noutros casos, Deus se servia apenas do seu divino concurso, isto é, cooperação no exercício dos dotes naturais. Tais procedimentos podiam vir de muitas maneiras: através da investigação histórica, a exegese das Escrituras (quando foram escritas), a meditação e a oração, o raciocínio lógico e teológico. Já no que diz respeito a sua revelação plenária ou a sua revelação bíblica, está explícita na sua

Palavra. Esta Palavra é denominada "...A Palavra dos profetas" que, segundo se afirma, abrange ambos os Testamentos. Em todas as formas (ou graus) de revelação, ela vem de Deus. Em primeiro lugar Deus toma a iniciativa da revelação. As coisas ocultas ao homem, por condição de criatura (1 Co 2.9,14), não lhe são reveladas como conseqüência de suas pesquisas dirigidas, nem de acasos fortuitos, mas apenas pela vontade bem determinada de Deus. Dele é tanto o querer como o efetuar!

6
O Argumento Etnológico

Este argumento aduz à razão da existência de Deus através do consentimento universal. Em cada detalhe a humanidade se combina entre si! A alma humana é a parte mais importante da natureza constitutiva do homem; especialmente quando diz respeito à sua ligação com o mundo terrenal, e a Psicologia revela claramente o fato de que as almas dos homens, sem distinção de tribo e nação a que pertençam, são essencialmente as mesmas. Possuem em comum os mesmos apetites, instintos e paixões; as mesmas tendências e, sobretudo, as mesmas qualidades, as mesmas características que só existem no homem.

Os grandes filósofos formulam juízo comum quanto ao fato de que a raça humana se constitui numa só espécie, e que as diferenças entre as diversas famílias da humanidade, como constituição óssea, nariz, pele, cabelo, etc. são consideradas como variedades de uma espécie original. Por que, no que diz respeito à parte psicológica, há em cada ser uma intuição imediata e direta de Deus em sua realidade ontológica (Deus como um Ser real).

Conclusão: O argumento etnológico teve um grande êxito durante o século XIX, sobretudo por causa da influência da filosofia de Lammenais (1782-1854), o Tradicionalismo! Mas ele tinha sido proposto, antes, por numerosos filósofos, em particular por *Platão* (De Legibus, X, 885b), por *Cícero* (De Legibus, I, 8, N, 24), por *Plutarco* (Moralia, Adv. Colt. c. 31) e outros menos célebres.

Este argumento, conforme já afirmamos antes, aduz ao ser humano em qualquer tempo ou lugar, a existência de um Ser moral, cujos atributos e perfeições estão acima da imaginação humana! Devemos, portanto, deduzir que este argumento tem em si um certo valor, porque ele, de fato, dá razões acessíveis a todos para afirmar uma verdade universal.

7

O Argumento Teológico

O argumento Teológico conforme determina o termo, é vazado dentro do conteúdo da Bíblia e das interpretações teológicas, para mostrar a necessidade do uso de uma ciência com o objetivo de conduzir-nos a Deus. O termo *Teologia*, segundo seus aspectos etmológicos, é composto de duas palavras gregas: "THEOS" (DEUS) e "LOGOS" (FALA, TRATADO OU EXPRESSÃO). Em outras palavras significa "ciência acerca de Deus" ou melhor, "estudo acerca de Deus". Porém, é evidente que, restritamente falando, quando falamos de Teologia própria, esta ocupa-se exclusivamente com o estudo das três pessoas da Divindade (Pai, Filho e Espírito). Porém, quando o termo assume o caráter de *Teologia Sistemática*, seu sentido é mais abrangente e, necessariamente, obedece regras e sistematização ordenada, para uma melhor compreensão do significado do pensamento.

1. PRESENÇA DO TERMO

Embora não encontramos nas Escrituras Sagradas (graficamente falando) a palavra **Teologia**, contudo, ela é bíblica em seu caráter.

Em Romanos 3.2 aparecem as palavras "ta logia tou Theou" (os oráculos de Deus).

Em Primeira Pedro 4.11 temos as palavras "logia Theou" (oráculos de Deus).

E em Lucas 8.21, a expressão "ton logon tou Theou" (a Palavra de Deus).

a. **Apresentação do termo.** Quando se depreende o significado do pensamento, o conteúdo particular de *uma teologia* (ou divisão) determina vários significados e aplicações, mas sempre ligados direta ou indiretamente a Deus e as coisas que dizem respeito a Ele. É sempre envolvida com Deus, o homem e a religião. Algumas de suas divisões são:

I. Teologia Natural (Teodicéia);
II. Teologia Própria (Pai, Filho e Espírito Santo);
III. Teologia Sistemática (Revelação);
IV. Teologia Bíblica;
V. Teologia Revelada (restrita a Deus e ao Universo);
VI. Teologia Histórica (ligada a Arqueologia Bíblica e ao povo de Deus em ambos os Testamentos);
VII. Teologia Especulativa;
VIII. Teologia Prática;
IX. Teologia Dogmática;
X. Teologia do Antigo Testamento;
XI. Teologia do Novo Testamento;
XII. Teologia Ética;
XIII. Teologia Exegética;
XIV. Teologia Polêmica;
XV. Teologia Racional;
XVI. Teologia Pastoral;
XVII. Nova Teologia, etc.

Apesar de ter a palavra *Teologia* todas essas ramificações, necessariamente falando, o termo mais familiar e universalmente conhecido é, sem dúvida, *Teologia Sistemática.*

Os demais, conforme já vimos, são definições específicas e sistematizadas.

b. **Definição do termo.** Entre as classificações mais conhecidas que são usadas nas divisões da Teologia Sistemática, distinguem-se essas com mais freqüência. Verdade é que a Teologia Natural é considerada como sendo uma ciência à parte da Teologia Sistemática, mas a palavra *Teologia* está na frase inserida.

I. *Teologia Natural.* Hoje, Teologia Natural tornou-se sinônimo de Teodicéia. A Teodicéia é, então, uma ciência racional, e se aplica ao conjunto do tratado de Deus. É a ciência de Deus pela razão natural.

II. *Teologia Própria.* Esta ciência, restritamente falando,

ocupa-se com o estudo do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

III. *Teologia Sistemática.* A Teologia Sistemática, como determina o termo, difere da Teodicéia (ou Teologia Natural). A primeira, como sabemos, toma por primeiros princípios, não os princípios da Razão, mas os dados da Revelação divina. Enquanto que a segunda toma por base os princípios da razão natural. A Teologia Sistemática, portanto, é uma ciência que segue um esquema ou uma ordem sistematizada de desenvolvimento doutrinário e que tem o propósito de incorporar no seu sistema toda a Verdade a respeito de Deus e o seu Universo.

Suas divisões mais conhecidas são: Ad. I. *Teologia Propriamente Dita* (Doutrina de Deus); Ad. II. *Bibliologia* (Doutrina da Bíblia); Ad. III. *Cristologia* (Doutrina de Cristo); Ad. IV. *Pneumatologia* (Doutrina do Espírito Santo); Ad. V. *Angelologia* (Doutrina dos Anjos); Ad. VI. *Antropologia* (Doutrina do Homem); Ad. VII. *Hamartiologia* (Doutrina do Pecado); Ad. VIII. *Soteriologia* (Doutrina da Salvação); Ad. IX. *Eclesiologia* (Doutrina da Igreja); Ad. X. *Escatologia* (Doutrina Das Últimas Coisas).

IV. *Teologia Bíblica.* A Teologia Bíblica, segundo alguns, designa uma ciência que tem por alvo investigar a Verdade a respeito de Deus e o seu Universo no seu desenvolvimento ordenado e no seu ambiente histórico, conforme apresentados nos diversos livros da Bíblia. Em outras palavras, a Teologia Bíblica é a exposição do conteúdo doutrinário e ético da Bíblia.

V. *Teologia Revelada.* Este termo designa uma ciência que se baseia unicamente sobre fatos que se referem a Deus e a seu Universo que foram revelados nas Escrituras. Parece, mas difere um pouco da Teologia Bíblica.

VI. *Teologia Histórica.* É uma ciência que considera o desenvolvimento histórico da doutrina e se preocupa, também, com o testemunho obtido através da Arqueologia Bíblica.

VII. *Teologia Especulativa.* Esta tem como finalidade defender uma verdade teológica no terreno abstrato e à parte de sua importância.

VIII. *Teologia Prática.* Esta ciência é vivida no contexto diário. Trata da aplicação da Verdade aos corações dos homens.

IX. *Teologia Dogmática.* A Teologia Dogmática, conforme se depreende do termo, é uma ciência que designa uma Verdade teológica defendida com certeza. Em outras palavras, ela é uma Teologia Apologética.

X. *Teologia do Antigo Testamento* (T. AT). Esta é assim chamada porque se refere restritamente com aquela porção das Escrituras.

XI. *Teologia do Novo Testamento* (T. NT). Como é visto o sentido na secção anterior, esta ciência só se ocupa com aquela porção das Escrituras.

2. CONCLUSÃO DO ARGUMENTO

Outros termos poderiam ser aqui focalizados, tais como Teologias *Ética, Exegética, Polêmica, Racional, Pastoral e Nova.* Mas, conforme já afirmamos, apenas abordamos estes para compreensão do significado do pensamento.

a. **Observação.** O dr. W. H. Griffith define Teologia em seu escopo geral da seguinte maneira: "Teologia pode ser definida como a coleção, cientificamente arrumada, comparada, exibida e defendida de todos os fatos de toda e qualquer fonte *referente a Deus* e as suas obras.

"Sua designação (temática) sugere que segue em forma de **Tese** humanamente idealizada; porém, fundamentalmente baseada no conteúdo das Escrituras Sagradas".

b. **O alcance do argumento.** Portanto, a ciência é a expressão técnica das leis da natureza. A Teologia, entretanto, é a expressão técnica da Revelação de Deus. Por cuja razão o Argumento Teológico tem, por base, examinar todos os fatos espirituais da Revelação, calcular o seu valor e arranjá-los em um corpo de ensinamentos que, sem sombra de dúvida, levará o homem não só ao conhecimento de Deus, mas ao próprio Deus! A doutrina, assim, corresponde às generalizações da ciência divina, preenchendo todas as necessidades!

8
O Argumento da Congruidade

O argumento da congruidade, além de outros sentidos, ele aduz o seguinte sentido: "manifestado em termos preciosos", ou, ainda melhor "harmonia de uma coisa com o fim a que se destina; coerência... etc.". Este argumento é baseado na crença de que o postulado que melhor explica os fatos relacionados é provavelmente verdadeiro. No que se refere à presente discussão, ele é enunciado assim: "A crença na existência de Deus melhor explica os fatos de nossa natureza mental, moral e religiosa, bem como os fatos do universo material; portanto, Deus existe". Ele afirma que sem este postulado os fatos relacionados são realmente inexplicáveis. É este um argumento válido? Respondemos que sim!

Este argumento tem dado resultados maravilhosos na ciência. Percival havia notado certas variações nos movimentos de Netuno. Ele concluiu que deveria haver algum grande corpo celeste na região que causava as suas variações. Estudos cuidadosos daquela parte dos céus com poderosos telescópios em 1930 levaram a descoberta por C. W. Tombaugh do até então desconhecido planeta Plutão. É o membro mais distante do sistema solar como também o que tem a órbita mais excêntrica, chegando, às vezes, mais perto do sol do que Netuno.

Após esta grande descoberta maravilhosa, em 1978, James W. Criste estabeleceu a existência de um satélite ao redor de Plutão,

e deu-lhe o nome de Caronte. Estudos posteriores confirmaram a existência do satélite e permitiram calcular que ele se acha a uma distância de 2400 km de Plutão.

1. SUA NECESSIDADE

As partículas que formam um átomo não podem ser descobertas por observação direta: deduz-se a sua existência pelos efeitos que produzem e as combinações que formam. Ora, só existe este tipo de dedução na pessoa humana, porque existe a fé e, sem esta, jamais chegaríamos a tal dedução de firmeza, "...como vendo o invisível" (Hb 11.27). Tanto em nossos estudos telescópicos quanto nos microscópios assumimos que um postulado que explica e harmoniza os fatos relacionados é verdadeiro. Será que não deveríamos concluir, por este mesmo princípio, que existe um Deus, já que o postulado teísta está em harmonia com todos os fatos de nossa natureza mental, moral e religiosa, bem como com os fatos do Universo material?

O dr. Francis L. Patton (em seu livro *Um Sumário da Doutrina Cristã*, 1911) responde a tal pergunta com uma afirmativa da seguinte maneira: "Sabemos que temos a chave errada quando ela não se encaixa em todas as frinchas da fechadura. Por outro lado, é argumento poderoso em favor da veracidade de uma teoria o fato dela explicar todas as facetas de um caso. A crença em um Deus pessoal auto-existente está em harmonia com todos os fatos de nossa natureza moral e mental bem como com todos os fenômenos do mundo material. Se Deus existe, uma crença universal em sua existência é bem natural; o impulso irresistível de buscar uma causa primeira está explicado; nossa natureza religiosa tem um objeto; a uniformidade da Lei natural encontra uma explicação adequada e a história humana se redime do absurdo de ser uma imensa impostura. O ateísmo deixa todos esses aspectos sem qualquer explicação, e faz não apenas da história, mas de nossa própria natureza intelectual, uma impostura e uma mentira".

a. Tanto as Escrituras como a História mostram que o homem acredita necessariamente e universalmente na existência de Deus uniformemente. O ateísta virtual testifica este fato por adotar uma abstração para explicar o mundo e sua vida. O ateísta dogmático deve ser explicado como estando em uma posição anormal. Assim como o pêndulo de um relógio pode ser empurrado

para fora do centro por uma força externa ou interna, assim pode a mente do homem ser empurrada para fora de sua posição normal por uma filosofia falsa. Quando a força é removida, tanto o pêndulo como a mente humana retornam à sua posição normal. Eis, portanto, porque vem a advertência divina por parte de Paulo: Cuidado com "os clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência" (1 Tm 6.20b). Entre estas tais, está o ateísmo!

O monoteísmo foi a religião original da humanidade, conforme mostrado não apenas na Bíblia, mas também conforme alguns dos melhores antropologistas modernos têm mostrado. Andrew Lang, da Escócia, e Wm. Schmidt, da Áustria, por exemplo. O primeiro afastamento do monoteísmo parece ter sido em direção à adoração da natureza. O apóstolo Paulo e outros escritores tanto do Antigo como do Novo Testamentos, falaram acerca disto em vários elementos proféticos e doutrinários (cf. Ezequiel 8 e Romanos 1). O sol, a lua, e as estrelas, os grandes representantes da natureza, e o fogo, o ar, a água, os grandes representantes da terra, se tornaram objetos da adoração popular. Nos *Vedas*, encontramos hinos dirigidos a estes elementos naturais.

b. Já no ponto de vista dualista, a teoria predominante assume que há duas substâncias ou princípios distintos e irredutíveis, como por exemplo: em *epistemologia*, elas são idéia e objeto; em *metafísica*, mente e matéria; na *ética*, o bem e o mal; na *religião*, o Bem (Deus) e o Mal (Satanás). O cristão, entretanto, não aceita que Satanás seja coeterno com Deus.

2. O ALCANCE DO ARGUMENTO

O argumento da congruidade pode, também, ser visto ou analisado em outros aspectos. Na Índia, o politeísmo sem fim dos hindus se desenvolveu do panteísmo. Tudo que era extraordinário veio a ser chamado de "avatar" (uma encarnação de Deus ou em "Brahma", ou em "Vishnvou" em "Shiva").

O Egito também tinha muitos deuses e se preocupava com o futuro. "Ra ou Re", o deus-sol, era a divindade principal. Os faróis se diziam descendentes deles. Outros deuses egípcios eram *Osiris* e *Seth*. Este último se transformou no Satã da mitologia posterior egípcia. Os gregos tinham à testa de seu Panteão elaborado um concílio de doze membros, seis deuses e seis deusas. Entre eles

Zeus, Atenas e *Apolo* formavam uma espécie de tríade. Outros deuses gregos bem conhecidos eram *Poseidon* e *Ares*. *Júpiter* era o cabeça do Panteão romano, idêntico em todas as qualidades essenciais ao *Zeus* grego. Ele era o protetor especial do povo romano. A ele, juntamente com *Juno*, sua esposa, e *Minerva*, a deusa da sabedoria, um templo magnífico foi consagrado no Monte do Capitólio. *Marte* era o deus da guerra. *Júpiter, Juno* e *Minerva* constituíam uma espécie de tríade romana.

Na Bíblia, os deuses dos pagãos são, às vezes, declarados como "vaidade" (vazio, sem valor) e "nada", meros seres imaginários, sem poder para ferir ou para salvar (Sl 106.28,29; Is 41.24,29; 42.9-20; Jr 2.26-28) e, em outras ocasiões, são reputados como sendo a encarnação dos demônios (1 Co 10.20 etc). Por isso, na literatura grega, um *demônio* era considerado como um deus menos importante, mas nas Escrituras o termo denota sempre um espírito mau. Com efeito, como já tivemos ocasião de afirmar no início deste argumento da congruidade, é coerente; mas, necessariamente, quando o mesmo é utilizado na direção da existência de Deus. Quando, porém, toma outra direção, é preciso que tenhamos cuidado no seu fim último. Pois, se através dele, buscamos a Deus, o acharemos (Is 55.6; 65.1); mas, isso deve ser feito através das luzes da fé, e, não meramente, às luzes da razão natural.

Quando procuramos conhecer a Deus na sua essência e plenitude, Ele, então, começa a vir em nossa direção! "Assim diz o Senhor: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem se glorie o forte na sua força; não se glorie o rico nas suas riquezas. Mas o que se gloriar glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o Senhor..." (Jr 9.23,24a).

9

A Natureza de Deus

Os atributos divinos levam-nos, com efeito, às diversas provas da existência e da natureza divina. Não podemos elevar-nos apenas pelas forças da razão natural a conhecer a natureza divina no que a constitui propriamente. Nós só a conhecemos por seus efeitos e quando estes não são manifestos, temos, então, uma percepção delineada pela fé (Hb 11.6).

Sem dúvida, os efeitos trazem sempre alguma semelhança com a causa: é por isso que nosso conhecimento da natureza divina é real.

Deus não é *incognoscível* (que não se pode conhecer). Porque o conhecimento que temos dele, se não é perfeito, como já tivemos ocasião de ver no argumento ontológico, é contudo um conhecimento verdadeiro e real.

A ciência está longe de conhecer o mundo de uma maneira perfeita e adequada; ela tem, no entanto, a pretensão legítima de descobrir para nós, em parte, a natureza e as suas leis. Da mesma forma, se não podemos, com os braços, abarcar uma montanha, podemos, ao menos, pela vista, ter dela um conhecimento parcial.([1])

1. O PONTO DE VISTA DIVINO

Do ponto de vista divino (...) as Escrituras definem a natureza de Deus da seguinte forma:

a. **Deus é Espírito**. "Deus é Espírito, e importa que os que o adorem o adorem em espírito e em verdade" (Jo 4.24).

Deus é Espírito, Eterno e Imutável, tanto em seu Ser, como em sua sabedoria, poder, santidade, justiça, bondade, amor, retidão e verdade.

b. **Deus é Luz**. "E esta é a mensagem que dele ouvimos, e vos anunciamos: que Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas" (1 Jo 1.5).

c. **Deus é Amor**. "E nós conhecemos, e cremos no amor que Deus nos tem: Deus é caridade; e quem está em caridade está em Deus, e Deus nele" (1 Jo 4.16).

Por inferência, nas passagens de Mateus 26.64 e Marcos 14.62, Jesus diz que Deus é Poder. Evidentemente, se faz necessário que Deus se revele a si mesmo através de seus atributos. Por meio dos quais, somos conduzidos à uma percepção de sua natureza. Onde, porém, isso não pode ser alcançado, Deus revela-se a si mesmo, fazendo-se conhecer ou proclamando o seu nome (Êx 6.2).

No que tange a vida, Deus é de natureza imortal. Ele é "...O Rei dos séculos, imortal" (1 Tm 1.17). "...Aquele que tem, ele só, a imortalidade" (1 Tm 6.16).

Tanto o Antigo como o Novo Testamento aplicam a Deus quantidade incontável de qualificativos, que não podemos sistematizar ou hierarquizar como se fossem atributos principais e secundários. Na sua natureza plena, cada um dos atributos divinos corresponde à determinada presença de Deus perto dos homens na história deles, e esta presença é sempre total em cada caso. Eles designam sempre um ato divino mais do que uma forma do Ser de Deus.

Mas além de nos determos em cada caso isolado, precisamos compreender as afirmações escriturísticas: Deus é *fiel* (1 Co 1.9; 10.13; 2 Co 1.18), *sábio* (Rm 16.27), *verídico* (Jo 3.33; Tt 1.2), *misericordioso* (Rm 2.4), *justo*, mesmo na sua ira (Rm 11.22); Ele é o Deus da *paz* (Rm 15.33; 16.20; Fl 4.9; 1 Ts 5.23; Hb 13.20), da *esperança* (Rm 15.13), da *consolação* (2 Co 1.3), do *amor* (2 Co 13.11). Todos esses atributos divinos, além daqueles que sistematicamente chamamos de atributos naturais e morais, são inerentemente ligados à sua natureza plena do seu Ser.

2. SUA ORIGEM

A palavra "origem" só se aplica às coisas criadas. Ao pensarmos em qualquer coisa que tenha origem, não estamos

pensando em Deus. Deus é auto-existente, enquanto as coisas criadas necessariamente se originaram em algum lugar e em algum tempo. Além de Deus, não há nada auto-causado.(2)

O fato de Deus existir é tão normal que não temos no Antigo Testamento nenhuma referência, ou pelo menos não aparece na Bíblia vestígio de especulações sobre *a origem ou o destino de Deus*, embora a teologia ocupe lugar considerável nas crenças dos povos vizinhos. Não havia especulações, sobre os *antecessores* de Deus *nas tábuas genealógicas*. Desde que Ele aparece, já é um Deus maior e soberano, por ser um Deus vivo (Gn 1.1 e ss).

a. **Ele é o início** (não teve início). Início aqui, não se prende ao começo de uma coisa, e, sim, à Causa primeira de tudo. Assim como a vida é uma realidade misteriosa que apenas se pode constatar e que ninguém sonha contestar, assim Deus é realidade que se impõe. A fé não se preocupa a procurar a origem de Deus, e, sim, sua existência. Porque sabe que Ele existe (Hb 11.6). Porque Ele é vivo, podemos falar dele como de um homem vivo; mas também, porque dele falamos como um homem vivo, não deixamos nunca de lembrar que Ele está vivo. Porém, no que diz respeito a sua origem, as Escrituras falam abundantemente do que se pode conhecer da sua existência e do seu caráter, seus atributos naturais e morais, seus nomes e títulos, sua existência trina, e tudo que tange à sua pessoa em palavras e obras. Porém, quanto à sua origem elas permanecem em silêncio e perfeito isolamento!

b. **O que Deus é**. O que quer que Deus seja, e tudo que é Deus, Ele o é em si mesmo. Toda vida ou forma de existência está em Deus e vem de Deus, seja a forma mais primitiva de vida consciente ou a vida altamente inteligente e autoconsciente dum serafim ou de um outro poder angelical. Nenhuma criatura tem vida em si; toda a vida é dom de Deus.

De modo inverso, a vida de Deus não é dom de outrem. Se houvesse outro do qual Deus pudesse receber o dom da vida, ou qualquer dom, esse outro é que seria de fato Deus.

É uma maneira elementar mas certa de pensar em Deus como Aquele que tudo contém, que dá tudo que é dado, mas que não pode em si mesmo receber nada que Ele não teria dado primeiro.(3)

Admitir que Deus necessita de algo seria admitir um Ser divino incompleto. A necessidade é uma palavra própria à criatura e não poderá ser empregada em relação ao Criador. Deus tem uma

relação voluntária com tudo quanto criou, mas não tem qualquer relação necessária com coisa alguma fora de si mesmo (Is 40.13 e ss; Rm 11.35,36). O seu interesse nas suas criaturas surge do seu prazer soberano, não porque estas criaturas possam suprir qualquer necessidade, nem aperfeiçoar Aquele que já é perfeito em si mesmo.

c. **Deus não tem gradação.** Sendo Deus um Ser supremo e soberano, segue-se que não pode ser elevado. Não há nada acima dele, nada além dele. Para a criatura, qualquer movimento em direção a Deus é elevação, e para longe dele é queda.(4)

Deus mantém por si mesmo a sua posição, e não precisa permissão de ninguém. Desde que não é possível elevar a Deus, assim também é impossível degradá-lo. Está escrito que Ele sustenta todas as coisas pelo supremo poder de sua Palavra (Hb 1.1). Como então Ele pode ser elevado ou sustentado pelas próprias coisas que sustenta? Seria, então, ilógico.

Mais uma vez, Deus não precisa de defensores. Ele é o Eterno não-defendido. Quando se faz necessário que Ele use seus exércitos angelicais, não é para se defender, e, sim, para defender alguém. Em Apocalipse 12.7, Miguel aparece a combater o "diabo e seus anjos" em defesa do Céu. Mas não em defesa de Deus! As Escrituras usam muitos termos militares, a fim de comunicar-se conosco num idioma que possamos compreender; mas certamente não foi planejado que pensássemos no trono da Majestade como estando sitiado, com Miguel, o anjo principal e poderoso com seus exércitos celestiais lutando em defesa do Senhor dos Exércitos! (L'Eternel des Armées.) Para guardar sua integridade física (física aqui - para ser entendido pela mente natural), ou para que o seu trono não seja usurpado. Um Deus que precisa ser defendido, só poderia nos ajudar quando estivesse sendo ajudado. Porém isto contrariaria toda sua natureza moral. Isto é impossível!

3. A CONCEPÇÃO DO PANTEÍSMO

Como o termo dá a entender, o panteísmo é a crença (ou a filosofia) de que Deus está em todas as coisas e que todas as coisas são Deus, confundindo assim Deus com a natureza, a matéria com o espírito, e o Criador com as coisas que Ele criou.(5)

Assim, a existência de um Deus Pessoal, absolutamente distinto do Universo, é contestada pelo panteísmo (etmologicamente: Deus é o todo ou o todo é Deus). O panteísmo é, portanto,

essencialmente, um *monismo*, isto é, consiste em negar que Deus e o Universo sejam realmente distintos. Os maiores defensores deste sistema filosófico, fora *Plotino* (205-270 d.C.), *Averrões* (1126-1198) d.C.), *Spinoza* (1632-1677 d.C.), *Fichte* (1762-1814 d.C.), *Hegel* (1770-1834 d.C.), *Taine* (1828-1893 d.C.).

A primeira forma do panteísmo está representada principalmente pelos nomes acima mencionados. A segunda, porém, constitui o panteísmo materialista, defendido na antiguidade por *Parmênides* (549-480 a.C.), na Idade Média por *David de Dinant* e, no século XIX, por *Vogt, Moleschoth* e *Buchner*.

Podemos distinguir as seguintes formas de panteísmo proposto pelos filósofos:

a. **Panteísmo emanatista**. Esta concepção é a de Plotino, segundo a qual Deus, ou o *Uno primitivo*, gera necessariamente, em virtude de sua própria natureza, todos os seres do Universo. Todo o Universo (dizia Plotino) emana (ou sai), pois, de Deus e não é mais do que uma espécie de explicação de Deus. Em outras palavras, Plotino entendia que cada *pedacinho* do mundo ou da natureza, era uma parte de Deus.

Este panteísmo absorve Deus no mundo.(6)

b. **Panteísmo realista**. Essa é a concepção de Spinoza que repudia o sistema defendido por Plotino que era o de Deus absorvido no mundo, e advoga uma única substância, um único Ser, de que o Universo e os seres singulares que o compõe, são apenas a manifestação. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que os seres criados são apenas fenômenos de Deus. Assim para Spinoza, o mundo, então, é absorvido em Deus.(7)

Algumas filosofias da antiguidade como o *Bramanismo* e o *Budismo*, aceitavam esta forma de Panteísmo realista. Isto levou à doutrina da transmigração da alma, que também defende que a alma recebe toda a existência de Deus e, finalmente, depois de inúmeras reencarnações, volta a ser absorvida por Deus.

Os *Vedas* (no hinduísmo) ensinam que "todo o Universo é o Criador, procede do Criador e retorna a Ele". Quando certa feita perguntaram a um destes filósofos do hinduísmo: "Quem é Deus?" Ele respondeu: "É tudo o que você vê e tudo o que você não vê".(8) Isto significa que, para os panteístas realistas, Deus é qualquer coisa visível ou invisível.

c. **Panteísmo idealista**. O panteísmo idealista (como o

próprio termo indica), foi sustentado principalmente pelos pós-Kantianos, Fichte, Schellinh e Hegel, sob formas que variam de um a outro, mas que supõem, entretanto, mais ou menos esta tese: "...Entre as coisas finitas e seu princípio absoluto, a relação é essencialmente a mesma que existe numa dedução racional entre o princípio absolutamente primeiro e suas consequências necessárias...". Em outras palavras, para uma melhor compreensão do significado do pensamento, estes filósofos queriam, então, reduzir a idade de Deus à mesma idade do Universo e das coisas.

Concepção esta que mistura as coisas finitas com as infinitas, o que é um absurdo.(9)

d. **Panteísmo evolucionista.** É a doutrina daqueles para quem Deus está no termo da transformação universal. Deus não é, mas se fez. Ou, se Ele é, não é mais do que a forma imanente que move o mundo pelo interior e dirige a sua evolução. Esta doutrina foi, por sua vez, proposta sob formas diversas, sobretudo pelos filósofos alemães do século XIX (Fichte, Schelling, Hegel, Schopemhauer).

Para os próprios filósofos, o panteísmo é contraditório em si mesmo. Com efeito, identifica o perfeito e o imperfeito, o finito e o infinito, o contingente e o necessário. Ora, a experiência nos impõe, com a mais expressa evidência, o sentimento de nossa personalidade, quer dizer, de nossa qualidade de sujeitos autônomos, livres e responsáveis.

Ora, como seria esse sentimento possível se não fôssemos realmente distintos de Deus, ou se Deus fosse real apenas em nós e para nós? Portanto, o panteísmo tanto em si mesmo como fora de si, é necessariamente uma heresia filosófica.

O dr. W. Cooke declara sobre ele aquilo que segue: "O panteísmo veio a ser a herança de cada nação sobre a terra e prejudicou as correntes do pensamento humano além de qualquer estimativa. Ele presume a eternidade da matéria e o absurdo de que a matéria tem poder de originar vida e espírito".(10)

4. A SISTEMATIZAÇÃO DO PANTEÍSMO

O *panteísmo* é freqüentemente considerado um conceito "oriental" de Deus, e o *teísmo* um conceito "ocidental". Esta não é a verdade rigorosa, no entanto, visto que há sistemas panteístas ocidentais (tais como Spinoza e Plotino) bem como sistemas não-panteístas orientais (tais como o siquismo).

Os panteístas tomavam como base principal os quatro tipos de panteísmos apresentados na secção anterior e, necessariamente, faziam deles cinco sistematizações, a saber:

a. **O panteísmo absoluto.** Esta forma de panteísmo ensina que há somente uma única realidade. O filósofo grego Parmênides (549-480 a.C.) é um exemplo deste ponto de vista. Parmênides argumentava que somente poderia haver uma só realidade; o resto é ilusão. Parmênides raciocinava que se dois seres (ou mais) existissem, teriam de diferir entre si. Mas somente há duas maneiras de diferir: por ser (algo) ou por não ser (nada). Com efeito, portanto, o objetivo deste filósofo era confundir Deus com o próprio Universo. Para ele Deus estava enclausurado no universo. E, neste seu raciocínio, defendia o fato de que as coisas parecem ser muitas é nada mais do que uma ilusão. A lógica exige que todas as coisas sejam uma só. Logo, concluiu Parmênides, somente pode haver um só Ser.

b. **O panteísmo de emanação.** Na sua forma neo-platônica de panteísmo, Plotino (205-270 d.C.) reconhecia que há uma multiplicidade no Universo, mas insistiu que toda a multiplicidade se desdobra da simplicidade absoluta do Único (Deus).

O Universo é criado *ex Deo* (composto do próprio Deus); o mundo é uma emanação de Deus. Tudo quanto existe desdobra-se de modo eterno e necessário, assim como o botão se desdobra em flor. A multiplicidade flui da simplicidade assim como os raios fluem do centro de um círculo. Deus (o Único) está além de toda a existência, o conhecer a consciência. O Único é a Unidade Absoluta que, ao emanar para fora, para a mente (Nous), passa a conhecer por meio de refletir-se de volta sobre sua Fonte absolutamente simples (o Único). A simples dualidade do conhecedor e do conhecido dá origem à Alma mundial, que contém todas as demais almas como parte da sua espécie. Estas almas informam ou animam a matéria, que é a emanação mais distante do centro da Unidade Absoluta.

c. **O panteísmo místico.** Também chamado por alguns: O panteísmo de muitos níveis. No hinduísmo, o panteísmo de Sankara tem muitos níveis. O nível mais alto da realidade, Brahma, está além de toda a materialidade e multiplicidade. Brahma é revelado ou manifestado, porém, noutros níveis. O próximo nível abaixo do nível mais alto e absoluto é o Espírito Criador, Isvara, que, em contraste com Brahma, é uma personalidade, um (Ele).

O terceiro nível é o Espírito Mundial (Hiranya-garbha).

Diferentemente do panteísmo de emanação, de Plotino, estes três níveis não são uma emanação em cascata, sendo que um deriva do outro, mas, sim, são três níveis descendentes, cada um da mesma realidade ulterior. O mundo, segundo este conceito, não é total ilusão, mas é simplesmente o grau mais baixo da realidade, fundamentado em Brahma.

d. **O panteísmo modal**. Este tipo de panteísmo, conforme já tivemos ocasião de ver em outras palavras, desenvolveu-se através do racionalista Benedito Spinoza. Postulou uma única Substância absoluta no Universo, da qual tudo o mais é apenas um modo ou momento. Ou seja: a realidade é essencial ou substancialmente uma, mas modalmente muitas. Olhando a realidade "de cima para baixo", por assim dizer, há apenas um Ser infinito e necessário (Deus). Mas ao olhar a realidade "de baixo para cima", há múltiplos aspectos ou dimensões. Estes aspectos ou modos, no entanto, não são seres separados. Nada há além do Ser infinito (dizia Spinoza); toda a realidade está dentro do oceano infinito do Ser. A aparência da *separação* e da *multiplicidade* é devido ao engano da percepção dos sentidos.

Com exceção do panteísmo absoluto de Parmênides, todos os demais conceitos panteístas concedem que algum tipo de distinção (mas nenhuma divisão ou separação) existe na realidade. Seja, porém, tal distinção de emanação, modal, ou de desenvolvimento, cada conceito sustenta que a realidade é ulteriormente Uma, e que os muitos existem somente no Único.

e. **O panteísmo de desenvolvimento**. Tanto Plotino quanto Sankara sustentavam panteísmos "verticais", em que o movimento do Único para os muitos é de "cima para baixo". Hegel, do outro lado, desenvolveu um tipo de panteísmo "horizontal", em que o Espírito Absoluto se desdobrava por desenvolvimento na história. Hegel acreditava que a história está *avançando para algum lugar*, em direção a um alvo ou fim.

Os fenômenos ou acontecimentos da história são manifestações do Espírito Absoluto. E concluiu: A realidade mundial, portanto, é um estado de tornar-se. A manifestação de Deus na história é de desenvolvimento, tão-somente.

5. A IDÉIA GNÓSTICA

O termo "gnóstico" ou "agnóstico" vem da raiz "gnosis",

que significa "saber por excelência". Ligado a palavra epistemologia que trazia em si o sentido de "estudo dos limites da faculdade humana de conhecimento e os critérios que condicionam a validade dos nossos conhecimentos" (Dic. da Líng. Port. 11ª Ediç. 1979). Os grandes personagens gnósticos, do ponto de vista da energia mental, foram *Valentino* e *Basilides*, ambos de Alexandria, e ambos com um passado helênico. Valentino esteve em seu zênite em cerca de 150 d.C. Viveu em Roma entre 138 e 161 d.C. Basilides esteve no ápice de sua fama em cerca de 130 d.C. A principal diferença entre este último e Valentino era a inversão das emanações, pois ele pensava que o desenvolvimento da Divindade se dera do menor para o maior, da Terra para os céus. Saturnino encabeçava a secção do gnosticismo sírio, que floresceu em Antioquia por volta de 125 d.C. Um dos primeiros entre estes mestres gnósticos foi *Cerinto*, um judeu nascido em Alexandria e inimigo pessoal do Apóstolo João.

a. **O conceito gnóstico.** Os gnósticos advogavam que o Deus Altíssimo estaria bem remoto deste mundo. Não haveria modo como o Deus Supremo pudesse tocar na matéria, pois isso o contaminaria. Deus seria um ser desconhecido, inefável, acerca de quem nada pode ser atribuído. Para os gnósticos, a única maneira de se chegar a Deus, era através dos poderes angelicais. Deus estaria distante demais, e não poderia ser alcançado, pois, antes de tudo, haveria trinta emanações superiores que, segundo eles, nunca poderiam ser atingidas. Em outras palavras, os gnósticos procuravam cada vez mais, distanciar Deus das criaturas, negando, assim, sua natureza e paternidade. Para eles, quem deveriam ser adorados, seriam os "aeons" ou poderes angelicais emanados, porquanto ajudariam no processo da redenção humana. Eles também negavam a realidade da natureza de Cristo. E assim negavam a validade da expiação pelo sangue de Cristo.

b. **Refutação do argumento**. Muitos livros do Novo Testamento foram escritos para combaterem essa filosofia herética: Colossenses, as três epístolas pastorais (Tiago, 1 e 2 Pedro), as três epístolas do Apóstolo João, 1 e 2 Timóteo, e as epístolas de Tito e Judas, respectivamente. O dr. George Park Fisher escreve: O agnósticismo é a ciência da destruição. Todas as investigações e deduções da ciência procedem do estabelecimento de *axiomas* (proposições evidentes).

Em outras palavras, para eles todas as evidências da realidade

eram simples aparência. O termo agnóstico que, segundo alguns historiadores, foi cunhado em mais ou menos 1870 por Huxley, foi estabelecido com a finalidade de que nós (eles) não podemos ter conhecimento das existências.

Eles ignoravam quaisquer provas racionais, pois estas, quando consistentemente seguidas, eliminariam as próprias provas que eles apresentavam para suas próprias teorias. Mas, segundo se depreende, o objetivo gnóstico era, sem dúvida, degradar a Deus, a alma humana e a imortalidade. E concluem dizendo: "Nunca podemos ter um conhecimento puro e objetivamente impoluto do Ser supremo. Se sabemos que Ele existe, não podemos saber o que Ele é; se podemos afirmar sua existência, somos contudo, ignorantes quanto à sua essência" (cf. Enc. Brit. 14ª ed. s. v. Agnosticismo). É, portanto, como afirma o dr. G. P. Fisher: "uma teoria da destruição!"

6. O CONCEITO EVOLUCIONISTA

A teoria da Origem e Evolução do Universo procura negar a existência de Deus como supremo Criador. Ela advoga que o cosmo se desenvolveu da matéria homogênea e bruta até o seu atual estado heterogêneo e avançado por meio de forças inerentes. Com a Teoria Geral da Relatividade, formulada por Albert Einstein em 1915, estavam lançadas as bases para uma nova sistematização evolucionista na conceituação e criação do Universo.

a. **O conceito da evolução**. Os dados enciclopédicos, que descrevem a Origem e Evolução do Universo, dizem o seguinte: "A Cosmologia, que estuda o Universo como um todo, sua história, organização e estrutura em grande escala, pôde formular teorias consistentes com as observações astronômicas, a partir dos resultados de Einstein que, apesar de não ter concluído um modelo cosmológico perfeito, deixou as bases em sua descrição da gravidade para todos os modelos posteriores. O mais produtivo desses modelos cosmológicos foi elaborado pelo físico soviético Albert Fridmann em 1922. Ele postulou um Universo em expansão com o tempo, a partir de uma situação, no passado, de extrema densidade. Pequenas modificações foram introduzidas no modelo de Fridmann, para gerar o modelo atualmente mais aceito, que é chamado de **Teoria do Big Bang** (Grande Estrondo). De acordo com essa teoria, em certo momento finito do passado, a massa, a densidade energética e a temperatura do Universo eram extremamente altas e estavam

concentradas em um espaço comparativamente pequeno. Nesse instante que os cientistas chamam de "instante zero" do tempo, o Universo explode, iniciando sua expansão.

b. **O resultado da explosão.** Segundo este conceito evolucionista, enquanto o Universo expandia-se como resultado dessa explosão inicial, suas partículas constituintes: hidrogênio, poeira e, mais tarde, as estrelas e as galáxias que se condensaram do gás e da poeira, começaram a se dispersar com certa velocidade. Essa expansão implica no afastamento progressivo de cada objeto em relação aos outros...

Conclusão: Veja o leitor que os evolucionistas fazem distinção entre as coisas vivas e não vivas e reconhecem que cada uma destas realidades apresenta o seu próprio problema de origem e desenvolvimento.

Porém, é evidente que, na verdade, a teoria evolucionista não se interessa propriamente pela origem. Antes, ela trata do desenvolvimento ou da expansão das coisas a partir de um começo pressuposto (instante zero). Para nós que aceitamos a veracidade da Palavra de Deus, sabemos em quem o Universo e todos os seres têm sua origem: É em Deus!

A evolução é uma dedução baseada em pura hipótese. Mas a Bíblia, porém, responde com a Verdade absoluta: "No princípio *criou* Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). "Assim os céus, e a terra e todo o seu exército foram acabados. E havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou..." (Gn 2.1,2b). Este testemunho é, portanto, científico para o mundo intelectual. Contudo, por causa das trevas espirituais sobre o entendimento, Deus estabelece o testemunho da fé: "Pela fé entendemos que os **mundos** pela Palavra de Deus foram criados..." (Hb 11.3a). Evidentemente aqui está a verdade!

---

(1) R. J. Metaf, 1972
(2) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(3) op. cit. 1980
(4) Idem. 1980
(5) Y. S. Int. à Ontol. do Conhec. 1934
(6) R. J. Curs. de Fil, 1984
(7) op. cit. 1984
(8) Idem. 1984
(9) P. S. Spinoza et le panthéisme religieux, 1927
(10) W. C. T. Deity, 1862

10

Teodicéia (Teologia Natural)

A palavra Teodicéia vem de duas palavras gregas que significam *Justificação de Deus*, e era reservada inicialmente às obras destinadas a defender a Providência contra as dificuldades que se levantam com o problema da existência do mal.

Pouco a pouco, a palavra Teodicéia foi sendo empregada para designar o *conjunto das questões* filosóficas relativas à existência e à natureza de Deus.(1)

Hoje, o nome Teodicéia tornou-se sinônimo de *Teologia Natural*, e se aplica ao conjunto do tratado de Deus. É a ciência de Deus pela razão.

Assim, a Teodicéia é então uma ciência racional; quer dizer que não recorre senão às luzes da razão natural. Difere por isto da Teologia, que toma por primeiros princípios, não os princípios da razão, mas os dados da Revelação.

1. POR QUE ESTA CIÊNCIA?

Apesar de ter sido *Leibniz* (1646-1716) o primeiro que usou a palavra Teodicéia para designar um tratado consagrado a defender a justiça divina contra os objetos tirados da existência do mal, somente em Tomás de Aquino ela obtém seu maior ponto sistematizador.

A Teodicéia, porém, já existia no pensamento aristotélico sob o nome de *Teologia* e no dos escolásticos sob o nome de *Teologia Natural*, isto é, a ciência de Deus obtida somente pelos recursos da razão natural.

a. **Sua necessidade**. No pensamento de Tomás de Aquino, era necessária uma ciência de Deus pela razão natural. Não porque sem ela Ele não existisse. Pois Sua existência não depende nem de uma coisa e nem da outra. Mas se fazia necessária, pelo fato de que o mundo intelectual exige, acima de tudo, uma prova, e esta prova era quase impossível no campo da revelação.

Em outras palavras, isso queria dizer que os intelectuais aceitariam a existência de Deus, partindo do intelecto para o coração e não do coração para a cabeça.

A primeira das duas ciências de Deus (Teodicéia e Teologia) é o estudo de Deus somente pela razão; enquanto que a segunda, é o estudo de Deus pela revelação.

b. **Divisão do termo**. A Teodicéia levantava a respeito de Deus, três tipos de questões:

Primeiro: podemos perguntar-nos se Ele existe;

Segundo: qual é a sua natureza; e

Terceiro: quais são seus atributos e, enfim, quais são as suas relações com o mundo. Dando, assim, a seguinte divisão da Teodicéia: a existência de Deus, a natureza e os atributos de Deus, relações de Deus com o mundo.

Em alguns casos (não em todos), a Teodicéia parece um pouco com a Lógica.

O termo "lógica" vem de uma palavra grega que significa razão. A Lógica é, de fato, a ciência das leis ideais do pensamento, e a arte de aplicá-las corretamente à procura e à demonstração da verdade.

Em outras palavras, ela é um sistema de conhecimentos certos, fundados em princípios universais.

2. AS CINCO VIAS DE TOMÁS DE AQUINO

Uma vez que já se aprendeu bem o esquema geral do significado do pensamento geral das provas físicas (ou metafísicas) da existência de Deus, é fácil compreender agora os *cinco argumentos* (ou cinco vias que conduzem a Deus) propostos por Tomás de Aquino, em sua majestosa obra: *Suma Teológica*.

Tomás de Aquino (1225-1274) foi o mais famoso dos filósofos cristãos da era medieval. O seu grande empreendimento intelectual foi a expressão de uma filosofia cristã vazada em termos reais sobre a existência de Deus.

Vamos, então, aos argumentos:

a. **Primeira Via** (A do Movimento). A primeira e mais manifesta dessas maneiras é o argumento baseado no movimento. Tomás considera esta a prova mais manifesta de todas.

Para bem compreendê-la, é importante ter bem presente ao espírito, ao mesmo tempo, a noção de movimento e o princípio geral em que se baseia a prova.(2)

Em virtude do princípio precedente, Tomás estabelece que o movimento exige um primeiro motor. Com efeito, afirma ele, "é evidente (e nossos sentidos o atestam) que, no mundo, certas coisas estão em movimento.

"Ora, tudo o que está em movimento é movido por um outro. É impossível que, sob o mesmo aspecto, e do mesmo modo, um ser seja a um tempo movimento e movido, quer dizer, que se mova a si mesmo e passe por si mesmo da potência ao ato. Logo, se uma coisa está em movimento, deve-se dizer que ela está sendo movida por outra."(3)

I. *O primeiro* motor imóvel é infinitamente Perfeito. Com efeito, toda mudança implica imperfeição, uma vez que mudar é adquirir o ser que não se tem. Se, pois, o primeiro motor é absolutamente imóvel é que ele possui toda a perfeição, quer dizer, a plenitude do ser. Em outras palavras, ele é Ato puro. Mais um pouco adiante em sua "Suma Teológica", Tomás conclui: "O primeiro motor imóvel é um Ser espiritual, pois a matéria é corruptível, portanto, essencialmente imperfeita. Sendo espiritual, o primeiro motor deve ser também inteligente e livre, pois inteligência e liberdade são propriedades essenciais dos seres espirituais".

II. *O primeiro* motor imóvel é Eterno, uma vez que é absolutamente imóvel. Não conhecendo mudanças quanto ao tempo e ao espaço.

III. *O primeiro* motor imóvel é Onipotente, pois, sendo princípio do movimento universal, está presente por seu poder a tudo aquilo que move, quer dizer, a todo o Universo.

Ora, Tomás não negava que os homens podem chegar a saber que Deus existe por outros meios que não pelas reflexões filosóficas, mas o esboçava em seus argumentos, para que se tornasse sensível ao coração humano.

"É certo, e evidente para os nossos sentidos, que certas coisas do mundo se encontram em movimento".(4)

b. **Segunda Via** (A da Causalidade). Esta segunda via sob a defesa da existência de Deus se baseia na prova pela causalidade. Há uma *Causa absolutamente primeira*, dizia Tomás. Ora, isso em outras palavras quer dizer: "Tudo o que se produz, como dissemos, é produzido por outra coisa (senão, o que é produzido seria causa de si mesmo, quer dizer, anterior a si, o que é absurdo). Concluimos, daí, por exclusão da regressão ao infinito, que há uma Causa absolutamente primeira, fonte de toda causalidade".(5)

Neste mundo de coisas palpáveis descobrimos que há uma ordem de causas eficientes. Não há nenhum caso conhecido (e nem mesmo isso seria possível) em que uma coisa qualquer é a causa eficiente de si mesma; pois, nesse caso, seria anterior ao próprio princípio de sua existência. Ora, retirar a causa é retirar o seu efeito.

Portanto, se não há qualquer causa primária entre as causas eficientes, não haverá causa final, e nem haverá causa intermediária.

Assim, pois, é necessário admitirmos uma causa primeira eficiente, à qual todos aplicam o nome de Deus.

c. **Terceira Via.** (A dos seres Contingentes). Esta nova prova parte do fato de que o mundo físico é composto de seres contingentes (condição de toda coisa existente de ser criada, isto é, condiciona), quer dizer, de seres que são, mas poderiam não ser, pois estes seres, ou nós os vimos nascer, ou então a ciência nos mostra que eles foram formados, ou ainda a sua composição exige, para explicá-los, uma causa de sua unidade.

Por conseguinte, não é que todos os seres sejam meramente possíveis, mas também deve haver algo cuja existência é necessária. No caso do homem, foi necessária sua existência, pois por meio da qual foi possível um conhecimento maior sobre a existência de Deus.

I. *Ora, isso* não leva ao homem possuir a razão em si mesmo de sua existência? Evidentemente que sim! Pois, como ser contingente, ele teve em um outro a razão de sua existência, e, este outro, se também é contingente, também tem a sua num outro.

Mas não é possível prosseguir assim *ao infinito*: de ser em ser, devemos chegar, afinal, a um Ser que tenha em si mesmo a razão de sua existência, quer dizer, a um Ser necessário, que exista por si, e pelo qual todos os outros existam.

II. *O alcance do argumento*. Este Ser necessário, que existe por sua própria natureza, e que não pode não existir, é Deus!(6)

Os panteístas admitem, efetivamente, este raciocínio, mas

não a sua conclusão. Para eles, o ser necessário não seria Deus, mas o próprio mundo, tomado no seu conjunto, e concebido por eles como um ser único e infinito. Mas esta doutrina vai, evidentemente, contra a razão.

d. **Quarta Via** (A dos graus de Perfeição dos Seres). Esta prova se firma no sistema de gradação que se encontra em todas as coisas.

Entre os seres existem alguns que são mais e outros menos bons, verazes, nobres etc. Quando pensamos nisso, devemos ter em mente o aspecto de beleza que as coisas manifestam diferentemente.

Diremos: se a beleza se encontra em diversos seres segundo graus diversos, é necessário que ela seja produzida neles por uma causa única. O fato de que há diferentes graus de beleza obriga então a que os diversos seres em que descobrimos estes graus participem simplesmente de uma Beleza que existe fora e acima desta hierarquia de beleza, e que é a Beleza absoluta e infinita.

I. *Este argumento* não exige, apenas, uma Beleza ideal, mas uma Beleza subsistente, nem, apenas, uma Verdade ou uma Bondade ideal, mas uma Verdade e uma Bondade subsistente (e assim por diante para as outras perfeições), quer dizer que ele conduz, como os argumentos precedentes, a um Ser que existe em si e por si, e que é, por essência, Verdade, Bondade, Beleza, Unidade etc., absolutas e infinitas.(7)

Ora, é evidente que, de diferentes modos, há algo que é máximo, do mesmo modo que se diz que algo está mais quente, em relação aquilo que é quente. E, assim sendo, existe algo que é o mais veraz, que é o melhor, que é o mais nobre. Por conseguinte, o máximo dentro de qualquer gênero é a causa de tudo quanto existe nesse gênero, da mesma forma que o fogo, que é o máximo, do calor, é a causa de todas as coisas quentes.

II. *O alcance do argumento*. Evidentemente, deve haver algo que, para todos os seres, é a causa do Ser de todos eles, e partindo daquilo que está chegando até nós em procura do infinito, chegamos a esta Causa primeira, que é Deus.(8)

e. **Quinta Via** (A da Ordem do Mundo). A prova pela ordem do mundo (ou segundo Tomás - o argumento das causas finais) se apóia no princípio de finalidade, e toma a seguinte forma: A organização complexa, objetivando um fim, exige uma inteligência ordenadora.

Com efeito, apenas a inteligência pode ser razão da ordem, quer dizer, da organização dos meios objetivando um fim, ou dos elementos tendo em vista a todo que compõem: os corpos ignoram os fins e, por conseguinte, se os corpos ou os elementos corporais conspiram em conjunto, é necessário que sua organização tenha sido obra de uma inteligência.

I. *O sentido do argumento*. Esta prova parte do fato da ordem universal. Essa ordem é evidente: considerado no seu conjunto, o Universo nos aparece como uma coisa admiravelmente ordenada, em que todos os seres, todos os elementos, por mais diferentes que sejam, contribuem para o bem geral do Universo. Jamais uma estrela, planeta ou cometa entraram na órbita dos outros. A natureza obedece cegamente as leis estabelecidas por Deus. O Universo não ultrapassa qualquer limite além daquilo que lhe foi prescrito. É necessário, então, admitir que existe uma Causa ordenadora do Universo.

II. *O alcance do argumento*. Percebemos que as coisas para as quais falta o conhecimento tal como os corpos naturais, atuam visando a uma finalidade qualquer, o que se evidencia em todas as suas ações, o que fazem quase sempre da mesma maneira, de modo a obterem os melhores resultados.

Por conseguinte, é patente que obtêm o seu alvo não fortuitamente, e, sim, por meio de algum desígnio. Ora, tudo aquilo ao que falta o conhecimento não pode dirigir-se a uma finalidade, a menos que seja orientado por algum outro ser dotado de conhecimento e inteligência; tal como a flecha é orientada pelo arqueiro. Portanto, existe algum Ser inteligente por meio de quem todas as coisas naturais são dirigidas às suas perspectivas e finalidades. E a esse Ser chamamos de DEUS! Conclui Tomás.(9)

3. A ORIGEM DA IDÉIA DE DEUS

Muitos sociólogos contemporâneos, influenciados pelo postulado positivista, se esforçaram para explicar a origem da idéia de Deus por uma transformação progressiva de noções essencialmente diferentes, em sua primeira forma, da que evoca hoje a palavra Deus. As teorias a este respeito são as mais variadas.

Para *Tylor* (Cultura Primitiva, 1872), a noção de Deus deveria ser ligada à crença nos espíritos, que derivaria da crença em duplo corpo, mais sutil que este.

Para *Marret* (Londres, 1909), a idéia de Deus se prende às forças cósmicas impessoais (Mana).

Para *Spencer* (Princípios de Sociologia, 1900), a idéia de Deus se relacionava com a velha teoria *evhemerista* (defendida por Evhemeros), no fim do século IV a.C., que invocava o culto aos antepassados (manismo).

Reinach (Paris, 1909), vê na noção de Deus apenas o último avatar (cada uma das encarnações de um Deus, sobretudo de Vixnu) da idéia de tabu.

Para *Durkhem* (Paris, 1912), a idéia de Deus seria apenas uma personificação da sociedade e derivaria do *totemismo* (V. D.) primitivo, etc.

a. **A discussão.** Sem entrar aqui na discussão destas teorias, que já se encontram praticamente quase que abandonadas e que são, do ponto de vista dos fatos, tão inconsistentes quanto arbitrárias, observaremos apenas que elas procedem de uma redução arbitrária da ordem lógica à ordem histórica; e, necessariamente, não se prendem a nenhuma primícia fundamentada ou, nas luzes da razão natural ou, nas luzes da revelação divina. São, portanto, absurdas.

A idéia de Deus pode ter e de fato tem suas causas variadas: sua origem concreta está às circunstâncias da vida individual e social.

Porém, é evidente que estas circunstâncias não dizem tudo quanto Deus é e pode ser. Elas explicam apenas as formas, muitas vezes imperfeitas, que revestem a noção vaga de Deus, segundo os lugares e as épocas.

A causa propriamente dita da idéia de Deus (quando se prende ao campo filosófico) pertence a uma ordem inteiramente diferente, porque aparece constantemente unida a um conjunto de profundas intuições que a apresentam como fundada, e necessária ao mesmo tempo, para uma explicação do mundo, para dar um sentido à vida humana, para justificar o dever e a obrigação moral, para satisfazer às experiências do coração humano.

b. **A evolução da idéia.** Se, portanto, há uma evolução da idéia de Deus através dos anos, esta idéia não é, propriamente falando, o resultado das transformações que nos descreveram, mas o princípio destas transformações: de um certo modo, envolta primeiro em todo um conjunto de noções confusas, a idéia de Deus se afasta, se procurada por este prisma e, pouco a pouco, pode

tornar-se confusa para aquelas mentes confusas sem a plenitude normal da investigação.

Noutras palavras, não é a evolução que a explica e sim ela que explica a evolução. A existência de "religiões atéias", de que fala Durkeim (Les formes élèmentaires de la vie religieuse, Paris, 1912), quando se refere ao *budismo* e ao *jainismo*, é coisa muito discutível. De fato, no que diz respeito ao *budismo*, admitimos cada vez menos que constitua uma religião sem a idéia de Deus. Esta opinião se baseia em aparências secundárias e transitórias, porque é certo que desde sua origem os budistas reconheceram a existência de seres superiores ao indivíduo, que foram no princípio os antigos deuses dos brâmanes.

Pouco a pouco se espalhou o culto dos budas e dos santos (segundo eles); estes não tardaram, porém, a se identificar com uma entidade suprema, o Nirvana, de que Grousset e Vallée-Poussin a demonstraram que outra coisa não era, para numerosos budistas, senão a essência inacessível de Deus. Quanto ao *jainismo*, rival do budismo, não é uma religião propriamente dita, pelo menos na origem, mas essencialmente uma forma de ascese (exercício espiritual de devoção, de mortificação e meditação religiosa) ou um método para escapar ao mal da existência.

c. **O alcance da prova**. O objeto de nossa dissertação no presente argumento está, portanto, bem definido, ao mesmo tempo pela idéia comum e universal de Deus e pela noção filosófica de Deus: trata-se da existência de um Ser supremo, causa primeira do Universo.

Queremos saber se esta noção de Deus que aparece nestes ramos filosóficos está baseada na experiência e na razão que se tem em Deus, isto é, se o ser universal só se pode explicar adequadamente pelo recurso a uma Causa primeira assim definida. Pois, não é somente que falando na palavra "deus", qualquer idéia verdadeira de Deus esteja nela inserida. Todavia, é o princípio mesmo desta pesquisa que, segundo se depreende, está na frase inserida, isto é, a possibilidade de lhe fornecer uma solução que encontra desde o início ressaltada. Alguns filósofos pretenderam de fato que toda tentativa de demonstração estava de antemão condenada como essencialmente paralógica (raciocínio involuntariamente falso). Devemos entretanto começar por examinar os argumentos propostos para estabelecer esta tese negativa, isto é, de excluir a palavra Deus

onde ela se encontra: se é técnica ou prática. Paulo exemplifica isso no Areópago, quando diz: "...Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse pois que vós *honrais*, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio" (At 17.22,23).

Para *Kant*, o raciocínio só teria valor se operasse sobre conceitos rigorosos. Ora, para nossa compreensão finita, isso é quase impossível,pois, nenhum de nossos conceitos, nem o do ser, nem o de causa, pode propriamente se aplicar a Deus, porque estes conceitos só têm valor dentro de nossa experiência, enquanto o Ser infinito ou a Causa primeira, é necessariamente transcendental (que pertence à razão pura, anteriormente a toda experiência).

Portanto, mesmo na Teodicéia, as luzes da fé devem estar presentes, ao menos para iluminação do caminho seguido (ou percorrido) pela imaginação racional.

d. **A imanência divina**. Os filósofos no passado usaram dois termos técnicos para descreverem a existência de Deus: a *imanência* e a *transcendência* divinas. Sendo que a primeira era concebida distintamente do panteísmo; e a segunda, não isolava Deus do Universo.

Na imanência, Deus, sendo primeiro princípio, Causa universal, deve estar presente a tudo o que é, e deve mesmo estar mais presente nos seres do que eles em si mesmos, uma vez que eles não existem e não subsistem senão pelo efeito de um contínuo influxo do poder criador. Devemos, por isso, dizer, com toda a verdade, como disse o apóstolo Paulo: "...nele vivemos, e nos movemos, e existimos..." (At 17.28). A imanência, porém, não deve ser então imaginada como uma espécie de mistura do Ser divino com as coisas criadas. É necessário concebê-la como um modo de presença espiritual; porém, infinitamente mais profunda e mais envolvente que as presenças corporais.

e. **A transcendência divina**. A imanência divina não deve fazer negligenciar a transcendência, quer dizer, a absoluta independência de Deus em relação ao mundo, e o soberano domínio de Deus sobre todo o Universo.

É então necessário preservar-se de representar a transcendência divina como uma exterioridade espacial e material, como se a absoluta *distinção* de Deus e do mundo implicasse uma justaposição

do mundo e de Deus. A noção de transcendência não significa nada disto como alguém chegou a pensar, mas essencialmente a independência absoluta, a perfeita existência necessária, por si, etc.

Tudo o que acabamos de ver nos leva a reconhecer que Deus é distinto do Universo que criou e que conserva por um ato de vontade livre. Esta, portanto, tem sido a convicção da fé e da razão humana!

---

(1) A. A. Dieu, acce, à la raison, 1941
(2) S. T. A. Sum. Teol. part. I. Q. 2. Art. 3.
(3) op. cit. 1945
(4) Idem. 1945
(5) Idem. 1945
(6) Idem. 1945
(7) Idem. 1945
(8) Idem. 1945
(9) Idem. 1945

11
Os Atributos Naturais de Deus

Podemos dividir em vários pontos de vista os atributos divinos. O ponto de vista principal, porém, é o que distingue os atributos *naturais* dos atributos *morais*. Mais ou menos como fazem os filósofos, distinguindo os atributos *entitativos* e os atributos *operativos*.

Os *primeiros* são relativos ao Ser mesmo de Deus e não comportam nenhuma relação com seres contingentes: unicidade, verdade absoluta, infinidade, imensidade, ubiqüidade, onisciência, onipotência, onipresença, eternidade.

Os *segundos*, relativos às operações divinas, que dizem respeito, uns, às operações imanentes: inteligência, sabedoria, amor, justiça, retidão, presciência, providência, vontade, misericórdia e ss.

O primeiro grupo relaciona-se com a natureza de Deus; enquanto que o segundo, com seu caráter. Seja como for, tudo em Deus é infinitamente absoluto. O que Deus é, e tudo que Deus é, Ele o é sem limite algum. Um estudo dos atributos divinos dentro da esfera de nosso conhecimento, será necessário para uma melhor compreensão do significado do pensamento. Porque, finalmente, aquilo que Deus é mesmo, jamais pode ser concebido (em limites finais) pela imaginação humana.

Então, é necessário que alguma coisa sensível ao tato ou à nossa imaginação nos conduza a Deus.

Por exemplo, atribuímos a Deus (no argumento antropomórfico) visão, olfato, audição, paladar, tato, razão e intelecto, e assim por diante, conforme os diversos significados de cada palavra; porém, para Ele, a visão não é diferente da audição, ou do paladar, olfato, tato, sentimento ou compreensão. Quer dizer, em Deus qualquer órgão é infinitamente perfeito. Mas eles são assim descritos para dar forma à nossa imaginação como Deus de fato é. Todos os atos divinos são consistentes e estão de acordo com os seus atributos. Nenhum atributo contradiz outro, mas todos se harmonizam e se combinam entre si em cada detalhe.(1)

1. SIMPLICIDADE

Os atributos que dizem respeito ao próprio Ser de Deus, são denominados de atributos *entitativos* (ou metafísicos). Eles são necessariamente atributos naturais quando se aplica o termo diretamente a Deus. Devemos ter em mente dois pontos de vista importantes neste estudo:

Primeiro, quando se fala da simplicidade de Deus, a filosofia tem em si um conceito;

Segundo, quando, porém, se fala da simplicidade de Deus na Teologia Sistemática, tem-se outro.

a. **Ponto de vista filosófico.** Este prende-se mais ao conceito da Teodicéia. Deus não é composto de partes (diz a definição filosófica), nem quantitativas, nem metafísicas, nem mesmo lógica. Com efeito, toda composição supõe imperfeição, pois o composto depende necessariamente dos elementos ou das partes que o constituem; ele é, portanto, em relação a seus componentes, um ser secundário derivado.

Ora, Deus é o Ser absolutamente primeiro. Logo, não é composto de forma alguma. E, portanto, é perfeitamente simples.(2)

b. **Ponto de vista teológico.** Ora, do ponto de vista divino da observação, até certo ponto, essa definição filosófica sobre a simplicidade divina, pode (mais não deve) ser aceita; mas, em outro não pode.

O termo "simplicidade" foi usado, primeiro, em oposição à composição da matéria, quer mecânica, orgânica ou química; segundo, em um sentido metafísico em negação da relação da substância e propriedade, essência e modo.(3) Contudo, não devemos aceitar cegamente todo este conjunto de raciocínio. Razão por que

ele se choca com os argumentos ontológico e antropomórfico, respectivamente, e passa a se harmonizar com a idéia do panteísmo se não for sistematizado.

Aceitamos, contudo, que de fato Deus seja um Ser de ordem espiritual; entretanto, negamos que Ele não tenha forma, pois contrariaria tudo aquilo que entendemos e sabemos a seu respeito.

2. INFINIDADE

Infinidade significa algo sem limites, e para uma mente finita é evidentemente impossível compreender o Ilimitado. Quando dizemos que Deus é infinito queremos dar a idéia de que Ele não conhece limites.

O que Deus é, e tudo que Ele é, Ele o é sem limite algum.(4)

Mais uma vez, dizer que Deus é infinito é dizer que não existe meio de medi-lo. As medidas são a maneira pela qual as coisas criadas dão conta de si mesmas. Elas indicam limitações, imperfeições, e não poderão ser aplicadas a Deus. O peso indica a força da gravidade da terra sobre os corpos materiais; a distância mede os intervalos entre os corpos no espaço; o comprimento significa a extensão no espaço, e existem outras medidas conhecidas por nós que são usadas para líquidos, energia, som, luz e números para os múltiplos.

Tentamos medir também as quantidades abstratas, e falamos de grande ou pequena fé, alta ou baixa inteligência, maior ou menor talento.

Porém, é evidente que não podemos falar de medidas e quantidades, e tamanho e peso, ao mesmo tempo em que estivermos falando de Deus, pois estes dizem respeito a graduações, e não existem graus em Deus.

Tudo que Ele é, Ele o é sem crescimento ou soma, ou desenvolvimento. Nada em Deus é menos ou mais, grande ou pequeno. Ele é o que em si mesmo é, sem qualificativos de pensamento ou palavra. É Deus, simplesmente.(5)

I. *Definição*. Deus é infinito, quer dizer, sem limites no seu Ser, uma vez que é o Ser por si, quer dizer, o Ser que existe por sua própria essência.

Com efeito, de onde lhe poderia vir um limite qualquer? Não poderia vir de uma vontade estranha, uma vez que nada existe acima de Deus (este nada aqui é substancial), a não ser sua Palavra. Deus

de nada depende e tudo dele depende. Deus ultrapassa ao infinito!

II. *Em Deus.* Em Deus, tudo é infinito. Devemos admitir, então, que Deus é uma inteligência infinita e possui uma ciência infinita, um poder infinito, e daí por diante.

3. UNICIDADE

Os dicionários dizem que a definição da palavra "unicidade", como substantivo feminino é: "estado ou qualidade de único", cujo adjetivo segue: "que é só um; de cuja espécie não há outro; exclusivo; excepcional; a que nada é comparável; superior a todos os outros".(6)

Para bem entendermos este atributo divino, se faz necessária bastante sensibilidade divina na mente e no coração. A unicidade de Deus está intimamente ligada ao atributo da simplicidade.

Devemos ter presente em nossa imaginação que, quando dizemos que Deus é único, não queremos isolar os demais membros da Santíssima Trindade. Visto que em qualquer dimensão do significado do pensamento, os três (Pai, Filho e Espírito Santo) são da mesma substância, e iguais em poder e glória. A unicidade de Deus é um atributo. Ela não determina o que Deus é em si mesmo. Relaciona-se, todavia, com o seu modo de existência.

I. *A prova.* Há um acordo universal quanto à significação do número um. Em todas as línguas é o símbolo da unidade, e nas Escrituras é o sinal da unidade divina e da supremacia absoluta. *Theos* é a designação mais freqüente de Deus na extensão da Bíblia. A crença no Deus Uno, Único e sem Igual (Mt 23.9; Rm 3.30; 1 Co 8.4; Gl 3.20; 1 Tm 2.5; Tg 2.19) é uma parte estabelecida da fé e tradição cristã.(7)

O próprio Jesus tornou sua a confissão fundamental do judaísmo, e expressamente citou o Pentateuco (Dt 6.4,5; Mc 12.29,30; Lc 10.27). Ficou sendo, assim, garantida a continuidade entre a Antiga e a Nova Alianças.

Isto porque o Deus a quem os cristãos adoram é o Deus dos pais (At 3.13; 5.30; 22.14), o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó (Mt 22.32; Mc 12.26; At 3.13; 7.32), o Deus de Israel (Mt 15.31; Lc 1.68; At 13.17; 2 Co 6.16; Hb 11.16), e o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo (2 Co 1.3; Ef 1.3; 1 Pd 1.3).

II. *Um só Deus.* A exortação divina adverte no seu escopo: "Não terás outros deuses diante de mim" (Êx 20.3). "Ouve,

Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor'' (Dt 6.4).

Em Efésios 4.3-6 o apóstolo Paulo descreve um círculo completo constituído de sete unidades distintas:

''Há um só corpo,
Um só Espírito,
Uma só Esperança,
Um só Senhor,
Uma só Fé,
''Um só Batismo,
Um SÓ DEUS...''

O dr. Bullinger diz: ''Como cardinal, *um* denota unidade; como ordinal denota primazia.

''Sendo a unidade indivisível, não constituída de outros números, **um** é, portanto, independente de todos os outros, e a fonte dos outros.

''**Um** exclui toda diferença, pois não há segundo com que ele possa harmonizar ou entrar em conflito... O primeiro é o único. Não pode haver dois primeiros''.([8])

A unidade dos atributos divinos pode ser vista nos querubins de ouro, que eram *um* em medida e *um* em tamanho (1 Rs 6.25).

III. *O alcance do argumento*. A unidade que está agora em foco é a que resulta da indivisão do Ser em si mesmo. Já sabemos que Deus, sendo infinitamente simples, é por isto mesmo infinitamente Uno. Trata-se agora de mostrar que Deus é Único, quer dizer, que não pode existir mais do que um Único Deus. No conceito bíblico isto é imediatamente subentendido nas palavras do próprio Jesus quando diz: ''Eu e o Pai somos um'' (Jo 10.30). Isto nos leva a entender que, no Pai, no Filho e no Espírito Santo, a Divindade se completa entre si em cada detalhe.

4. ETERNIDADE

A palavra eternidade é empregada de duas maneiras:

Primeiro: para descrever aquilo que se encontra na eternidade passada, ou aquilo que está na eternidade futura.

Segundo: para descrever um atributo que decorre da imutabilidade de Deus. O tempo marca extensão. Deus é eterno! Uma vez que existe pela própria necessidade de sua existência. O tempo marca o início da existência criada, e como Deus nunca teve início de existência, o tempo não se aplica a Ele.([9])

Nós conhecemos o tempo como uma sucessão de eventos. É o modo pelo qual explicamos as mudanças consecutivas no Universo. As mudanças não ocorrem duma só vez, mas sucessivamente, uma após outra, e é a relação entre "antes" e "depois" que nos dá a idéia de tempo. Nós esperamos que o Sol se mova de leste para oeste (conforme nossa visão) ou que o ponteiro do relógio dê a volta no mostrador, mas Deus não precisa esperar. Para Ele tudo que vai acontecer já aconteceu e tudo que já aconteceu está acontecendo, pois Ele está presente em qualquer época do tempo e da eternidade.

a. **Definição do termo.** Se define a eternidade quanto aquilo que é infinito quanto ao tempo. O termo quando aplicado a respeito de Deus, se refere a sua auto-existência, não conhecendo limites de anos ou de tempos passados, presentes ou futuros.

Ele é duma eternidade a outra. É duração, sem princípio nem fim; existência, sem limites ou dimensões, em qualquer tempo, sem passado ou futuro. Sua eternidade é juventude sem infância ou velhice; vida sem nascimento ou morte; É hoje, sem ontem ou amanhã.([10])

b. **A eternidade de Deus.** A eternidade de Deus, é sem dúvida alguma, um sempiterno presente, ligando o hoje do tempo como se fosse o amanhã da eternidade. O Deus da Bíblia é o único que é absolutamente eterno, pois sua existência não conhece princípio ou fim.

Nesse sentido, portanto, a eternidade é um atributo peculiarmente seu, e, no trono que permanecerá para todo o sempre, Ele há de permanecer para sempre em majestoso isolamento!

Como um título. A eternidade é também um dos títulos de Deus. Temos assim um título dado freqüentemente a Deus no Antigo Testamento; também nos escritos judaicos e helenistas, salientando o fato de que Deus é a única Deidade verdadeira, em constraste com os "ídolos mortos do paganismo, que não têm vida, e, portanto, não têm poder". O leitor deve ainda consultar as seguintes passagens sobre "O Deus Vivo" no Novo Testamento (Jo 6.69; At 14.15; Rm 9.26; 2 Co 3.3; 6.16; 1 Ts 1.9; 1 Tm 4.10; Hb 3.13; 10.31; 12.22; Ap 7.2 etc.).

Como já tivemos a oportunidade de afirmar em outras notas expositivas, a eternidade é um atributo que decorre da imutabilidade. O termo é, com efeito, aquilo que não muda e não pode mudar de

maneira alguma; por conseguinte, aquilo que não começa nem termina e que possui na atualidade pura, exclusiva de qualquer sucessão ou modificação, a plenitude de seu ser. Daí a definição de *Boecio*, retomada por Tomás de Aquino. "A eternidade é a posse, ao mesmo tempo, total e perfeita de uma vida sem limites. Portanto, a eternidade é um presente imutável que existe em todos os tempos".([11])

O tempo se define como o número ou a medida do movimento. Com efeito, não se pode conceber o tempo sem o movimento. O tempo é, pois, uma espécie de número. Mas não é um número descontínuo; é um número contínuo e fluente.

Podemos dividir o tempo em três partes, a saber:

I. *O tempo concreto ou vivido*. O tempo concreto é aquilo que resulta do movimento vivido por cada ser. Na vida humana, por exemplo, esse tempo algumas vezes é suprimido pelas muitas ocupações. Sempre ouvimos alguém dizer: "não tenho tempo". Assim o tempo pode ser mais ou menos rápido, conforme a rapidez ou a lentidão do movimento vivido por nós.

Durante o sono, o tempo quase desaparece, em conseqüência do relaxamento da atividade psíquica (ou movimento psíquico). De outras vezes, desde que a atividade é intensa, o tempo perece, ao contrário precipita-se.

II. *O tempo abstrato*. É o tempo uniforme e vazio que nós representamos como uma linha, ao longo da qual se situam os acontecimentos do Universo.

III. *O tempo objetivo*. É o tempo resultante do movimento sobre si mesmo, e que foi tomado como unidade (um dia de vinte e quatro horas). Este tempo uniforme depende de nós, se bem que, sem um espírito que numere (ou meça) o movimento da terra, o tempo não existiria em ato, mas apenas em potência, no movimento da terra.

Para Deus, porém, este tempo passa sem ser medido ou observado (observado aqui é no sentido de medir e não de aquilatar). Em outras palavras o tempo poderia não ter começo nem fim. Deus, com efeito, teria e pode fazer criar um tal tempo.

5. IMENSIDADE

Etimologicamente, é imenso o que não pode ser medido, e a imensidade é um atributo divino que exclui de Deus toda possibilidade

de ser circunscrito ou limitado por qualquer coisa que seja. Este atributo decorre imediatamente da infinidade divina.

Em Teologia Sistemática, este atributo divino toma o nome de Onipresença divina.

Filosoficamente, porém, ele toma o nome de ubiqüidade, ou presença de Deus em todas as coisas (ver notas expositivas em *A onipresença de Deus*).

Por imensidade essencial, Deus está presente em todas as coisas (esta presença divina não está ligada à idéia errônea do panteísmo).

Está em todo lugar, está em toda parte, efetivamente, por sua essência, sua presença e seu poder.(12)

Três pontos importantes devem ser aqui subentendidos:

a. **Deus está em todas as coisas**. Quando há em nós uma percepção de imensidade traçada pela imaginação tal como: o oceano, o céu e o espaço. Devemos ter em mente, todavia, que esta imensidade das coisas, se a supomos real, não é a imensidade divina; como a perpetuidade do tempo não é a eternidade de Deus.

Deus é a Causa primeira do Universo e, como tal, está presente da maneira mais íntima em todos os seres: já que tudo se faz por Deus e com Deus, é preciso, também, que tudo se faça nele. Deus está, portanto, presente em toda parte, não como uma parte num todo, como um elemento no composto, ou um acidente na substância, imediatamente e toda inteira.(13) Mas necessariamente, Ele marca sua presença real!

b. **Deus está em todo lugar**. A ubiqüidade divina resulta, necessariamente, da imensidade de Deus. De fato, se Deus está presente em todas as coisas, está presente em tudo o que ocupa o lugar e o espaço. Por conseguinte, Ele mesmo enche o espaço, não como um corpo ou um fluido sutil, mas porque faz com que os corpos ocupem o espaço e que o próprio espaço só tenha capacidade e realidade por Ele.

c. **Modos da imensidade divina**. Deus está presente em toda parte, por sua essência, isto é, por si mesmo imediatamente, porque tudo o que é só possui o Ser dele e só o conserva por Ele, nada podendo dar nem conservar o ser senão o mesmo Ser, subsistente por si. Deus está em toda parte por sua presença, porque conhece tudo; tudo vê, assiste a tudo o que se faz. Deus está em toda parte, por sua potência, porque tudo está submetido a seu poder soberano.(14)

6. ONIPRESENÇA

"Para onde me irei do teu Espírito, ou para onde fugirei da tua face? Se subir ao céu, tu aí estás; se fizer no Seol a minha cama, eis que tu ali estás também" (Sl 139.7,8).

A palavra "presente", naturalmente significa **aqui**, perto **de**, próximo **a**, e o prefixo (**oni**) lhe dá universalidade. Deus está em todo lugar, aqui, perto de tudo, próximo de tudo.

A doutrina da Onipresença de Deus nos ensina que Deus está a um só tempo distante e bem perto, e é nele que os homens se movem e vivem e tem a sua existência (At 17.25,28). Por exemplo, as Escrituras nos ensinam que Deus é infinito. Isto é, Ele enche o campo inteiro de nossa visão. Isto quer dizer que o seu Ser não conhece limites; não podendo assim haver limites à sua presença; Ele é Onipresente. Na sua infinitude Ele cerca a criação finita e a contém. Não há lugar além dele, para a existência de coisa alguma.

a. **O alcance do termo**. Hildeberk de Lavardin declara: "Deus está sobre todas as coisas, sob todas as coisas, dentro mas não enclausurado, fora mas não excluido; acima, mas não levantado; embaixo, mas não deprimido; inteiramente acima, presidindo; totalmente abaixo, sustentando; totalmente por dentro, preenchendo todo espaço".(15)

O homem não salvo tem conhecimento da presença de Deus. O homem salvo, porém, sente a presença de Deus.

b. **O sentido do termo**. A palavra "Onipresença" tem em si a mesma sentença do argumento precedente. Deriva-se também de dois termos latinos "ommis", que significa "tudo", e "praesum", estar próximo ou presente em qualquer lugar.

O termo denota a imensidade de Deus em todo o Universo. Deus é infinito, sem fronteiras ou limites tanto quanto ao seu Ser como quanto aos seus atributos, e cada aspecto e elemento de sua natureza é infinito. Essa natureza infinita, em relação ao tempo, é chamada *eternidade*, e em relação ao *espaço* é chamada *onipresença*.

"Em relação ao universo, ela implica tanto em transcendência como em imanência. Por *transcendência* de Deus se entende que Ele está separado de toda sua criação como ser independente e auto-existente (o panteísmo ensinava que Deus estava em tudo e que tudo estava em Deus). Já por *imanência* se entende sua presença difundida e seu poder dentro de sua criação".(16)

Para Deus a distância não tem sentido; Ele não só conhece as

origens das coisas como está presente em cada coisa criada. O profeta Jeremias descreve a Onipresença divina da seguinte maneira: "Sou eu apenas Deus de *perto*, diz o Senhor, e não também Deus de *longe*? Esconder-se-ia alguém em esconderijos, de modo que eu não o veja? diz o Senhor: Porventura não *encho* eu os céus e a terra? diz o Senhor" (Jr 23.23,24). O Deus eterno é Onipresente em todo o seu Ser:

I. *Sua mão*: "Vede agora que eu, eu o sou, e mais nenhum Deus comigo; eu mato, e eu faço viver; eu firo; e ninguém há que escape da minha mão" (Dt 32.39).

II. *Seus olhos*: "Os olhos do Senhor estão em todo o lugar, contemplando os maus e os bons" (Pv 15.3).

III. *Em todo o espaço*: "Assim diz o Senhor: O Céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés..." (Is 66.1). Jacó exclama depois de ter acordado: "Na verdade o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia" (Gn 28.16b).

O Deus eterno não depende de tempo ou lugar para está presente. Quando Ele vai também fica; e quando fica também vai. Ele é o Deus: "...Bem presente" (Sl 46.1). O nosso Deus está também presente no Sheol; não em seu Ser, mas em sua justiça e retidão. Um filósofo perguntou certa feita a um cristão: "Onde está Deus?" O cristão replicou: "Primeiro desejo perguntar-lhe: Onde não está Ele, doutor?".

Deus, portanto, através de sua Onipresença controla e preenche todos os limites do Universo! Em Deus tudo está presente e Ele está presente em tudo!

7. ONIPOTÊNCIA

O poder que encontramos no ser criado é de duas maneiras e substancialmente, de duas espécies: uma ativa, outra passiva. É evidente que, por ser Deus Ato puro, não lhe podemos atribuir, sob forma alguma, e em nenhum grau, a potência passiva que supõe dependência em relação a um princípio exterior e imperfeição essencial. Quanto à potência ativa que está em nós, é ao mesmo tempo o princípio ativo do efeito e o princípio da ação.([17])

Ora, a potência de Deus deve ser o princípio ativo do efeito, mas não pode ser o princípio da ação, isto é, alguma coisa distinta da ação, determinado e aperfeiçoado pela ação. Deus é todo Ato e sua potência é um Ato supremo, princípio de todos os efeitos.

Isso se dá, porque o poder de Deus é infinito. De fato, a

potência de um ser é tanto maior quanto é mais ativa e tem maior alcance. Ora, a potência de Deus é um Ato puro, que não tem limite algum.([18]) Devemos observar vários aspectos sobre isso:

a. **A soberania e a potência**. Estes dois atributos andam juntos. Um atributo não existe sem o outro. A fim de reinar (soberania), Deus precisa ter poder (potência), e necessita de absoluto poder que exerça todo o governo.

b. **Poder no querer**. "Então respondeu Jó ao Senhor, e disse: Bem sei eu que *tudo podes*, e nenhum dos teus pensamentos pode ser impedido" (Jó 42.1,2).

Como já tivemos ocasião de ver em outras notas expositivas, o termo *Onipotência* deriva-se de dois vocábulos latinos: "Ommis" e "potentia" que, em si, formam a conjunção: *todo poder*.([19]) O termo denota o Supremo poder pessoal de Deus. Esse atributo e outros correlatos, indicam que, seu poder é ilimitado, que Ele tem o poder de fazer qualquer coisa que queira (Lc 1.37).

"A Onipotência de Deus não significa o exercício de seu poder para fazer aquilo que está dentro dos limites da concepção humana, como por exemplo: Se Deus é Onipotente por que permitiu a serpente entrar no Jardim, e tentar o casal inocente? Mas, além de tudo, devemos pensar primeiro que Deus é soberano e absoluto e, como tal, age de acordo com sua natureza e vontade." Assim, o poder criador de Deus é, primeiramente, a eficiência de sua vontade. O Universo foi criado não com o exercício da *força muscular* dos braços de Deus, mas sobretudo pelo supremo poder da sua Palavra: usando-se a expressão "faça-se!"

c. **Deus é Todo-poderoso**. Este atributo divino da Onipotência de Deus se divide em duas partes nas variadas manifestações que Ele fez de si mesmo:

Primeira: A parte moral. Esse primeiro ponto se relaciona com seu caráter; fala da elevada conduta divina. O caráter de Deus jamais poderá ser ultrajado. Ninguém jamais encontrou ou encontrará um fracasso moral da parte de Deus. Sua Onipotência neste sentido é absoluta e irreversível, em razão de Deus ser Santo em todo o seu Ser.

Quando o príncipe das trevas planejou no passado derrubar a Deus, foi frustrado em seu plano mortal. Pois Deus é imortal tanto no seu Ser como em seu caráter! (1 Tm 1.17; 6.16).

Segunda: A parte física. Deus é Todo-poderoso. O salmista

declara que "o poder pertence a Deus" (Sl 62.11b). O seu eterno poder se entende claramente "pelas coisas que estão criadas" (Rm 1.20a). Portanto, Deus é o Senhor absoluto de todo poder!

8. ONISCIÊNCIA

Em Deus, tudo é infinito. Devemos admitir, então, que Deus é uma inteligência infinita e possui uma ciência infinita, a saber, não apenas a ciência de tudo o que foi, é ou será, mas ainda de tudo o que é possível.

Desde que a palavra infinita descreve aquilo que é único, não possui portanto modificadores. Não podemos dizer: "mais infinito", nem "muito infinito", e nem "mais único". Perante a infinitude nós emudecemos.(20)

No pensamento filosófico a ciência consiste, em geral, no conhecimento da verdade. Considerada em seu próprio ato, a ciência é a possessão intuitiva e perfeita pela inteligência de todas as verdades que são de seu domínio. Quanto maior a ciência, tanto maior é a luz e, se a ciência é infinita, a luz é sem sombra. Tal é a ciência de Deus.(21)

a. **Perfeição da sabedoria**. Quando nos referimos à sabedoria divina, significa que Deus possui conhecimento perfeito, e portanto não tem qualquer necessidade de aprender. Mas significa ainda mais: Deus nunca aprendeu nem jamais o poderá fazer.

A Onisciência de Deus não é apenas ensinada nas Escrituras; pode também ser inferida de tudo o mais que se ensina a seu respeito. Deus conhece perfeitamente a si mesmo; e, sendo o autor e a fonte de todas as coisas, segue-se que Ele sabe tudo o que pode ser conhecido.

O dr. A. W. Tozer diz a seu respeito o que segue: "Deus sabe de imediato e sem esforço algum toda a matéria e todas as matérias, toda a mente e todas as mentes, todo o espírito e todos os espíritos, todo o ser e todos os seres, toda a criatura e todas as criaturas, toda a pluralidade e todos os plurais, toda a lei e todas as leis, todas as revelações, todas as causas, todos os pensamentos, todos os mistérios, todos os enígmas, todos os sentimentos e desejos, todos os segredos jamais proferidos, todas as coisas visíveis e invisíveis, todos os tronos e domínios, todas as personalidades, movimento, espaço, tempo, vida, morte, bem, mal, céu, inferno, eternidade etc.".(22)

b. **Definição do argumento**. A palavra *Onisciência* se

deriva de dois termos latinos: "ommes", que significa *tudo*, e "scientia", que significa *conhecimento*. Ambos os termos denotam a infinita sabedoria de Deus. Seu conhecimento de todas as coisas. Deus conhece todas as coisas porque "...o seu conhecimento é infinito" (Sl 147.5). E, além disso, "Ele é sábio de coração, poderoso em força" (Jó 9.4).

Mas isso é apenas as orlas do manto da sabedoria divina! Ninguém jamais pode sondar "a profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus" (Rm 11.33a).

O Senhor Jesus, como um dos membros da Santíssima Trindade, possui em si "...toda a plenitude da divindade" (Cl 2.9b), e por cuja razão Pedro podia dizer: "...Senhor tu **sabes tudo**!" (Jo 21.17a), e semelhantemente confirmado em outra ocasião: "Agora conhecemos que **sabes tudo**..." (Jo 16.30).

c. **O alcance do argumento**. A doutrina da Onisciência é essencial a uma religião verdadeira, porque, se Deus não soubesse dirigir o Universo, ou não soubesse ensinar o plano da salvação da pessoa humana, e responder às nossas súplicas, seríamos as mais infelizes de todas as criaturas.

Como já dissemos em outras notas expositivas, Deus ultrapassa ao infinito! Pois dele se diz que "a sabedoria foi sua aluna no passado" (Pv 8.30).

9. IMUTABILIDADE

Dizer que Deus é imutável é afirmar que Ele nunca difere de si mesmo. O conceito dum Deus em crescimento ou em evolução gradual não se encontra nas Escrituras.

Deus não muda para melhor. Pelo fato de ser perfeitamente santo, nunca poderá ser menos santo do que é agora, nem mais santo do que sempre foi. Também não poderá mudar para pior.

Qualquer corrupção na natureza infinitamente santa de Deus é impossível. Creio mesmo ser impossível pensar tal coisa, pois no momento em que tentamos fazer isso, o objeto sobre o qual estamos pensando não é Deus mas qualquer outra coisa menor do que Ele. Talvez estejamos imaginando em uma criatura grande e aterradora, mas sendo criatura não poderá ser o Criador auto-existente.

a. **O significado do pensamento**. "Porque eu, o Senhor, *não mudo*; por isso vós, ó filhos de Jacó, não sois consumidos" (Ml 3.6).

As Escrituras Sagradas colocam em foco, em muitos de seus elementos doutrinários, a imutabilidade de Deus.

Imutabilidade, significa, para Deus, "Aquele que nunca muda" (Hb 6.16). E, por conseguinte, se entende que Ele nunca muda em sua natureza, seus conselhos e seus atributos. Ele é sempre o mesmo em qualquer dimensão. Não pode melhorar! Deus é imutável, tanto em seu Ser, como em sua sabedoria, poder, santidade, justiça, amor, verdade e retidão. O tempo jamais poderá desgastar a natureza plena de Deus, nem a sua bondade e amor.

b. **Quanto ao Seu Caráter.** O dr. Torry observa que Deus permaneceu o mesmo quanto a seu caráter, abominando infinitamente o pecado, e em seu propósito de visitar com julgamento o pecado, seja como for e em quem quer que seja![23]

Falando de seres humanos, quando, porém, o homem se arrepende ou muda de atitude para com o pecado, Deus, necessariamente, modifica sua atitude para com o homem, porém não para com o pecado. Seu caráter permanece o mesmo, mas seus tratos acerca dos homens mudam (Jn 3.10).

c. **O arrependimento de Deus.** Alguns expositores das Escrituras e até filósofos, têm procurado confrontar a "imutabilidade de Deus" com seu "arrependimento" (Gn 6.6; Nm 23.19; Jn 3.10).

É claro que, quando a palavra *arrependimento* é empregada com referência a Deus, não contém certos elementos que lhe pertencem quando se referem a pessoa humana, mas o sentido de "mudança de pensamento" lhe é inerente. Assim, Deus quando "se arrepende", não quer dizer que Ele tenha mudado o seu *caráter* ou o seu *plano*, mas o executou de uma outra forma sublime (Gn 8.21; Rm 11).

Falando sobre o arrependimento de Deus, J. Ramseuer, Ph, declara: "A criatura não é a única a arrepender-se. Muitos textos da Bíblia nos mostram o arrependimento de Deus (Êx 32.14; Jr 26.13; Jn 3.10). É necessário dizer que o termo aqui (que de resto, aplicando-se a Deus, é quase sempre diferente do que se aplica ao homem) deve ser entendido de modo radicalmente diferente do que acabamos de ver. Deus se arrepende do mal que intentara fazer (Jr 18.10), mas este texto em si traz também a idéia de que Deus se arrepende do bem que tinha projetado, porque Ele não é o Deus dos filósofos.

"Prisioneiro de sua eterna imutabilidade, mas o Deus Vivo e Pessoal, sempre está atento ao comportamento de seus filhos e pronto a *sublinhar* (não excluir) seu plano, por amor, ao cumprimento da sentença de condenação, diante do arrependimento sério deles..."([24])

Deus não deseja a morte do ímpio, mas sua conversão e sua vida (Ez 33.11). Portanto, Deus é eterno e real, veraz e imutável.

Ele é aquilo que será; toda escolha, porém, depende de sua vontade! (Lc 22.42).

([1]) R. J. Metaf, 1972
([2]) op. cit. 1972
([3]) Idem, 1972
([4]) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
([5]) op. cit. 1980
([6]) Peq. Dic. da Líng. Port, 1979
([7]) J. J. Von allmen. Voc, bib, 1972
([8]) B. Núm. na bibl.
([9]) R. J. Metaf, 1972
([10]) S. P. S. Apoc. V. P. V. 1987
([11]) De Cons. Phil. V. p. 6. 1ª. q. 10. Art. 1.
([12]) R. J. Metaf, 1972
([13]) op. cit, 1972
([14]) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
([15]) Nov. Dic. de Cit. pp. 462-463, 1942
([16]) R. J. Metaf, 1972
([17]) op. cit. 1972
([18]) Idem, 1972
([19]) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
([20]) op. cit, 1980
([21]) R. J. Metaf, 1972
([22]) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
([23]) Dr. T. op. cit, p. E. H. B, 1975
([24]) J. J. Von Allmen. Voc, Bibl, 1972

12
Os Atributos Morais de Deus

Estes atributos revelam que unicamente Deus aparece como Verdadeiro fundamento da obrigação moral, enquanto princípio e fim último de tudo o que existe.

Os atributos morais de Deus mostram que nada que Deus tenha dito a seu respeito será modificado; nada que os profetas e apóstolos inspirados disseram a seu respeito será cancelado.

Em Deus não há mudança possível; nos homens é impossível escapar às mudanças. Nem o homem nem o seu mundo são fixos, mas instáveis.

Por um pouco de tempo, cada homem aparece para rir e chorar, trabalhar e brincar, e depois se vai a fim de dar lugar àqueles que o seguirão no ciclo incessante da vida.

Deus, porém, não muda seu caráter no tempo, como também, o tempo não pode fazê-lo.

Tudo que em Deus se revela há de permanecer! Sua santidade, sua justiça, sua paternidade, seu amor não poderão jamais ser modificados.

1. A SANTIDADE DE DEUS

Deus é para o homem o Santo Primeiro, o santo exige respeito, veneração, profunda humildade: Dele depende meu destino! Declara R. Otto.(1)

A santidade de Deus se manifesta em suas obras: "Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, e santo em todas as suas *obras*"

(Sl 145.17). Nada senão o que é excelente pode proceder dele. A santidade é o padrão de todas as suas ações.

A santidade de Deus se manifesta na sua lei. Essa lei proíbe o pecado em todas as suas variantes. Nas suas modalidades mais refinadas, e nas mais grosseiras, os intentos da mente como a contaminação do corpo, o desejo secreto como o ato abertamente praticado.

A santidade de Deus se manifesta na cruz. De maneira espantosa, e, contudo, a mais solene, a expiação demonstra a santidade infinita de Deus e sua aversão ao pecado.

Sob este aspecto, Deus é reputado como sendo o Deus terrível, diante do qual o homem sente angústia. Mas, por outro lado, o santo exerce sobre o homem uma atração, uma espécie de fascinação mesmo, porque Ele é *o Bem* e a *Fonte* de todo bem. Esta santidade divina faz, então, o medo desaparecer e o temor se aproximar. E, portanto, tudo se normaliza! Porque o medo faz fugir! Mas o temor faz adorar e servir!

a. **Definição bíblica.** "Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: Fala a toda a congregação dos filhos de Israel, e dize-lhes: Santos sereis, porque **eu**, o Senhor vosso Deus, **sou santo**" (Lv 19.1,2).

O presente texto divino faz uma declaração do próprio Deus sobre sua santidade e expressa vários sentidos e aplicações:

I. *Deus é Santo*: Esta idéia domina todo o Antigo Testamento, expressando a intuição fundamental na qual arraigam todas as demais doutrinas particulares de santidade.

II. *Deus é Santo* em dois aspectos principais (estamos falando no conceito de santidade exigida no Ser e na moral), aparentemente, também compreendido pelas próprias nações pagãs que viviam à margem de sua santidade declarada, mas, na realidade, ambos os pólos da religião de Israel se baseavam nesta santidade divina. Sobre sua santidade existia já a culminança nas declarações proféticas (compare-se Isaías 6.3; 57.15; Oséias 11.9; 12.1; confrontado a Ezequiel 1; 28.25; 36.22,23). "As nações saberão que eu sou o Senhor, diz o Senhor Deus, quando eu vindicar a minha **santidade** perante eles".

Um outro aspecto que impõe a santidade de Deus, prende-se tanto a Ele como as suas coisas criadas: Seu nome é santo (Lc 1.49), bem como sua aliança (Lc 1.7), seus anjos (Mt 8.38; Lc 9.26; At

10.22; Jd v. 14; Ap 14.1), seus atendentes (Ef 2.19; Cl 1.12; 1 Ts 3.13; Ap 18.20), os profetas (Lc 1.70), os Apóstolos (Ap 18.20), as Escrituras (Rm 1.2), especialmente a lei (Rm 7.12).

b. **Sua santidade declarada**. A santidade de Deus é seu atributo mais elevado (não maior) e destacado, pois expressa a majestade de sua natureza e caráter morais.

"Não afirmamos apenas que Deus quer permanecer separado de tudo que contamina, como se a santidade fosse simples questão de vontade; afirmamos, antes, que Ele é separado de tudo quanto é de natureza pecaminosa. A santidade é uma característica de seu Ser".

A percepção da santidade de Deus gera a reverência e o temor no coração daqueles que chegam à sua presença conscientes, pois o grande perdão de Cristo lhes assegura o direito de se aproximarem da santidade divina com esta confiança.

Quando a Bíblia declara que Deus "cria o mal" (Is 45.7), devemos ter em mente certos elementos que esta expressão contém.(2)

Quando se invoca o sentido profundo da palavra "pecado" no original hebraico é "hattā`th" que traduzida para o grego clássico é "hamartia". Porém, se deve depreender do uso que dela faz o profeta Isaías (45.7), e o seu uso no tempo e no espaço ocorre por mais de 450 vezes, e, não indica pecado, e, sim, consiste no castigo justo que Ele (Deus) impõe sobre aqueles que pecaram.

Não se diz que Deus criou o pecado deles, mas se diz que Ele trouxe a calamidade e o castigo sobre eles. Esta correção divinamente imposta foi a palavra "RA" distintamente do termo perjorativo: "hamartia" (pecado), e, sim, indica tristeza ou aflição que pode conduzir uma pessoa ao arrependimento (2 Co 7.9,10; Hb 12.11).

c. **O alcance do argumento**. Deus é santo. A fim de Ser santo Ele não se conforma a um dado perdão. Ele é o perdão. É absolutamente Santo com uma plenitude infinita e incompreensível de pureza, incapaz de ser diferente daquilo que é.

Porque é santo, os seus atributos todos são santos. Tudo que imaginamos pertencer a Deus tem de ser imaginado como santo.(3)

Deus é santo, e fez da santidade a condição moral necessária para manter saudável o seu Universo. A presença temporária do pecado apenas acentua esta verdade. O que é santo é salutar; o mal pertence ao tempo. A santidade pertence a eternidade!

Um dia ouviremos este clamor pela última vez: "Eis o

Cordeiro de Deus, que **tira o pecado** do mundo'' (Jo 1.29b).

Ele é intitulado ''O Santo'' nas Escrituras. Sim, porque se acha nele a soma total de todas as excelências morais. Ele é pureza absoluta, que nem mesmo a sombra do pecado mancha. ''...Deus é luz...'' (1 Jo 1.5), e ''...cobre-se de luz como de um vestido'' (Sl 104.2). A santidade é a excelência propriamente dita da natureza divina: o grande Deus é ''...glorificado em santidade...'' (Êx 15.11).(4)

2. A JUSTIÇA DE DEUS

''Para anunciarem que o Senhor é **reto**: Ele é a minha rocha, e nele não há **injustiça**'' (Sl 92.15).

Nas Sagradas Escrituras a *justiça* e a *retidão* são quase indistinguiveis uma da outra. A mesma palavra no original torna-se em nossa língua justiça ou retidão, como sinônimo, dependendo apenas do conceito do tradutor. Então para uma melhor compreensão do significado do argumento, estudaremos nesta secção *justiça* e *retidão* respectivamente.

a. **A justiça em geral**. No conceito generalizado, a justiça consiste na vontade firme e constante de dar a cada um o que lhe é devido.

A justiça supõe, pois, duas condições necessárias:

I. *A distinção* de pessoas em que existem correlativamente um direito e um dever de justiça;

II. *A especificação* de um objeto, que pertence a uma delas e que deve ser respeitado, devolvido ou restabelecido em sua integridade pela outra.

No conceito de divisão, porém, distingue-se este conceito da seguinte forma:

Ad. I. *A justiça comulativa.* É a que dirige e regula a igualdade das transações entre os indivíduos. Ela obriga, pois, a dar a outrem aquilo que lhe pertence, ''cuique suun''. Assim, devemos respeitar no operário o direito ao justo salário, no comerciante o direito ao justo preço da mercadoria, no comprador o direito de receber, em troca do preço justo, a quantidade e a qualidade correspondente de mercadoria.(5)

Ad. II. *A justiça distribuitiva.* É a justiça que fundamenta o direito que tem a sociedade de exigir de seus membros o que é necessário para seu fim, e de tratar cada um segundo seus méritos

e suas necessidades. É esta a razão pela qual o Estado distribui os impostos e os outros encargos sociais, proporcionalmente à fortuna de cada um de seus membros. A justiça distribuitiva não é satisfeita senão quando esta proporção é observada tão equitativamente quanto possível.

b. **A justiça divina**. A justiça divina incorpora a idéia de equidade moral, e a iniquidade é o seu exato oposto. Quando usamos a palavra justiça referindo-se a Deus, estamos apenas descrevendo uma das maneiras em que Ele é, nada mais; e quando Deus age justamente Ele não está se conformando a algum critério independente, mas agindo simplesmente como Ele mesmo numa dada situação.

Tudo no Universo é *bom* segundo se conforme à natureza de Deus e *mau* se deixa de fazê-lo. Deus é seu próprio princípio de equidade moral, auto-existente, e quando Ele condena os homens maus ou galardoa aos justos, está apenas agindo como Ele mesmo, não influenciado por coisas que não façam parte dele.(6)

I. *O conceito do argumento*. As Escrituras em seu escopo (visão) e conceito (classificação), declaram ser Deus "O Justo Juiz" (Gn 18.25; 2 Tm 4.8; Ap 16.7). Ele não pode ultrajar o direito de ninguém; se assim fosse, contrariaria toda sua natureza, pois "justiça e juízo são a **base** do seu trono". (Sl 97.2b)

A justiça divina é a execução da retidão; essa pode ser chamada de santidade judicial.

II. *O alcance do argumento*. A palavra *justiça* aparece dezenas de vezes no Antigo Testamento, como tradução do termo hebraico "çedheq".

No Novo Testamento, o substantivo *justiça* aparece como tradução do termo grego "dikaiosume" cerca de 90 vezes. Em seu sentido geral, significa *equidade legal*. A palavra quando se aplica a Pessoa de Deus, significa "infinita retidão daquele que é justo".

Deus não somente é Justo, mas justificador daquele que olha para Cristo (Rm 3.24,25; 5.9; Gl 2.16; 3.8,24 etc.).

c. **A retidão divina**. A retidão de Deus é a imposição de leis e exigências retas; podemos chamá-la de santidade legislativa. Nesse atributo vemos revelado o empenho de Deus pela santidade que sempre o impele a fazer e a exigir o que é reto (Sf 3.5).

Deus é reto e íntegro em todo o seu Ser, obras e palavras e por conseguinte, "...em todos os seus caminhos" (Sl 92.15; Os 14.9).

"Ele se move por uma *vereda de equidade* e absoluta perfeição". Deus também estabelece normas retas para os salvos e também para os pecadores. A palavra *retidão* pode ser aplicada às boas ações de um tipo menos completo (por exemplo, Lucas 1.6), e no vocábulo judaico dos tempos neotestamentários era aplicada ao ato específico de doação a um necessitado, etc.

No sentido lato, porém, que é o que está em foco, a retidão é a garantia do comprimento das promessas de Deus, enquanto que suas grandes dádivas faz parte do seu amor (Jo 3.16; Hb 6.18).

3. A PATERNIDADE DE DEUS

Sobre a paternidade divina, devemos ter em mente quatro pontos importantes, a saber:

a. **Sobre Jesus.** A paternidade de Deus, na realidade, é uma revelação já encontrada no Antigo Testamento, mas que recebe maiores luzes no Novo. Nele se diz que "Deus é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 3.14). Portanto, é a relação infinita e eterna que Deus mantém com seu Filho Jesus Cristo, e é aplicada igualmente à relação redentora, visto na morte de Jesus nosso Senhor.([7])

Jesus diz: "E agora glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse. Manifestei o teu nome (isto é, o nome do Pai) aos homens que do mundo me deste: eram teus, e tu mos deste, e guardaram a tua palavra" (Jo 17.5,6).

De acordo com as palavras de Jesus em João 20.17, sua filiação em relação ao Pai era por natureza plena e não apenas por direito adquirido.

Exemplificando: "Disse-lhe Jesus: Maria!... Não me detenhas, porque ainda não subi para **meu** Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para **meu** Pai e **vosso** Pai, **meu** Deus e **vosso** Deus" (Jo 20.17).

Observemos o jogo de palavras: "...meu Pai e vosso Pai". E "...meu Deus e vosso Deus", expressando, assim, o significado do pensamento.

b. **Sobre o Universo.** Temos ainda de considerar a idéia de Deus como Pai em relação ao Universo. Ele foi obra das mãos divinas e como tal deve também sua filiação a Deus. Dar a vida a outro ser, ou ser pai é a melhor analogia que faz em relação a Deus e o Universo. O Universo é criação de Deus que lhe deu existência

que o reconheceu como tal. Por isso o Universo tem direito à proteção de Deus, que é o seu Criador (Is 40.26 ss; 42.5).

Do que precede, resulta com evidência que Deus, sendo radicalmente distinto de um Universo que não tem e não pode ter em si mesmo sua razão suficiente, deve ser o Criador deste Universo.(8) O fato da criação não está então mais em questão, mas unicamente o modo da criação.

Devemos, portanto, ter em mente que criar é fazer alguma coisa do nada. Tal é o sentido próprio da palavra criação.

A produção de uma forma nova numa matéria preexistente não se chama senão impropriamente criação. Na realidade, a forma não é tirada do nada, assim como a matéria. Existe simplesmente transformação. Criar é privilégio de Deus, pois a criação propriamente dita exige uma potência infinita.

Os anjos foram também as personalidades criadas no mundo espiritual, e, por conseguinte, têm em Deus sua paternidade.(9)

c. **Sobre os homens.** Para encontrar o quadro ético da família neotestamentária, deve-se ainda rever as numerosas parábolas em que Jesus apresentou pais de famílias (Mt 21.28; Lc 11.11; 15.12 ss). Ou ainda, chefes de casa (Mt 13.27,52; 20.1; 24.43: compare-se Lc 13.23; 14.21 etc.). No Novo Testamento, tanto Jesus como os apóstolos usaram, em vários de seus elementos doutrinários, a visão bíblica da família cristã, profundamente ancorada na doutrina da paternidade de Deus. Jesus garantiu em suas afirmações, nossa filiação à Pessoa do Pai (Mt 5.9,16 etc; Jo 1.12). Este vasto assunto de filiação e a paternidade divina, é comentado na primeira Epístola do apóstolo João (2.13 e ss).

d. **Sobre a criação em si.** O Deus eterno é continuamente celebrado como o Deus da criação inteira. Todas estas declarações visam menos recordar o evento original, e visam engrandecer o poder e a sabedoria de Deus (Sl 93.1; 96.5,10; 102.26; Is 40.21), ontem, hoje e sempre.

A Ele pertence o Universo como já afirmamos no artigo precedente. O seu supremo poder pessoal é declarado pela criação de toda a existência (Rm 1.20 e ss). Ele tem todo o poder sobre os limites da natureza e pode usá-los para realizar seus projetos (Sl 24.1; 65.10; 78.26; Is 40.26; 44.24; 45.12,18; compare-se Jó 9.4).

A seguir toma cuidado do mundo por ser obra de suas mãos (Sl 104).

Sendo Criador, Ele é o forte que pode ajudar (Sl 146.5; Is 45.9). Ligado a criação, o profeta Isaías o descreve como sendo "O Possanto" (Is 60.16). Observemos vários aspectos no que diz respeito a Deus e sua criação:

I. *As evidências bíblicas.* As alusões bíblicas não estão interessadas somente em rememorar, ou melhor, expor o evento passado desde as origens.

A questão bíblica a respeito da criação não é mera teoria filosófica, mas uma questão de existência.

Para falar da atividade criadora de Deus, a Bíblia gosta de empregar o indicativo presente, dando a esta obra caráter permanente, como é descrito pelo profeta Isaías e muitos outros escritores de ambos os Testamentos. Isaías, por exemplo: "Assim diz o Senhor, teu Redentor, e que te formou desde o ventre: Eu sou o Senhor que *faço* todas as coisas, que *estendo* os céus, e *espraio* a terra por mim mesmo" (Is 44.24).

Isso significa que a criação, bem como a redenção de Israel, é ato permanente de Deus tanto do passado como na época atual.([10])

Seu poder sobre a natureza pode, e tem se manifestado de forma versátil: O Deus que fez o mundo também pode destruí-lo. Muitos dos textos divinos descrevem o fim do mundo numa catástrofe escatológica.([11])

II. *No Antigo Testamento.* O ensino do Antigo Testamento, referente à criação, é prodigiosamente rico. Embora baseado em relatos orais dos pais até Moisés, o grande legislador hebreu, ele declara somente aquilo que importa; que o mundo existe exclusivamente por Deus; que sem Ele não haveria vida alguma. Suas relações com o mundo são de Criador para com criatura, relações de dependência absoluta.

O poder de Deus sobre o mundo e a vida é visto sempre em caráter especial por toda a extensão da Bíblia.

O Universo, conforme o conhecemos, é a suprema evidência da Onipotência de Deus como Criador.

Por tê-lo criado, sustentado e orientado, Deus exibe a capacidade de Pai do Universo. Ele quis fazê-lo tal como é, e não de outro modo.

Ele quis criar o homem como ser livre e assim deixá-lo. O Universo não exaure Deus. Nele sempre há reserva de sabedoria e de poder (Pv 8.22-31).

O poder criador de Deus é manifestado de muitas maneiras. Não existe obstáculo que Ele não possa vencer para cumprir os seus propósitos ou de usar os meios por Ele escolhidos. Ele pode também agir diretamente, sem necessidade de meios, na conservação de seus fins (Jó 42.2).

Portanto, todas as coisas criadas, visíveis ou invisíveis, têm em Deus sua paternidade. Ele é o "...Pai das Luzes...", isto é, o Pai das origens! (Tg 1.17).

4. A IRA DE DEUS

A ira de Deus é também um dos seus atributos morais, e, evidentemente, está ligada à sua personalidade.

O dr. A. W. Pink declara que a ira divina faz parte da sua perfeição (de Deus) tanto como da sua fidelidade, o seu poder ou a sua misericórdia. Só pode ser assim, pois não há mácula alguma, nem mesmo o mais ligeiro defeito no caráter de Deus, porém, haveria, se nele não houvesse "ira!".[12]

Duas são as ocasiões em que Deus "jura": quando faz promessas (Gn 22.16), e quando faz ameaças (Dt 1.34). Na primeira, jura com misericórdia dos seus filhos; na segunda, jura para aterrar os desobedientes (Dt 1.34; Hb 4.3).

Um juramento é feito para confirmação (Gn 22.16; Dt 1.34; Sl 89.35; 110.4). Na secção precedente, Ele jura por "...sua Santidade...". Enquanto que em Hebreus 4.3, jura por "...Sua Ira...". [13] Dificilmente Deus jura! Mas quando jura, sempre há algo sério em seu juramento! E um de seus juramentos é, exclusivamente, para sua Ira.

a. **A ira divina**. As Escrituras mostram-nos que a ira de Deus pode manifestar-se cada dia. Virá, porém, um dia particular reservado à manifestação desta ira, o dia do Senhor; conforme está predito, será o dia da ira e da indignação divina (Ez 7.19; Sf 1.15,18; Mt 3.7; Lc 21.23; Rm 2.5; 1 Ts 1.10; Ap 6.17; 11.18, etc.).

O papel da ira divina no Antigo Testamento é de muito maior significância. Repetidas vezes diz que Deus é um Deus zeloso e irado em aversão ao pecado. Sua ira pode ser apresentada em termos bem drásticos (Sl 2.5; Is 13.13; 30.27,28; Jr 30.23,24). O encontro do homem com o que é santo poderia ser perigoso (Gn 32.25; Êx 4.24; 19.9; Is 6.5), mas esse perigo seria afastado se houvesse arrependimento; isto porque a ira de Deus deve ser vista como expressão da sua santidade e retidão.[14]

Sua definição. Às vezes, a ira divina indicava a natureza Pessoal e viva do zelo de Deus, cujos caminhos são além do homem. Alguns textos exemplificam a força deste argumento (Gn 32.23 e ss; Êx 4.24 e ss; 1 Sm 26.19; 2 Sm 16.10 e ss; 24.1). Esta ira, porém, é cercada pela experiência da vontade de Deus na Aliança, em justiça e amor.(15)

Quando, porém, se aplica isso em termos técnicos, "O dia do Senhor" é tomado (por extensão) para expressar o significado do pensamento da ira divina durante o sombrio tempo da Grande Tribulação. Durante este período, vingança e devastação estão na ordem do dia (Is 22.5; 34.8 e ss; Ez 7.12 e ss; Sl 1.8 e ss; 2.4 e ss), até mesmo a ordem do mundo é abalada pela influência dos tais acontecimentos (Is 13.10; 34.9 e ss; Ez 30.18; Jl 2.1; 3.4; Zc 14.6 e ss). Conclama-se à luta para que Deus tome vingança (Is 13.2; Jr 46.3 e ss; Jl 3.9 e ss; Ob V.1 e ss); medo e extremo terror (Is 13.7; Jl 2.6), dores e convulsões (Is 13.8) acometerão às pessoas; aflições virão sobre elas (Sf 1.15) e suas mãos desfalecerão (Is 13.7; Ez 7.17 etc.).

b. **Sua ira como termo técnico.** Em algumas secções da Bíblia (especialmente no Antigo Testamento), a ira divina é retratada como "Ira Natural". Ira descarregada apenas entre filho e pai: Deus se ira contra Moisés por sua relutância em não lhe atender (Êx 4.14 etc.).

Porém, é evidente que a ira divina propriamente dita, é e vai além disso, por três razões importantes:

Primeira - Sua ira natural vista no contexto paterno, se ira, castiga, mas não destrói;

Segunda - Sua ira, visando uma punição, sempre manifestada contra as nações (Is 10.25; 13.3; Jr 50.13; Ez 30.15; Mq 5.14); vem sobre todos aqueles que o abandonam (Ed 8.22) ou aqueles que são literalmente ímpios (sem Deus). Não cai sobre os homens sem advertência prévia (Êx 22.23,24; 32.10; Dt 6.13 e ss).

Porém, dado a fraqueza humana e a supremacia de Deus, esta ira não precisa durar para sempre. Repetidas vezes ela é declarada como durando só um *momento*. Depois, cessa! (Sl 30.6; Is 26.20; 54.7 etc.).

Terceira - Agora chegamos ao verdadeiro estado de ira divina.

Ela é, então, declarada no Novo Testamento com predições futuras: Ira Futura (1 Ts 1.10). No Apocalipse, *thymos* significa quase que exclusivamente a ira divina.

O quadro da ira de Deus (oinos tou thimou) é uma expressão marcante do julgamento divino (Ap 14.10; 16.19; 19.15) que o homem precisa beber. Somente o ímpio o sorverá, por assim dizer.

Dois termos são usados livremente para expressar o sentido do argumento:

I. *Thimos*. A palavra em foco vem do grego, e significa "um irrompimento de ira" que se emprega para descrever a ira de Deus em sua magnitude!

Usa-se esta palavra por nove vezes e todas estão no livro do Apocalipse, onde a ira divina é retratada ferindo somente os ímpios (Ap 11.18; 14.8,19; 15.1,7; 16.1,19 etc.).

II. *Orgê*. Esta segunda palavra, conforme declara o termo, significa "um estado firme de ira".

Emprega-se também a respeito da ira divina cerca de 27 vezes no Novo Testamento. Na passagem de Apocalipse 6.17, ela aparece como a ira de "Deus e do Cordeiro". Porém, devemos ter em mente que a ira divina não significa *emoção violenta*, como indica imediatamente nos seres humanos; antes, sugere um termo técnico para julgamento.([16])

Conclusão: A ira de Deus é a sua eterna *ojeriza* (antipatia) por toda injustiça. É o desprezar e a indignação da divina eqüidade contra o mal. É a santidade de Deus posta em ação contra o pecado, etc.

5. O AMOR DE DEUS

Para nós essa é a mais profunda de todas as verdades que a totalidade da Vida de Deus encerra. É o sacrifício próprio!

"...Deus é Amor!" (1 Jo 4.16b) (Edição Revista e Atualizada no Brasil). É esta a grande declaração da Bíblia, quando descreve a natureza de Deus.

Na língua grega, a palavra *amor* pode ser vista em quatro dimensões. Há o tipo do amor **Eros**, que é o amor físico e sensual, necessáriamente para as relações do casamento. Há o tipo **Philéo**, que é o amor expresso em amizade, afeição e fraternidade. Há o tipo **Stergo**, que é o amor conjugal, o amor em família, e, finalmente, o amor maior e mais sublime, **Ágapê**, que é o amor de Deus, este é, portanto, a fonte de todo amor.

O amor envolve o sacrifício de dar, em lugar de receber (Jo 3.16). A bênção do dar-se a si mesmo. Se o amor de Deus não fosse

dessa natureza, seria falso dizer-se que Deus é amor! Pois, mesmo em nossa natureza humana, aquilo que procura usufruir de tudo, em vez de dar tudo, recebe outro nome muito adverso.

A Bíblia, em sua magnitude, descreve a multiforme do amor, tal como segue:

a. **O amor de Deus.** (*Ágapê*): Isto é, o amor que Deus tem dispensado pelos homens. Essa é a fonte de todo amor, que é comentado no evangelho do apóstolo João 3.16.

b. **O amor de Cristo.** (*Ágapê*): O amor de Cristo tem a mesma natureza do amor de Deus; e está comentado em 2 Coríntios 5.14. Trata-se de uma força que nos "...constrange...", que também nos leva a amar e a servir ao próximo, em honra ao Senhor. Esse foi o amor que motivou a *expiação* e a missão terrena em geral de Cristo.

Na pessoa humana, quando há influência deste amor, ela se dispõe a servir sem marcar o tempo ou a distância![17]

c. **O amor do homem a Deus.** Essa modalidade de amor a Deus e a Jesus Cristo, pode ser expressa diretamente, mediante a sublime missão da alma, em fazer tanto bem a Deus como ao próprio semelhante: "...Amarás o Senhor teu Deus... Amarás o teu próximo..." (Mt 22.37-39).

d. **O amor próprio.** Trata-se de uma condição patológica quando um indivíduo em tudo quanto faz ou realiza é só em torno de si mesmo, visando seu próprio conforto. Ele se torna por natureza: "...um amante de si mesmo" (2 Tm 3.2).

e. **O amor fraterno.** (*Fhiléo*): Este é o amor de um ser humano por outro, ou pela humanidade. É a transferência dos *cuidados* que temos por nós mesmos para nossos semelhantes.[18] Este cuidado envolve proteção: física, moral e espiritual.

A definição deste amor designava uma espécie de amor desinteressado, que se preocupa com o homem, o amigo, a pátria, etc. Este amor, na opinião grega de Antígona, ocorria, freqüentemente, entre os seres da elite, pois neles a energia e a nobreza de coração dominavam as paixões humanas.

Conclusão: Devemos, portanto, ter em mente agora o supremo amor de Deus. Este, como já dissemos, designa supremo sacrifício.

Ora, é significativo que os tradutores do Antigo Testamento preferiram *Ágapê* para traduzir o correspondente verbo hebraico "ãhêh".[19] E seu substantivo acha sua origem, ao representar o

hebraico "ah'a bâh", que exprime o grande amor de Deus. Do Antigo Testamento, este termo grego passou para a linguagem cristã primitiva do Novo testamento.

Espalhou-se pelo mundo greco-romano. Não há, talvez, outra palavra grega que tenha dado ao cristianismo nascente maior sentido.(20)

O amor de Deus se define como aquele atributo divino pelo qual Ele se inclina a buscar os melhores interesses de suas criaturas e a comunicar-se com elas, a despeito do sacrifício que nisso está envolvido.

I. *Um escritor* disse acerca deste amor o que segue: "O amor de Deus é mais abundante que a atmosfera, o ar se eleva em camadas sobre a terra até a altura de cinqüenta ou oitenta quilômetros. Enquanto que o amor divino atinge e preenche todo o universo."

II. *No Novo Testamento*, o amor, quer humano quer divino, é a mais profunda expressão possível da personalidade e da intimidade de relações pessoais. O amor de Deus, para nós, preenche todo o vazio, e nos constrange a amar. Todo o trabalho do amor é o trabalho também da santidade: e todo o trabalho da santidade é o trabalho do amor! Quanto ao amor, ele insiste em que o homem aceite a dádiva que é a santidade. Deus, por ser amor, quer dar ao homem a santidade. E por ser Santo, ama o homem!

6. UM SER RACIONAL

Além de outros atributos como já tivemos ocasião de ver em outras notas expositivas, as Escrituras apresentam a Deus como sendo um Ser racional, dotado de personalidade. Estes atributos co-participantes são:

Sua ira

"Deus é um juiz justo, um Deus que se **ira** todos os dias" (Sl 7.11).

Seu clamor

"Também eu quererei as suas ilusões, farei vir sobre eles os seus temores; porquanto **clamei** e ninguém respondeu..." (Is 66.4a).

Seu silêncio

"Por muito tempo me calei, estive em **silêncio**, e me contive..." (Is 42.14a).

Seu amor

"Mas Deus prova o seu **amor** para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores" (Rm 5.8).

Seu sentimento

"Então arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem sobre a terra, e **pesou-lhe** em seu coração" (Gn 6.6).

Seu desgosto

"O Senhor tem estado em extremo **desgostoso** com vossos pais" (Zc 1.2).

Seu prazer

"Tão-somente o Senhor tomou **prazer** em teus pais para os amar..." (Dt 10.15a).

Sua amizade

"Mas tu, ó Israel, servo meu, tu Jacó, a quem elegi, semente de Abraão **meu amigo**" (Is 41.8).

Sua afeição

"Noé porém achou **graça aos olhos** do Senhor" (Gn 6.8).

Seu esquecimento (só para ser entendido pela mente natural)

"Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniquidade, e que te **esqueces** da rebelião do restante da tua herança?" (Mq 7.18a).

Sua lembrança

"E **lembrou-se** Deus de Noé e todo o animal, e de toda a rês que com ele estava na arca..." (Gn 8.1a).

Sua vontade

"Venha o teu reino, seja feita **a tua vontade**, assim na terra como nos céu" (Mt 6.10).

Seus rogos

"De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós **rogasse**..." (2 Co 5.20a).

Seu zelo

"O Senhor é um Deus **zeloso**..." (Na 1.2a).

Seu trabalho

"...Meu Pai **trabalha** até agora..." (Jo 5.17).

Seu descanso

"...em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia **descansou, e retaurou-se**" (Êx 31.17b) e seguintes.

a. Vejamos como Deus tem e é uma personalidade, em razão dos motivos e finalidades. Os escritores sacros atribuem tanto a auto-consciência (Êx 3.14; Is 45.5; 1 Co 2.10) como a auto-determinação (Jó 23.13; Rm 9.11; Hb 6.17) a Deus. Eles também mostram, como já tivemos ocasião de ver na secção precedente,

Deus como tendo as características psicológicas da personalidade: *intelecto* (Gn 18.19; Êx 3.7; At 15.18); *sensibilidade* (Gn 6.6; Sl 103.8-13; Jo 3.16); *vontade* (Gn 3.15; Sl 115.3; Jo 6.38). Finalmente, eles atribuem qualidades e relações da personalidade a Deus. Mostram-no *falando* (Gn 1.3), *vendo* (Gn 11.5 e ss), *ouvindo* (Sl 94.9), *arrependendo-se* (Gn 6.6), e *irando-se* (Dt 1.37); e *sendo compassivo* (Sl 111.4). Dizem os escritores sacros que Ele é o *Criador* (At 14.15), o *Preservador* (Ne 9.6), o *Juiz* (Sl 75.6,7; Dn 4.32), e o *Sustentador* (Sl 104.27-30; Mt 6.26-30) de todas as coisas.

b. Devemos, entretanto, diferenciar entre personalidade humana (relativa) e personalidade divina (absoluta). Tudo em Deus é perfeito no sentido pleno. Sua *vontade* (Rm 12.2), seu *querer* (Fl 2.13) e seguintes. No homem, porém, nem sempre sua vontade, ou querer e seguintes, correspondem com a vontade e querer de Deus.

Isso, entretanto, se harmoniza com o argumento e a natureza principal de cada detalhe! Deus é a Causa primeira; o homem, porém, o efeito dela! Alguma coisa em Deus ou com Deus devemos analisar ou pensar no campo tão-somente da fé. Isso, porém, dar-se devido a nossa incapacidade para pensarmos em espaços ilimitados. Mas até onde se puder, deve-se ir!

(1) Le Sacré (O Sacro), Paris, 1930
(2) J. J. Von Allmen. Voc. Bibl, 1972
(3) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(4) A. W. P. Os Atrib. de Deus, 1985
(5) R. J. Curs, de Fil, 1984
(6) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(7) Scofield, Dr. C. I. (Scofield Reference Bible)
(8) R. J. Curs, de Fil, 1984
(9) S. P. S. Os Anj, sua Nat, e Ofi, 1987
(10) J. J. Von Allmen, Voc. Bibl. 1972
(11) O Nt Int. v. p. v. R. N. Champlin. Ph. D. 1982
(12) A. W. P. Os Atrib. de Deus, 1985
(13) op. cit, 1985
(14) W. Eichrodt, RGG-3, IV, 1930
(15) S. P. S. Esc, Dout, das Últ, Cois, 1988
(16) S. P. S. Apoc. v. p. v. 1987
(17) S. P. S. Apoc. v. p. v. 1987
(18) O Nt Int. v. p. v. R. N. Champlin, Ph, D. 1982
(19) Dic. Int. de Teol. do NT, Vol, I, 1984
(20) J. J. Von Allmen, Voc. Bibl. 1972

13

Os Nomes de Deus

Longe de ser simples etiqueta, pura descrição externa, o nome em toda a extensão das Escrituras tem profundo significado e infinito alcance.

Ele exprime a realidade profunda do ser que o carrega. Por isso, a criação só está completa no momento em que a coisa trazida à existência recebeu o nome (Gn 2.19).

Por outro lado, Deus é *Javé*, isto é, "Ele é", pois sua realidade é de Ser eternamente (Êx 3.13 e ss). Por todas estas razões, eliminar o nome é suprimir a existência.[1]

O sentido do nome. O nome é dado para fazer conhecer aquilo que vem a existência (1 Sm 24.22; 2 Rs 14.27; Jó 18.17; Sl 83.5; Is 14.22; Sf 1.4).

Do ponto de vista divino de observação, o nome de DEUS é o nome por excelência! (Zc 14.9), a ponto de, por temor religioso, Deus só pode ser chamado simplesmente *o nome*, conforme Levítico 24.11 e 2 Samuel 6.2; *nome santo* (Lv 20.3; Sl 103.1; Ez 20.39); *glorioso* (Ne 9.5; Sl 72.19); *grande* (1 Rs 8.42; Jr 44.26); *honrado* (Dt 28.58); *eminente* (Sl 148.13); *temível* (Sl 99.9), cuja invocação produz temor no povo (Ml 2.5), e provoca medo no adversário (Dt 28.10; Sl 102.16, etc.).

1. JEOVÁ

O nome de Deus é *Javé* = "Ele é", nome Eterno (Êx 3.15), do qual depende a realidade dos outros nomes (Is 56.5).

Nas páginas áureas da Bíblia Sagrada o nome completo da Divindade é Pai, Filho e Espírito Santo. Pode-se tomar mais explícito como:

a. **Deus Pai** (1 Pd 1.3);

b. **Deus Filho** (Hb 1.9); e

c. **Deus Espírito Santo** (At 5.3,4).

Os títulos da Primeira Pessoa ficam largamente restritos a combinações associadas com a palavra Pai.(2)

Ele é chamado o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; o Pai das misericórdias; Aba, Pai! Pai celestial; Pai dos espíritos; Pai santo; Pai justo; Pai das luzes e Pai da glória.

No que diz respeito à segunda Pessoa da Santíssima Trindade, há cerca de 300 títulos e designações na Bíblia que se referem a ela. Contudo, seu nome final e completo é: SENHOR JESUS CRISTO; sendo que:

SENHOR, o título da Divindade;

JESUS, o título da sua Humanidade;

CRISTO, o título de seu ofício como Profeta, Sacerdote e Rei, incluindo o Messias do Antigo Testamento.

Está evidente que a seleção de nomes e a ordem do seu arranjo em qualquer texto apresentado tem um propósito e manifesta a sabedoria divina em cada exemplo.

Os nomes e títulos revelados para o Espírito Santo, são abundantes, começando com "O Espírito de Deus" (Gn 1.2). Depois, com mais de vinte designações como estas.

I. *Jeová.* "E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é **Meu Nome** eternamente, e este é meu memorial de geração em geração" (Êx 3.15).

O nome do Deus de Israel, "YAHWEH", é sempre difícil transcrever em letras latinas por motivos tipográficos. Para exemplificar e unificar, tem-se por toda parte transcrito o tetragrama sagrado, não segundo o valor das letras hebraicas, mas de maneira fonética, resultando *Jahvé.*(3)

Esse nome, freqüentemente transliterado *Jeová*, mas que nossa versão corrente traduz por *Senhor*, é o nome Pessoal do Deus de Israel; enquanto que, o nome *Eloim*, do Antigo Testamento, representa o nome genérico da Deidade. Por con-

seguinte, trata-se distintamente do nome do Deus Vivo da revelação bíblica.

II. *Receio do nome*. Jeová, segundo os rabinos significa "O Senhor Redentor". Ocorre cerca de 5.600 vezes em nossas traduções.(4)

Entre os judeus, porém, havia bastante relutância em pronunciar o nome sagrado de Deus, e, assim, as palavras hebraicas "el", "elõah" e "elöhîm" se traduzem, como regra geral, por **Theos**, enquanto que YHWH em casos excepcionais, por **Kyrios**, isto é, "Senhor". Em outras partes, porém, *Kirios* traz o sentido de Onipotente, Poderoso, ou, senão, por *Dynamis*, Força, Poder (Ne 5.5), ou *Dynastês*, Príncipe, Soberano, Potentado. Assim o nome *Javé* ou *Jah* que principalmente se traduz por *Kirios*, é substituído por **Theos** apenas cerca de 330 vezes.

Com efeito, foi com este nome que Deus se revelou a Moisés e disse: "EU SOU O QUE SOU!". Está em forma abreviada, "JÁ", no Salmo 68.4, citado em conexão com o louvor. E em alguns casos, a palavra *aleluia* tem o sufixo "já" no final, e significa: "Louvai ao Senhor, ou seu nome".

III. *O nome divino*. Devemos verificar que os massoretes, no século VI de nossa era, traziam a associação de consoantes vogais, permitindo o expressivo completo *Jehovah*. Este nome, que desfrutou de certo favor, sobretudo pelo uso litúrgico que dele se fez no mundo religioso, traduziu por si mesmo uma expressão de poder. A significação do nome *Jeová* deve ser procurada na direção indicada pela narrativa da *sarça ardente*, que o relaciona com o verbo **hayah** (ser!). Jeová é aquele que, identificando-se a si mesmo, declara: "EU SOU" (eheyeh), do qual os homens dizem: "Ele é!" (yahveh). Esta explicação além de possuir maior verossimilhança filosófica, concorda mais com o relato de Êxodo do que aquela que vem em *Yahveh*.(5)

2. ELOHIM

"No princípio criou **Deus** (Eloim) os céus e a terra..." (Gn 1.1a).

Aqui, portanto, aparece pela primeira vez o nome da Suprema Divindade. É uma revelação da Trindade em conjunto. Só no primeiro capítulo da Bíblia encontramos este nome 32 vezes e, segundo os rabinos, 2310 vezes esta frase ocorre no Antigo Testamento, 245 vezes, porém, referentes a outros seres.

Eloim ou *Elohim* forma o plural usando sufixo "IM". A forma singular é *Eloah*, que indica o Deus Criador de todas as coisas.

a. **Revela a Trindade**. É de se notar realmente que a ocorrência dos nomes da Divindade se apresenta em agrupamentos de três, sendo que alguns desses exemplos são verificados da seguinte maneira:

Primeiro: Jeová, Eloim e Adonai;

Segundo: Jeová Eloim, Adonai Jeová e Jeová Shabaóte;

Terceiro: El Shadai, El Elion e El Olam. Todos estes nomes juntos revelam a Trindade agindo simutaneamente.(6)

b. **A formação plural**. *Eloim* revela a Deus como o Supremo Criador de todas coisas visíveis ou invisíveis. O Antigo Testamento usa mais freqüentemente como nome próprio. Este termo *Eloim*, que, originalmente era um simples apelativo para designar todos os deuses e deusas, foi, contudo, consagrado pelos judeus como substantivo do nome infalível de Jeová. Eles, então, o entendiam de duas formas: para salientar que o Senhor era o Deus por Excelência, e que o Criador era o Supremo de todo o Universo. E, semelhantemente, este nome indicava que, apesar de Ser Uno, contudo, havia outras manifestações pluralizadas que indicavam os demais membros da Santíssima Trindade, na Divindade.

3. EL

"E chamou o nome daquele lugar BetEL; o nome porém daquela cidade dantes era luz" (Gn 28.19).

EL, "êl", se deriva de uma raiz que indica força ou poder, e com esse sentido o termo é aplicado no Antigo Testamento aos homens, e mesmo abstrato às coisas, bem como em grau supremo a Deus.(7)

Quando aplicado à Deidade, o vocábulo é freqüentemente ligado a algum epíteto tal como "Todo-poderoso", com̄ō, por exemplo, *El-Shadai*.

"Le Dieu Tout-Puissant" - O Deus Todo-poderoso. Num conceito geral, em todas as línguas semíticas, a idéia do divino expressa-se mediante a raiz "el" (em acadiano *ilu*, em árabe *ilah*, que, combinado com o artigo, faz *allah*), cujo significado básico parece ser poder. Para os semitas, Deus é sempre o Ser Forte que inspira sentimento de temor e veneração, e diante do qual o homem deve curvar-se.

Em Gênesis 33.20, "EL" significa Deus de Israel, porém freqüentemente o nome EL é seguido de aposição indicando lugar (EL-Betel, El-Olam, etc.) ou quantidade. Num pensamento mais amplo, EL significa "Aquele que é Forte, e permanece conosco". "Emanu" - Conosco, "El" - Deus (Mt 1.23).

Conclusão: "El", portanto, indica os três compostos: "El-Shadai", "El-Elion" e "El-Olam". Nos tabletes de *Ras Shamra*, entretanto, os cananeus transferiram "El" como substantivo, de "alto deus" cananeu, cujo filho era Baal. Porém Baal passou, mas EL (Deus Forte) continua!

4. EL-SHADAI

"Sendo pois Abrão da idade de noventa e nove anos, apareceu o Senhor a Abrão, e disse-lhe: Eu sou o Deus Todo-poderoso, anda na minha presença e sê perfeito" (Gn 17.1).

O Deus Todo-poderoso (El-Shadai) aparece nas seguintes passagens (Gn 17.1; 28.3; 35.11; 43.14; 48.3; 49.25; Êx 6.3; Nm 24.4,16; Rt 1.20,21; Jó 5.17; 6.4,14; 11.7; 13.3; 15.25; 21.15,20; 22.17,22; 29.5; 32.8; 34.10,12; 35.13; 37.23; 40.2; Sl 68.14; Is 13.6; Ez 10.5; Jl 1.15; Mt 26.64; Mc 14.62; Lc 22.69; 2 Co 6.18; Ap 1.8; 4.8; 11.17; 15.3; 16.7.14; 19.6.15; 21.22 = sete vezes).

Este nome divino está relacionado com a Onipotência de Deus, o Senhor Todo-poderoso, pode fazer qualquer coisa difícil com a mesma facilidade com que realiza as coisas mais simples, porque tem em suas mãos todo o poder do Universo.

Seu nome Todo-poderoso sugere que todos os seus atos são feitos sem esforço.

Ele não desgasta a sua energia nem precisa recuperar forças, nem buscar fora de si mesmo uma renovação de poder. Todo o poder está plenamente contido dentro do seu próprio Ser infinito.(8)

5. ADONAI

"E disse-lhe: Senhor Jeová, como saberei que hei de herdá-la?" (Gn 15.8).

O expressivo "Adonai" vem do vocábulo ADOM, que significa Senhor, em hebraico.

O sentido DOM é "meu Mestre", e a partir do ano 300 a.C. os judeus piedosos o pronunciavam com o sentido lato de *meu Mestre Senhor*.

A partir daí, o nome divino se escrevia com as consoantes de YHWH e as vogais de ADÕNÃY, como lembrança de que esta última palavra devia ser pronunciada ao ler este nome. O nome divino, desta forma, parece ser "YeHÕWÃH" no TM (Texto Massorético).

A LXX (Septuaginta), porém, reflete a relutância dos judeus de pronunciarem o nome divino,. e o substitui pela palavra *Kirios*, e entre outras versões, também refletem esta prática ao colocar a palavra SENHOR em maiúsculo sempre que YHWH consta do texto.(9)

O latim, da mesma forma, coloca a palavra "Dominus", SENHOR, para YHWH. Portanto, Adonai, em quase todas as línguas correntes tem o sentido de que *Deus é Senhor*.

6. EL-ELON

"E Melquizedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo" (Gn 14.18).

"ÊL Elyôn", Ó Deus Altíssimo!, era o título de Deus conforme era adorado pelo monarca Melquizedeque. O Deus Altíssimo, "O Très-Haut", dos franceses, está em foco nas seguintes passagens (Gn 14.18,20,22; Nm 24.16; Dt 32.8; 2 Sm 22.14; Sl 7.17; 9.2; 18.13; 21.7; 46.4; 47.2; 50.14; 57.2; 73.11; 77.10; 78.17,35,56; 82.6; 83.18; 87.5; 91.1,9; 92.1,8; 97.9; 107.11; Is 14.14; Lm 3.38; Dn 3.26; 4.2,17,24,25,32,34; 5.18,21; 7.18,22,25,27; Os 7.16; Mc 5.7; Lc 1.32,35,76; 6.35; 8.28; At 7.48; 16.17; Hb 7.1). Este nome divino era usado para distinguir a superioridade de Deus sobre os ídolos do paganismo.

Comumente, os antigos habitantes da velha Mesopotâmia (entre rios), usavam a seguinte expressão ou seu equivalente: "Deus, lá de cima".

Deus é o Deus Altíssimo, porque seu poder é elevado, principal e poderoso. Em Salmo 7.17 se encontra em combinação com "Yahweh", e em Salmo 18.13, paralelamente ao mesmo.(10)

7. JEOVÁ SABAHOTE

"Subia pois este homem (Elcana) da sua cidade de ano em ano a adorar e a sacrificar ao Senhor dos Exércitos..." (1 Sm 1.3a).

O nome "YHWH SEBA'ÔT" (Senhor dos Exércitos) ocorre cerca de 279 vezes na Bíblia.

Está ausente, de Gênesis até 1 Sm 1.2, mas a partir daí, é freqüente nos profetas (especialmente em Isaías capítulos 1 a 39: 54 vezes; em Jeremias: 77 vezes; em Zacarias: capítulos 1 a 8: 44 vezes). Em hebraico, "Yahveh Tsebaoth" significa Eterno dos Exércitos ou Senhor dos Exércitos.

De acordo com o dr. R. Mehl, este vocábulo recebe três interpretações diferentes:

a. Poderia significar os exércitos terrestres dos filhos de Israel (Êx 12.43).

b. Os exércitos de estrelas (Ne 9.6; Dn 8.10). Dependendo apenas do contexto.

c. As legiões de anjos e espíritos (Ap 12.4 etc.). Em Gênesis 2.1 encontramos o vocábulo "exército" pela primeira vez na Bíblia; se deriva da raiz "tsebaam", de "tsaba", que significa "Avançar como soldado" (sentido militar); "andar juntos para serviço" (Furst). O termo, portanto, é usado acerca dos anjos (W. Gesennius) em passagens tais como (1 Rs 22.19; 2 Cr 18.18; Sl 148.2; Lc 2.13). Referem-se também aos corpos celestes e aos poderes do céu (Is 34.4; Dn 8.10; Mt 24.29).

É importante notar que, freqüentemente, a expressão figura em relação (com algumas exceções) com a arca da Aliança, a qual era, pelo menos, inicialmente, símbolo de adoração guerreira (Nm 10.35); ademais, Davi, defrontando-se com o general filistino, declara: "...vou contra ti em nome de *Yahveh Tsebaoth*, o Deus dos Exércitos de Israel" (1 Sm 17.45).

Assim sendo, exército, hoste, se traduz no hebraico por "Sabaoth", porém o termo tem um profundo significado e um infinito alcance. Aplica-se também, em sentido geral, que Deus é Senhor de tudo que há no mundo, tais como: dos anjos, dos homens, dos seres, dos trastes e de tudo que uma tribo possui.[11]

8. NOMES QUE INDICAM LUGARES E OCASIÕES

Os nomes da suprema Divindade aparecem com dois objetivos: primeiro, para designar a natureza do seu Ser e caráter divinos e, segundo, para indicar lugares e ocasiões onde se deram grandes vitórias e que foram alcançadas pelo povo de Deus. Estes nomes são:

1. **Jeová-Jireh**

"E chamou Abraão o nome daquele lugar, o *Senhor proverá*

(Jeová-Jireh); donde se diz até ao dia de hoje: No monte do Senhor se proverá'' (Gn 22.14).

Este foi o nome dado por Abraão a Deus, quando o anjo do Senhor lhe apontou um carneiro, para servir como substituto de Isaque. Portanto, ele disse em hebraico: ''YAHWEH YIR'EH''.

2. **Jeová-Nissi**

''E Moisés edificou um altar, e chamou o seu nome, o *Senhor é minha bandeira*'' (Êx 17.15).

De maneira familiar, foi dado por Moisés este nome ao altar que ele erigiu em memória da derrota imposta aos amalequitas por Israel, sob Josué, em Refidim. A denominação ''YAHWEH-NISSI'' revela Deus como o Senhor que nos conduz contra o inimigo e em cujo nome somos mais que vencedores (cf. Pv 18.10; Rm 8.37).

Essa interpretação lembra assim Isaías 59.19: ''Então temerão o **nome** do Senhor desde o poente, e a sua glória desde o nascente do sol: vindo o inimigo como uma corrente de água, o Espírito do Senhor arvorará contra ele a sua **bandeira**''.

A sugestão é que o povo deveria concentrar-se ao redor de Deus, como o exército se concentra em torno de sua bandeira.(12)

3. **Jeová-Ropeca**

''E disse: Se ouvires atento a voz do Senhor teu Deus, e obrares o que é reto diante de seus olhos, e inclinares os teus ouvidos aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma das enfermidades porei sobre ti, que pus sobre o Egito; porque eu sou o *Senhor que te sara*'' (Êx 15.26).

O termo ''ropeca'' significa restauração de uma roupa, de um edifício e saúde do corpo. Portanto, toda cura, direta ou indiretamente, vem da parte de Deus. Em outras palavras: ''Jeová-Ropeca'', quer dizer: Eu sou o Senhor teu médico. Deus é nossa saúde: tanto da alma como do corpo.(13)

4. **Jeová-Rafá**

''*O Senhor é o meu pastor*: nada me faltará'' (Sl 23.1).

No Antigo Testamento encontramos freqüentemente que Deus é o Pastor de seu Povo (Gn 49.24; Sl 23.1; 28.8; 78.52; 80.2; Is 40.11; Jr 31.10; Mq 7.14; Zc 10.3 etc.). E que esse é o rebanho de Deus (Sl 79.13; 95.1 e ss).

No Novo Testamento, essa dupla afirmação se transfere para Jesus e aos homens por Ele credenciados. Portanto, em ambos os

pactos, temos um nome que revela orientação, proteção e bondade pessoais.(14)

Tudo quanto os pastores palestinos eram para seus rebanhos, Deus está pronto a ser em grau supremo para os que lhe pertencem.

5. **Jeová-Shalom**

"Então Gideão edificou ali um altar ao Senhor, e lhe chamou, *o Senhor é paz*: e ainda até ao dia de hoje está em Ofra dos abiezritas" (Jz 6.24).

Esse nome foi aplicado por Gideão ao altar que erigiu em Ofra: "YAHWEH SHÃLÔM" (O Senhor é paz!). Em outras palavras, poderia ser traduzido: "O Senhor, que é a paz de seu povo" (coletivamente), e "Paz seja contigo!" (individualmente).

6. **Jeová-Tsidkenu**

"Nos seus dias Judá será salvo, e Israel habitará seguro: e este será o seu nome, com que o nomearão: *O Senhor Justiça Nossa*" (Jr 23).

Esse seria o nome pelo qual O Messias (O Ungido do Senhor) seria conhecido: "IAHWEH CIDHKÊNU" (O Senhor é nossa justiça), e seu equivalente em Jeremias 33.16. Este vaticínio para o futuro nome contrastava com o último rei de Judá, que era um portador indigno do nome Zedequias (çidhqiyãhu): "YAHWEH É JUSTIÇA".

7. **Jeová-Shamah**

"...E o nome da cidade desde aquele dia será: *O Senhor está ali*" (Ez 48.35b).

Este foi o nome escolhido por Ezequiel para medir a grandeza da cidade do Senhor! Esse nome divino revela presença pessoal. Deus volta ao templo que Ele havia abandonado, e desse tempo em diante sua presença estará ali para sempre! (Ez 43.7; Ap 21.3).

Conclusão: Além destes nomes mencionados sistematicamente, Deus é mencionado metaforicamente em ambos os testamentos como *Senhor* (Gn 2.4), *Rei* (Sl 5.2), *Legislador* (Is 33.22), *Juiz* (Gn 18.25), *Rochedo* (2 Sm 22.2), *Fortaleza* (Sl 73.26), *Refúgio* (Sl 46.1), *Torre* (Sl 61.3), *Libertador* (Sl 18.2), *Marido* (Is 54.5), *Lavrador* (Jo 15.1; Tg 5.7 etc.).

---

(1) J. J. Von Allmen. Vov. Bibl. 1972
(2) op. cit. 1972
(3) O Nov. Dic. da Bibl. 1983
(4) G. Quell. TDNT. II. 79.

(8) O Nov. Dic. da Bibl. 1983
(9) op. cit. 1983
(7) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(8) R. J. Curs. de Fil. 1984
(9) O Nov. Dic. da Bibl. 1983
(10) op. cit. 1983
(11) W. G. D. D. Heb. and Eng. Léxico, séc. 19
(12) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(13) op. cit. 1980
(14) O Nov. Dic. da Bibl. 1983

14
A Santíssima Trindade

A doutrina da Santíssima Trindade é verdade revelada para o coração. Falando sobre isso declarou Anselmo: "O amor e a fé estão em seu ambiente no mistério da Divindade. Que a razão se ajoelhe, reverente, do lado de fora".(1)

As restrições que são geralmente impostas sobre o escopo de Teologia propriamente dita, abrange apenas as **pessoas da Divindade** (o Pai, o Filho, e o Espírito Santo). Estas três pessoas, então, passam a constituir a Santíssima Trindade que, segundo se afirma, se encaixa em **quatro divisões** principais:

Primeira - O fato da Trindade;

Segunda - Deus Pai, a Primeira Pessoa;

Terceira - Deus Filho, a Segunda Pessoa;

Quarta - Deus Espírito Santo, a Terceira Pessoa. Uma crença popular entre os cristãos divide a obra de Deus entre as três pessoas, dando uma tarefa específica a cada uma delas; como, por exemplo, a criação ao *Pai*, a redenção ao *Filho* e a regeneração ao *Espírito Santo*.

Isto, porém, é parcialmente verdade, mas não de todo, pois Deus não pode dividir-se de forma a uma só pessoa trabalhando isolada enquanto as outras duas (Jesus e o Espírito Santo) permanecem inativas.

1. O ARGUMENTO EM SI

As Escrituras mostram as três pessoas da Divindade agindo

em perfeita unidade, em todas as obras poderosas operadas no Universo tanto físico como espiritual.

Nas Escrituras Sagradas a obra da criação é atribuída ao *Pai* (Gn 1.1), ao *Filho* (Cl 1.16), e ao *Espírito Santo* (Jó 26.13; Sl 104.30). A encarnação é mostrada como tendo sido feita pelas três pessoas de pleno acordo (Lc 1.35), embora apenas o Filho tenha se tornado carne e habitado entre nós. No batismo de Jesus, o Filho saiu da água, o Espírito pairou sobre Ele e a voz do Pai falou do Céu (Mt 3.16,17). A mais bela descrição da obra da expiação, se encontra provavelmente em Hebreus 9.14, onde é afirmado que Cristo, por meio do Espírito Eterno, se ofereceu sem mácula a Deus; e ali contempla-se as três pessoas em operação conjunta.(2) A ressurreição de Cristo é igualmente atribuída ao *Pai* (At 2.32), ao *Filho* (Jo 10.17,18), e ao *Espírito Santo* (Rm 1.4). O apóstolo Pedro demonstrou que a salvação individual do homem é obra das três pessoas da Divindade (1 Pd 1.2); e o Pai, e o Filho e o Espírito Santo habitam no cristão (Jo 14.15-23).

a. **O Credo Atanasiano.** Os autores (ou melhor, sistematizadores) do Credo Atanasiano delinearam cuidadosamente a relação das três pessoas, umas das outras, preenchendo as lacunas do pensamento humano, na medida do possível; mas, permanecendo ao mesmo tempo dentro dos limites da Palavra inspirada. Diz o Credo: "Nesta Trindade nada é antes ou depois, nenhum é maior ou menor: mas as três pessoas são coeternas, unidas e iguais".(3)

As pessoas não separadas, mas distintas! A Trindade é composta de três pessoas unidas sem existência separada, tão completamente unidas que formam um só Deus. A natureza divina subsiste em três distinções: Pai, Filho e Espírito Santo.

Porém, é evidente que a personalidade divina é expressa em atos pessoais e termos tais como EU, TU e ELE. O Credo Atanasiano se resume assim:

"A fé universal é que nós veneramos um Deus na Trindade, e a Trindade na unidade, não confundindo as pessoas nem separando a substância. A pessoa do Pai é uma, o do Filho é outra, e a do Espírito Santo outra.

"Mas a Divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é uma, sua glória é igual, sua majestade coeterna... O Pai não foi feito, nem criado, nem gerado; o Filho veio só do Pai, não foi feito, nem criado, mas gerado; o Espírito Santo veio do Pai e do Filho,

feito, nem criado, nem gerado, mas é procedente. Portanto, há um Pai, não três pais; um Filho, não três filhos; um Espírito Santo, não três espíritos santos. E nesta Trindade não há nada anterior ou posterior, nada maior ou menor... De modo que em todas as coisas, é uma Trindade na unidade e uma unidade na Trindade que deve ser adorado''.(4)

Tanto o Pai como o Filho e, de igual modo, o Espírito Santo são retratados nas Escrituras como sendo *luz* (Mt 3.11 e ss; Jo 8.12; 1 Jo 1.5) e tais ilustrações têm aplicações analógicas na luz natural.

b. **Em conjunto**. ''A luz se compõe de três partes: uma visível e duas invisíveis. A primeira são os raios iluminadores, que afetam nossa visão; a segunda são os raios químicos, que causa o crescimento e produzem os resultados da fotografia; a terceira, o princípio chamado calor, e que é separado das duas outras partes. Semelhantemente, há três pessoas em um único Deus, uma pessoa visível (Cristo) e duas invisíveis (o Pai e o Espírito Santo).''(5)

Grandes e profundas são as afirmações sobre a unidade do Ser supremo! Nas próprias palavras de Jesus, em sua missão, quando diz: ''Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo'' (Mt 28.19). Nenhuma verdade da Escritura, particularmente no Antigo Testamento, recebe mais proeminência que a da Unidade de Deus. O conceito dominante sobre Deus, no período patriarcal, era de que Ele era o Todo-poderoso, ou, melhor, ainda, Todo-suficiente. ''Apareci a vossos pais como *El-Shadai* - Deus Todo-poderoso''. Isso serviu para intensificar a potência da simples idéia de poder, que parece trazer consigo a exclusão de outros poderes e divindades e condizer diretamente ao conceito da Unidade de Deus.

c. **O termo Trindade**. O termo *Trindade* não ocorre graficamente na Bíblia. Foi usado pela primeira vez por Teófilo, bispo de Antioquia. Teófilo viveu no segundo século de nossa era e usa pela primeira vez o termo ''TRIA'', em referência direta às três pessoas em que subsiste a Divindade.

Posteriormente, Tertuliano de Cartago, na África, retoma o mesmo assunto e usa a palavra ''TRINNITAS'', porém, já no II e III séculos.

Outro vulto de destaque, no que diz respeito a doutrina da Trindade, foi, sem dúvida, Atanásio (296-373 d.C.). Porém, seu *Credo* como é conhecido universalmente, só teve expansão no V

século. Sua declaração, conforme tradução chegada até nós, é: "Adoramos um Deus em Trindade, e trindade em unidade, não confundir as pessoas, nem separar as substâncias, pois a pessoa do Pai é uma, a do Filho outra, e a do Espírito Santo, outra... Tal como é o Pai, o mesmo são o Filho e o Espírito Santo".

No campo teológico, entretanto, *trinitarianismo* é termo clássico para denotar a doutrina que estuda as três pessoas em que subsiste a Divindade, com referências especificadas, as funções características delas e suas relações mútuas.(6)

Como já tivemos ocasião de ver em outras notas expositivas, a doutrina da Trindade, apesar de ser largamente difundida na Bíblia, só acha seu grande sistematizador em Tertuliano (160-220 d.C.) que viveu quando os *manuscritos originais das epístolas* ainda existiam.

Ele, então, fala das Escrituras Cristãs como *Novo Testamento* (título este que primeiro aparece no escrito de um autor desconhecido, cerca de 193 d.C.). Nos seus escritos, este escritor cristão faz cerca de 1800 citações do Novo Testamento, nas quais a doutrina da Trindade sempre está em foco!

2. AS TRÊS PESSOAS DIVINAS

A unidade de Deus, como já dissemos, é um aspecto fundamental da revelação. Está representada nas Escrituras com grande solenidade e encontra-se ali preservada com o máximo cuidado.

Porém, como já afirmamos antes, não é uma questão de acrescentar duas pessoas àquela que os judeus e os cristãos têm reconhecido como o único Deus Verdadeiro, ou de considerar esse UM como UM dos Três; é, antes, um reconhecimento da revelação anterior e posterior de que o único Deus, que todos reconhecemos igualmente, subsistente em uma pluralidade tripla. Ajudada por essa revelação, a mente humana se torna consciente da grande verdade de que as três pessoas são iguais em cada aspecto e que a mesma honra e adoração são igualmente devidas a cada uma delas. Para esta mente espiritual (que é a mente de Cristo - 1 Co 2.16) que é orientada pelas Escrituras, cada pessoa da Divindade, tendo funções específicas e individuais, ocupa um lugar distinto.(7)

a. **Deus Pai.** "Bendito seja o Deus e PAI de nosso Senhor Jesus Cristo..." (1 Pe 1.3a). Este é o título completo da primeira

pessoa da Santíssima Trindade, e incorpora, também, o título completo da segunda pessoa.

A paternidade de Deus, como teremos ocasião de falar mais adiante, é sobretudo e sobre todos. Na passagem em Efésios 3.14, temos alusão de sua paternidade sobre as famílias do Céu e da Terra. Em Hebreus 12.9, Deus foi mencionado como sendo "o PAI dos espíritos", e em Tiago 1.17, Ele foi chamado de "o PAI das luzes".

Verdadeiramente, Deus também é Pai de todos os que crêem, mas por toda a eternidade futura, Ele deve primeiramente ser reconhecido pelo título extraordinário que, em parte, tem sido seu por toda a eternidade, a saber, o Deus e PAI de nosso Senhor Jesus Cristo! A relação da segunda pessoa com a primeira pessoa tem sido desde a eternidade, a de um Filho e, como tudo o que se relaciona com a Divindade, não só é eterno como também imutável. Esta relação de Cristo com Deus é singular! Ele mesmo declara por amor de seu argumento.

"...Não me detenhas, porque ainda não subi para **meu Pai**, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para **meu Pai** e vosso Pai" (Jo 20.17a). Havia também um relacionamento entre Deus e Israel que devia toda a sua realidade no que tange a paternidade divina em relação a ele. "Então dirás a Faraó: Assim diz o Senhor: Israel é **meu** filho, meu primogênito... Deixa ir meu filho, para que me sirva" (Êx 4.22,23).

b. **Deus Filho**. Jesus, nosso Senhor, é a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Alguns têm limitado Jesus apenas na sua existência terrena, dizendo que, para compor a Divindade, tinha então de ser Eterno. Porém, é evidente que essa forma de limitar nosso Senhor, foi e é rejeitada por todos. Razão porque as Escrituras não apoiam tal afirmação. "Ele (Jesus) é **antes de todas as coisas**, e todas as coisas subsistem por ele..." (Cl 1.17). Para que aceitemos a doutrina da Trindade, evidentemente não há necessidade de argumento tão profundo para provar a Divindade de Jesus Cristo, pois Ele é Eterno quanto a pessoa do Pai. Ele é antes da eternidade, pois segundo se afirma, é "...Pai da eternidade" (Is 9.6). E, sendo a segunda pessoa da Divindade, é da mesma substância e essência do Pai e do Espírito Santo, possuindo igual poder e glória.[8] Jesus sendo igual ao Pai, isso não implica a sua subordinação ao Pai, pois isso é apenas uma ordem de personalidade, ofício e operação que

permite ao Pai ser oficialmente primeiro; o Filho, segundo; e o Espírito Santo, terceiro; mas tudo em perfeita coerência com igualdade entre os três.

No que diz respeito ao nome divino que forma a palavra DEUS, há para cada membro da Divindade o mesmo título:

I. *Deus, o Pai.* "Bendito seja o *Deus* e Pai..." (1 Pe 1.3a);

II. *Deus, o Filho.* "Mas, do Filho, diz: Ó *Deus*, o teu trono subsiste pelos séculos dos séculos..." (Hb 1.8,9);

III. *Deus, o Espírito Santo.* "...Mentistes ao *Espírito Santo*... Não mentistes aos homens, mas a *Deus*" (At 5.3,4).

c. **Deus Espírito Santo.** O Espírito Santo, do ponto de vista divino de observação, é a terceira pessoa da Santíssima Trindade e, por conseguinte, Ele tem as mesmas características e natureza do Pai e do Filho. Ele já preexistia como a terceira pessoa da Divindade e nessa qualidade esteve ativo, mas o período que antecedeu ao dia de Pentecostes (At 2) não foi a época de sua atividade especial.

O período do Antigo Testamento foi de preparação e espera. Mas ali, o Eterno Espírito de Deus já operava em suas várias manifestações que lhe são, sem dúvida, peculiar. Ali, segundo se afirma, Ele é revelado de três maneiras distintas:

Primeiro: como Espírito Criador do cosmo, por cujo poder o Universo e todos os seres foram criados;

Segundo: como o Espírito dinâmico ou doador de poder; e

Terceiro: como o Espírito regenerador, pelo qual a natureza humana é transformada (Jó 33.4).

d. **Agostinho.** Para Agostinho, muitas vezes a doutrina da Trindade parecia uma enigma, conforme declaração sua em *Confissões* (Livro III, pp. 378-380, 5, 6):

"Eis que me aparece em enigma a Trindade que tu és, meu Deus. Porque tu, Pai, criaste o Céu e a Terra no princípio da nossa sabedoria, que é a tua sabedoria, nascida de ti, igual a ti e coeterna contigo, isto é, no teu Filho. Falei longamente sobre o céu do céu, sobre a terra invisível e confusa, sobre o abismo tenebroso (Agostinho se refere ao que falou no Livro XII, sob o título *Meditação sobre o primeiro versículo do Gênesis* 2, 3, 4), visto como delírio da criatura espiritual, ainda informe, que permaneceria errante se não se voltasse para aquele de onde procede toda forma de vida, o qual, com sua iluminação, a transformou em vida maravilhosa para que

se tornasse o céu do céu, mais tarde criado entre as águas superiores e as águas inferiores. E assim, eu já sabia que pelo nome de Deus se entende o Pai, que criou; e pelo nome de princípio, o Filho, no qual Deus criou. E como eu acreditava que o meu Deus é Trino, eu procurava a Trindade em suas santas palavras e via que o teu Espírito **pairava** sobre as águas. Eis a Trindade, meu Deus: Pai, Filho e Espírito, Criador de todas as criaturas''.(9)

e. **Uma Pessoa real.** A terceira pessoa da Divindade já foi vista por alguns personagens em forma corpórea e sua personalidade e individualidade nas Escrituras é proeminente. Vejamos!

I. *''E, sendo* Jesus batizado, saiu logo da água, e **viu** o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele'' (Mt 3.16);

II. *''E João* testificou, dizendo: Eu **vi** o Espírito descer do céu como uma pomba, e repousar sobre ele. E eu não o conhecia, mas o que me mandou batizar com água, esse me disse: Sobre aquele que **vires** descer o Espírito, e sobre ele repousar, esse é o que batiza com o Espírito Santo'' (Jo 1.32-33). No Novo Testamento, são aplicados também pronomes pessoais e distintos à pessoa do Espírito Santo, tais como:

''E, pensando Pedro naquela visão, disse-lhe o Espírito: Eis que três varões te buscam. Levanta-te pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque EU os enviei'' (At 10.19,20).

''E, quando ELE vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo'' (Jo 16.8);

''Mas AQUELE Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito'' (Jo 14.26).

''E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará OUTRO Consolador, para que fique convosco para sempre'' (Jo 14.16). O fato do Espírito Santo ser Deus na sua natureza, fica provado não somente por sua identificação com Deus na fórmula do batismo e bênção apostólica, como também por possuir os atributos da Divindade.(10) Ele é o Espírito *Eterno* (Hb 9.14). É *Onipotente* (Lc 1.37). É *Onisciente* (1 Co 2.10). É *Onipresente* (Sl 139.7-10). A Ele se atribuem as obras divinas: Ele tomou parte ativa na criação do mundo (Gn 1.2). Produz nova criatura para Jesus (Jo 3.5). Ressuscitou a Jesus Cristo dentre os mortos (Rm 1.4; 8.11). Portanto, não há nenhuma prova contrária para que Ele não seja a terceira pessoa da Divindade!(11)

3. SUAS FUNÇÕES E OBRAS

Podemos observar a Trindade Divina trabalhando em conjunto desde o início (Gn 1.1,2) até a consumação do mundo presente e a introdução do mundo vindouro. Sigamos os elementos doutrinários:

a. **Na criação do Universo.** O estupendo empreendimento de criar o Universo imensurável foi realização de cada pessoa em que subsiste a Divindade. Houve, então, participação ou cooperação mútua de cada parte e em cada detalhe se combinando entre si.

Existe (segundo Agostinho) uma pergunta na mente intelectual e até fora dela: "Que fazia a Trindade antes de criar o Céu e a Terra?"([12]) Antes de criar o Céu e a Terra, a Trindade não fazia nada, há não ser se amar mutuamente (cf. Jo 17.24; Rm 5.5; Cl 1.13). Pois, se tivessem feito alguma coisa, o que poderia ser, senão uma criatura? Mas estou certo de que não havia (ou não houve) nenhuma criatura antes da primeira criatura!

De Deus, a primeira pessoa, se declara: "Desde a antiguidade fundaste a terra: e os céus são obra das tuas mãos" (Sl 102.25).

De Cristo, a segunda pessoa, se declara: "Porque nele foram criadas todas as coisas, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por ele e para ele" (Cl 1.16).

E do Espírito Santo, a terceira pessoa, se declara: "Pelo seu Espírito ornou os céus..." (Jó 26.13a; Sl 104.30). Os atos da criação separados, ainda que completos, da parte de cada pessoa, reúnem-se na afirmação do nome criador de Deus (Eloim) e daí por diante.

b. **Na criação do homem.** A criação do homem é um ato criador da Trindade em conjunto, pois jamais nenhum outro ser disse: "Façamos (plural de pessoas) o homem".

De Deus, se diz: "E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou..." (Gn 1.27a).

De Cristo, se diz: "Porque nele (Cristo) foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis (incluindo os seres humanos) e invisíveis (incluindo os seres angelicais)..." (Cl 1.16a).

E do Espírito Santo, se diz: "O Espírito de Deus me fez; e a inspiração do Todo-poderoso me deu vida" (Jó 33.4).

c. **Na vida de Cristo.** A partir da encarnação do Verbo até Ele assentar-se novamente no trono, seus passos, palavras e atos foram acompanhados pelo Pai e pelo Espírito Santo (Lc 1.26,35).

No que tange a sua manifestação (manifestação da Trindade), Deus Pai manifesta-se especialmente no Céu (cf. Mc 1.9-11); Deus Filho manifesta-se especialmente na Terra (cf. Jo 3.13), o agora está no Céu (At 7.56; Ef 1.20); E Deus Espírito Santo manifesta-se em todos os lugares. Na *natureza* (Gn 1.2; Sl 104.30); em todos os *crentes* salvos (Jo 14.16,17; Rm 8.9); agindo em manifestações e também em silêncio, junto dos *descrentes* (Jo 16.7-11). Por intermédio do Espírito Santo, o Pai e o Filho habitam no crente (Jo 14.17,19,20,23). Em vários elementos doutrinários Jesus falou da Trindade, como podemos depreender daquilo que se segue: "Eu (o Filho), Tu (o Pai), e Ele (o Espírito Santo)". Compare-se João 16.9; 17.12,18.

No batismo de Jesus no rio Jordão a Trindade entrou em foco! O Pai falou, o Espírito Santo desceu, enquanto que o Filho estava sendo batizado em água (Mt 3.16,17). "A Trindade, portanto, são três pessoas eternamente interconstituídas, inter-relacionadas, interexistentes e, por conseguinte, inseparáveis".([13])

d. **Em vários aspectos.** O Pai é toda a plenitude da Divindade. O Filho o é da Divindade manifestada. E o Espírito Santo o é da Divindade a agir diretamente sobre a criatura. Existem muitas outras manifestações nas Escrituras Sagradas, sobre a maneira tríplice de Deus agir, que serão desenvolvidas na secção seguinte, a saber:

I. *Na bênção das tribos*: "O Senhor te abençoe e te guarde: O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti, e tenha misericórdia de ti. O Senhor sobre ti levante o seu rosto, e te dê a paz" (Nm 6.24-26).

II. *Na bênção apostólica*: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com vós todos. Amém" (2 Co 13.13).

III. *No perdão*: "Ó Senhor, ouve; Ó Senhor, perdoa: Ó Senhor, atende-nos e opera sem tardar..." (Dn 9.19a).

IV. *No louvor*: "E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos: toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3).

V. *No batismo*: "Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19).

VI. *Nos dons*: "Ora há diversidade de dons, mas *o Espírito*

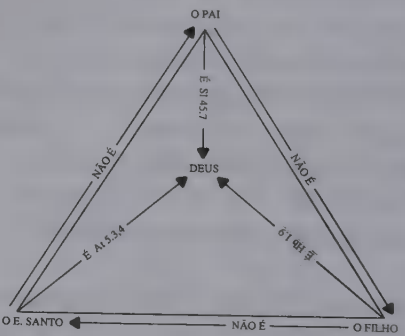
é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas *o Senhor* é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo *Deus* que opera tudo em todos'' (1 Co 12.4-6).

VII.*Na unidade da fé*: ''Há um só... Espírito (o Espírito Santo)... Um só Senhor (o Senhor Jesus)... Um só Deus (o Pai) e Pai...''(Ef 4.4-6).

VIII. *Numa conclusão*: ''Então disse o Senhor Deus: Eis que o homem é como um de nós (Jesus e o Espírito Santo), sabendo o bem e o mal...'' (Gn 3.22a).

IX. *Na torre de Babel*. ''Eis, desçamos, e confundamos (aqui falam as três pessoas da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo) ali a sua língua'' (Gn 11.7a).

Conclusão: Três são os que testificam no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um.



4. AS TRÊS PESSOAS

A palavra *pessoa* (latim, ''persona''; grego, ''prosopon'' os ''hypostasis''), quando aplicada às distinções dentro da Divindade, tem sido sempre usada com certa reserva. É fácil ver a razão para isto; a saber, o fato de que é tão provável que surgira três personalidades mutuamente exclusivas.

Este termo, porém, aplica-se graficamente a Deus (Hb 1.3), a Cristo (Fl 2.8) e, por inferência, ao Espírito Santo (Mt 3.16; Lc 3.22). Mas, necessariamente, o uso que dela se faz, deve ser entendido no sentido de distinção e não de organismo. Estas *três pessoas* são tão interligadas que cada uma delas encontra sua realidade, sua vida, sua bem-aventurança em relação às outras.

O Pai não poderia ser Pai senão em relação com o Filho, nem podia o Filho ser Filho à parte do Pai; independência uma da outra,

então, não é o característico destas três *pessoas*, porém, antes, cada uma, depende mutuamente. O Pai existe no Filho e para o Filho, e o Filho existe no Pai e para o Pai, enquanto que o Espírito Santo é a realidade íntima do Ser de ambos: Pai e Filho, e o laço de união entre eles. Cada qual existe não para si mesmo, mas nos outros e para os outros.

a. **A diferença.** O verdadeiro método na interpretação dos fatos cristãos deve (e reconhece) reconhecer as duas coisas: a Unidade de Deus e sua Trindade. A Unidade de Deus é a unidade do Ser supremo, Criador, que é fonte individual e o sustentador de todas as coisas. Não obstante, existe, dentro da Unidade de Deus, uma Trindade que é mais do que uma trindade de *caracteres* assumida por um indivíduo em uma representação.

b. **Na forma de trabalhar.** O trabalho do Pai, e do Filho e do Espírito Santo é, cada qual, o trabalho de Deus. É este um dos aspectos fundamentais deste assunto. O trabalho de Cristo é o trabalho de Deus.

Cristo não é um *delegado* a quem Deus mandou, nem é o Espírito Santo um agente *externo* enviado pelo Pai e pelo Filho. A obra de Cristo e do Espírito é tanto o trabalho de Deus como é o trabalho do Pai. Foi neste sentido que Jesus declarou: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10.30). Às vezes, ouvimos alguém declarar: A *história* está dividida em três *dispensações*: a do Pai (incluindo o período do Antigo Testamento), a do Filho (incluindo o período da vida terrena de Jesus), e a do Espírito Santo (incluindo o período que vai do Pentecoste em diante). Isto, porém, não é correto dizer. Jesus Cristo disse: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (Jo 5.17). Em Cristo, Deus a si mesmo se deu na plenitude de sua graça para salvar os homens do pecado. Isto foi feito de tal maneira que os homens se tornaram cônscios de que, conhecendo a Cristo, conheciam a Deus. "Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo" (2 Co 5.19). Sempre, desde os dias do Novo Testamento, os homens têm encontrado Deus em Cristo. Ele nos comunica Deus em graça salvadora para a humanidade perdida. Cristo e Deus estão de tal modo relacionados que onde Cristo está, aí Deus está; e o que Cristo faz, isso Deus faz.

5. O RELACIONAMENTO

O Espírito Santo capacita os homens a chegarem a Deus por Cristo. Apossar-se da graça de Deus em Cristo não é ato da

inteligência humana obscurecida e desvalida. É obra do Espírito Santo. Dele disse nosso Senhor: "...quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, e da justiça e do juízo" (Jo 16.8). E de Cristo lê-se: "Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (Jo 14.6b). Há, portanto, um verdadeiro relacionamento entre as três pessoas da Divindade. O Espírito Santo capacita o homem a apossar-se de Cristo para salvação. Ninguém pode dizer que Jesus Cristo é Senhor, senão pelo Espírito Santo (1 Co 12.3 e ss). Assim sendo, o Espírito Santo, Cristo e o Pai, estão bem relacionados, pois onde o Espírito Santo está, aí está Cristo; e o que o Espírito Santo faz, também o faz Cristo. O Espírito tanto é chamado o "Espírito de Cristo" como o "Espírito de Deus" (Rm 8.9). O Senhor é Espírito (2 Co 3.17,18). Cristo está presente no Espírito e através do Espírito (Mt 18.20; 28.19; Jo 14.16,18).

a. **Outro aspecto de relacionamento**. Outro aspecto da matéria: o Espírito cria em nossos corações o espírito de filiação para com Deus. "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). Ele nos leva a reconhecermos que somos herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rm 8.17). Tal consciência ou convicção jamais viria até nós senão por obra do Espírito de Deus operando em nós. Com efeito, cada qual destes, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, é reconhecido na Bíblia e na experiência cristã como Deus, e não obstante distintos entre si (Jo 1.1; At 5.3,4; Rm 9.5; Ef 1.3,17).

b. **O alcance do argumento**. Existem inúmeras razões bíblicas e teológicas para crermos que as três pessoas da Divindade são distintas. Uma destas razões, prende-se, sobretudo, ao fato da personalidade de Deus. Ora, esta personalidade divina é necessária para explicar a personalidade no homem. A personalidade no homem é uma realidade. Como um ser pessoal, o homem veio a habitar a terra. Aqui ele está agora. Ele não esteve sempre aqui (declara W. T. Conner). Algum poder lhe deu origem. Forças impessoais não são suficientes para explicar a personalidade do homem. Se a base subjacente é impessoal, então a personalidade do homem não tem explicação. Mas se há uma explicação convincente, segue-se, então, que Deus que o criou é uma pessoa. Se Deus, porém, não é uma pessoa, as qualidades pessoais do homem não têm explicações. Mas se há explicações, segue-se que Deus é uma pessoa!

Ainda mais, qualquer sistema de pensamento que negue a personalidade em Deus fará, afinal de contas, como necessidade lógica, a vida pessoal do homem como sendo apenas uma bolha a emergir por um momento na superfície do mar do ser ou ente, para ser então reabsorvida pelas águas. Personalidade em Deus e personalidade no homem permanecem de pé ou caem juntas.

Não há lugar para quaisquer valores pessoais em um mundo que está baseado na impessoalidade.

I. *Ora, se Deus* não fosse uma pessoa, conforme nossa concepção e fé naquilo que se depreende da sua Palavra, desaparece todo o sentido da vida religiosa do homem. Religião é uma das coisas mais características acerca da vida do homem. Abolir a personalidade de Deus, do Filho (como pretendia fazer o gnosticismo) e do Espírito Santo, em nosso pensamento, é reduzir tudo a nada!

O que significariam o pecado, o arrependimento, a fé, a oração, senão em relação a uma Trindade subsistente que tem em si características pessoais? O pecado é contra uma pessoa. Arrependimento é em relação a uma pessoa. Fé é confiança numa pessoa. Oração é comunhão com uma pessoa. Religião é mera superstição e uma impostura se Deus não é uma pessoa. Afinal, porém, a garantia da personalidade do Pai, e do Filho e do Espírito Santo se encontra na revelação de Deus em Cristo.

Cristo pensa de Deus como uma pessoa. Para Jesus, Deus era o Pai amoroso que vela por seus filhos com cuidado terno. Ele governa o mundo em amor. Nem um pardal cai ao solo sem o seu conhecimento (Mt 10.29,30; Lc 12.6).

II. *Ainda numa definição da Trindade.* Na Unidade Divina, devemos ter em mente que as qualidades acentuadas na revelação que Cristo nos dá de Deus são qualidades pessoais. Elas são supremamente amor e justiça. E, necessariamente, aquilo que Deus é, Jesus e o Espírito Santo são também sem restrição alguma.

III. *O reflexo do argumento.* A razão nos mostra a Unidade de Deus; apenas a revelação nos mostra a Trindade de Deus. O mundo antigo tinha suas tríades, mas eram apenas distinções místicas e teológicas em seu panteão de deuses. Todas essas noções não têm analogia com a doutrina bíblica da Santíssima Trindade; nem servem tampouco para explicá-la. Apesar da doutrina da Trindade não poder ser descoberta pela razão meramente humana, ela é possível de uma defesa racional, agora que foi revelada.

Com efeito, a palavra *trindade* como já tivemos ocasião de explicar em outras secções deste argumento (sua forma grega **Trias**), parece ter sido usada primeiro por Teófilo (181 d.C.), e sua forma latina, **Trinnitas**, por Tertuliano (em torno de 220 d.C.). Entretanto, a crença na Trindade é muito mais antiga que isso, como já tivemos ocasião de afirmar.

Quando falamos na Trindade, queremos, então, transmitir as distinções eternas das três pessoas em que subsiste a Divindade. Isto é evidenciado por passagens que dão a entender a existência de Cristo com o Pai na eternidade (Jo 1.1,2; Fl 2.6 e ss), e por aquelas que afirmam ou dão a entender a eternidade do Espírito Santo (Gn 1.2; Hb 9.14). A natureza do eterno relacionamento existente entre o Pai e o Filho é comumente chamada de *geração*, entre o do Pai e o do Filho, de um lado, e o do Espírito Santo de outro, de *processo*. Com "geração eterna" queremos dizer "emanação eterna". Deus diz: "Tu és meu Filho; eu hoje te gerei" (Sl 2.7; Hb 1.5). A palavra "hoje" denota a presença do universal, o "Agora eterno", que é colocado para sempre. A declaração de Miquéias: "...cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade" (Mq 5.2b), significa a mesma coisa.

Quando Jesus disse: "Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo" (Jo 5.26). Ele falou de uma comunicação eterna de vida do Pai para o Filho. O termo *processo*, aplicado ao Espírito Santo, significa quase que a mesma coisa que o termo *geração* quando este se refere ao Filho (o termo *geração* aqui não é tomado no sentido de *sucessão*, e, sim, de *procedência*). Só o Espírito Santo *procede* tanto do Pai como do Filho (Jo 14.26; 15.26; At 2.33; Hb 9.14).

---

(1) Prosl. La Salle, 1903, p. 6
(2) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(3) W. L. A. Teol. Sist. e Bibl.
(4) op. cit.
(5) E. H. B. Teol. Elem. 1975
(6) W. L. A. Teol. Sist. e Bibl.
(7) op. cit.
(8) W. L. A. Teol. Sist. e Bibl.
(9) S. A. Conf. 1987
(10) A. W. T. M. P. de Deus, 1980
(11) op. cit. 1980
(12) S. A. Conf. 1987
(13) C. op. cit. E. H. B. 1975

15

Provas Morais da Existência de Deus

As provas morais da existência divina são assim chamadas porque têm seu ponto de partida na realidade moral.([1]) As provas morais da *Existência de Deus* são, por outro lado, particularmente aptas a fazer compreender, não apenas a que ponto o problema de Deus se enraíza no mais profundo de nosso coração, mas ainda para trazer solução verdadeira e concreta (...) na crença na existência de um Deus pessoal.

1. DIVISÃO DAS PROVAS

Geralmente estas provas têm sido divididas em quatro, que comumente se invocam em favor da existência de Deus, a saber:

Primeira Prova: A obrigação moral;

Segunda Prova: As aspirações da alma;

Terceira Prova: O consentimento universal; e

Quarta Prova: A de experiência mística. Estas provas, segundo se depreende, são vias que nos conduzem a Deus e, necessariamente, a quarta prova (a da experiência mística), processa-se freqüentemente na pessoa salva que, tendo seu coração *limpo* estará apto para *ver* a Deus (Sl 73.1; Mt 5.8).

a. **Prova pela obrigação moral**. Esta prova está também relacionada com o fato do dever. Nossa ação no mundo não se processa e não pode processar-se ao acaso. Ela é dirigida por fins

morais que resumimos na idéia do dever. Ora, a obediência ao dever é essencialmente a busca perseverante de um ideal de perfeição moral.

As provas morais da existência de Deus são, rigorosamente, encontradas tanto no mundo religioso como no mundo filosófico.(2) O décimo capítulo do Gênesis é, com efeito, um documento único. Sustenta-se que nenhuma compilação igual se encontrou jamais na literatura de qualquer outro povo antigo. Seu sentido fundamental ainda está sendo verificado através do mundo inteiro, atualmente. Procura provar esse capítulo do Gênesis que as nações tiveram uma origem comum e que todos os homens são **irmãos**, com uma unidade humana que tem raiz em Deus. Há neste capítulo um propósito religioso, uma séria tentativa para mostrar que a humanidade tem uma origem comum e que, embora sejamos povos e raças separadas, somos um povo e uma raça só aos olhos do nosso Criador.

b. **Prova pelas aspirações da alma.** O fato da inquietação humana é presente em seu universo físico. Agostinho nos apresenta como esta aspiração, às vezes, se processa no coração e, enquanto esta aspiração, que necessariamente vai mergulhando num vácuo, não encontra a Deus, a alma humana anda *tateando* (At 17.27).

Então, à procura de Deus, Agostinho pergunta: "E o que é isto?" Perguntei à terra, e esta me respondeu: "não sou eu". E tudo que nela existe me respondeu a mesma coisa. Interroguei o mar, os abismos e os seres vivos, e todos me responderam: "não somos o teu Deus; busca-o acima de nós". Perguntei aos ventos que sopram, e toda a atmosfera com seus habitantes me responderam: "Anaxímenes está enganado".

Anaxímenes foi um filósofo grego do século VI a.C. Para ele, o ar é o princípio gerador de tudo. Todos os elementos mencionados responderam a Agostinho: "Não somos o teu Deus". Interroguei (Agostinho) o céu, o sol, a lua e as estrelas: "Nós também não somos o Deus que procuras". Pedi a todos os seres que me rodeiam o corpo: "Falai-me do meu Deus, já que não sois o meu Deus; dizei-me ao menos alguma coisa sobre ele". E exclamaram em alta voz: "Foi Ele quem nos criou". Diga-me então a mim mesmo, e me perguntei: "E tu, quem és? E respondi: "Um homem". Então perguntei a verdade moral e esta me respondeu: "O teu Deus não é a terra, nem o céu, nem qualquer outro ser corporal". É isso que

a natureza das coisas afirma, e todos podem ver, pois a matéria é menor na parte que no todo. Tu, alma, digo-te que és mais importante que o corpo, sem dúvida, pois és tu que lhe dás a vida, e nenhum corpo pode fazer o mesmo a outro corpo. Mas o teu Deus é também a vida da tua vida.(3)

c. **Prova pelo consentimento universal**. Essa universalidade significa que há razões poderosas e acessíveis a todas as inteligências, em favor da crença em Deus. A crença universal na existência de Deus faz parte das necessidades e dos ideais do homem. O homem projeta todas as qualidades positivas que tem em si de uma pessoa divina e faz dela uma realidade subsistente, capaz de suprir as suas próprias necessidades e as suas *próprias lacunas*.(4) Assim, por exemplo, a idéia de Deus como Pai, segundo o autor de *Essência do Cristianismo*, nasce da exigência de segurança exigida pelo homem; a idéia de Deus feito carne exprime a excelência do amor pelos outros; a idéia de um Ser perfeitíssimo nasce para representar ao homem o que o homem gostaria de ser mas não consegue tornar-se sem aquela transformação, a qual chamamos "a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23). A idéia de uma existência ultraterrena não é senão a fé na vida terrestre não como ela é atualmente, mas como deveria ser; a triplicidade invisível no homem (vontade, razão e amor), tomada na sua unidade e projetada sobre ele, e daí por diante. Ora, só pode existir tal anciedade na pessoa humana, porque, sem sombra de dúvida, existe um Ser infinitamente moral que, necessariamente, exige que suas criaturas olhem para Ele.(5)

d. **Prova pela experiência mística**. Esta prova se torna evidente em toda a extensão da Bíblia. Pessoas tais como *Adão* (Gn 3), *Abraão* (Gn 12.7 e ss), *Isaque* (Gn 26.24), *Moisés* (Êx 3.3 e ss), *Isaías* (Is 6.1 e ss), e muitos outros servos de Deus de ambos os pactos, afirmaram ter entrado em contacto experimental com Deus de uma forma que ultrapassa seguramente os meios humanos de expressão, mas em que desfrutaram da irresistível evidência da presença de Deus. Poder-se-ia dizer, é verdade, admitir que uma tal pessoa errou. Mas seria realmente impossível que todos se enganassem, e nos enganassem, falando, com tanta força e convicção, das mesmas realidades sobrenaturais que conheceram através de suas experiências pessoais com Deus. Portanto, todas as provas da existência de Deus são aplicações do princípio de razão suficiente moral: qualquer coisa tem sua razão, ou em si, ou numa outra.(6)

Em outras palavras: *o mais não pode sair do menos, nem o ser do nada*. Cada prova, compreendendo um ponto de vista particular, precisa da aplicação do princípio de razão, no domínio da contingência, no movimento, no das causas finais, nos domínios da obrigação moral, das aspirações do homem e do consentimento universal.

Cada vez, o princípio de razão obriga a concluir pela experiência de um Ser existente por si, primeiro motor universal, inteligência infinita, princípio e fim da ordem moral, absoluta perfeição.(7)

Quando nos recorremos ao *Argumento Ontológico*, não se fazem necessárias tais provas! Mas, é evidente que, fora dele, elas são necessárias, porque cada uma destas provas tem a vantagem de colocar em **relevo** um aspecto da causalidade divina e mostrar que, qualquer que seja o ponto de vista que se adote, o mundo não tem razão suficiente a não ser em Deus, se bem que não haja escolha entre estas duas conclusões: ou Deus, ou o absurdo total. Mas, necessariamente, jamais o absurdo total traria uma ordem moral em qualquer tempo e lugar.

Conclusão: Só em Deus, e não fora dele, pode e existe esta ordem moral absoluta!

2. A NATUREZA MORAL DE DEUS

Quando definimos o que entendemos pela personalidade de Deus, incluimos consciência moral como um elemento essencial em personalidade. Isto quer dizer que Deus distingue entre o *certo* e o *errado*, e que Ele atua com referência a essa distinção. Os homens têm, às vezes, falado de Deus como se Ele não considerasse distinções morais, como se Ele estivesse além de tais distinções, ou como se Ele incluísse tanto o *bem* como o *mal* em si mesmo.

O *bem* e o *mal*, como teremos ocasião de ver mais adiante, são, deste modo, considerados como se fossem apenas parciais, como sendo devidos fundamentalmente somente aos nossos pontos de vista parciais ou limitados. Se nós pudéssemos ver as coisas em seu todo, em todas as suas relações, o mal não seria realmente mal, mas apenas um realce ou fundo de advertência para o bem ter lugar na vida do ser racional! Mas, sabemos não ser assim. Em constraste com isto, nós mantemos a convicção de que o *bem* e o *mal* são reais para Deus e também para nós. Ainda mais, mantemos que a base final da distinção entre o certo e o errado está na natureza moral de

Deus; que o direito é o que é, porque Deus é o que Ele é, que a lei moral é uma reprodução da natureza moral de Deus.

a. **Prova moral**. Esta prova se baseia na justiça de Deus, que exige que a virtude e o vício recebam as sanções que lhes são devidas:

Recompensa ou *punição*. Aqui no mundo, as sanções da virtude e do vício são evidentemente insuficientes; muitas vezes, é o vício que triunfa, e a virtude que fica humilhada. A justiça quer que cada um seja tratado segundo suas obras, e isto não pode ser feito, a não ser com a imortalidade da alma, que espera na eternidade sua recompensa. Se Deus não fosse um Ser moral, jamais haveria tal esperança.

b. **Ao pensarmos** em Deus, devemos ter em mente dois pontos fundamentais: O *primeiro*, acerca de sua existência e natureza, e o *segundo*, acerca de sua natureza moral. Nós entendemos isto tanto mais prontamente, se lembrarmos que a revelação final de Deus nos é dada em Jesus Cristo. Se qualquer homem quiser conhecer a espécie de Deus a quem nós servimos, descobri-lo-á considerando a Jesus Cristo. Ele é a imagem do Deus invisível. Deus é, portanto, como Cristo. As qualidades dominantes na vida de Cristo são as qualidades dominantes no caráter de Deus!

3. A EXISTÊNCIA DO MAL

A existência do **mal** no mundo é freqüentemente invocada para negar a existência de Deus ou a realidade da Providência divina.(8)

São vários os aspectos básicos relacionados pelos filósofos e teólogos no que diz respeito ao relacionamento entre Deus e o mal.

Um deles, é afirmar a realidade do mal e negar a Deus (o ateísmo). Em segundo lugar, pode-se afirmar a Deus e negar a realidade do mal (o panteísmo). E um terceiro ponto, prende-se a afirmação da existência tanto de Deus como do mal (o ponto de vista bíblico). Os conceitos *monistas* afirmam a Deus e negam a realidade do mal. Este é o caso tanto com a forma ocidental do panteísmo, quanto com a oriental. Por exemplo, no panteísmo hindu, Sankara argumentava que somente Brahma é realidade. No ocidente, B. Spinoza argumentava que todo o *mal* e a imperfeição no mundo são uma parte necessária de um quadro total de infinito bem. E a *Ciência Cristã* ousadamente proclama: "O mal é apenas

uma ilusão, e não tem base real. É simplesmente um erro do homem mortal'', conclui.

a. **O argumento**. Para resolver o problema do mal, é necessário, inicialmente, distinguir o mal físico, que pertence à ordem corporal e se traduz pelo sofrimento, e o mal moral, que é essencialmente a violação voluntária e livre da ordem desejada por Deus e que se chama falta ou pecado.

Um e outro são, não apenas simples ausência de um bem superior à natureza, mas, a privação de um bem que convém à natureza.

Do ponto de vista divino de observação, o *mal* (pecado) teve início no passado, sendo que, sem dúvida, seu mentor intelectual foi Satanás. Pelo que se depreende de Ezequiel 28.1 e ss, o *mal* (pecado) teve **início no coração** de Lúcifer, ocasionado pelo *orgulho* e seguido pela *violência* (Ez 28.16). Quando ele disse no seu coração: ''EU SUBIREI'', então o pecado teve início! (Is 14.13; Ez 28.2; 1 Tm 3.6). Sua introdução, no mundo, porém, foi feita por um *homem* (Adão).

Embora, pela proibição do Criador em Gênesis 2.17, sua presença já era sentida no Universo.

b. **Deus e o mal**. As Sagradas Escrituras põem em relevo dois grandes princípios ou qualidades morais: a *santidade* e seu antagonista, o *pecado*. Pode-se dizer que, na esfera moral, o primeiro corresponde ao BEM e o segundo ao MAL. Todos os demais princípios e qualidades morais podem ser classificados de maneira a se identificar com um desses dois grupos. E por isso mesmo o pecado, como sua *antítese*, recebe na Bíblia e no Código Moral atenção ampla e adequada. Portanto, o pecado é a falta de conformidade com a natureza do supremo Ser. Deus, porém, sendo o Bem supremo, um dia exterminará o mal de seu Universo.

c. **O mal e o bem**. O mal, que é contrário do bem, consiste para o ser que ainda não atingiu aquela perfeição tão almejada pela aspiração da alma (Sl 63.1-3). Porém, é evidente que o mal pertence ao tempo; o bem, porém, pertence a eternidade![10]

Podemos dividir o bem em quatro partes distintas: o bem útil, deleitável, honesto e infinito.

I. *O bem útil*. O bem útil, segundo determina o termo, é o que serve de meio em vista de um bem. Todo o seu valor de bem, enquanto útil, consiste então na sua capacidade de procurar um outro bem. Em outras palavras, um medicamento (ou uma cirurgia)

para o doente, deve transformar-se em um bem útil.

II. *O bem deleitável.* O bem deleitável é o que proporciona alegria e satisfação: tais como uma obra de arte (para o artista), o esporte (para o atleta). A salvação para o santo.

III. *O bem honesto.* O bem honesto é o que nos atrai, não pela utilidade ou gozo que proporciona, mas, antes de tudo, em razão da perfeição que traz.(11) Porém, é evidente que, durante nossa caminhada em direção à perfeição absoluta, este bem honesto é relativo e não absoluto (cf. Fl 3.12-14).

IV. *O bem infinito.* Este bem infinito será alcançado na trasladação e transformação dos santos, por ocasião do retorno de Cristo para os seus (1 Co 15.49-54). Ele será "...as coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem. São as que Deus preparou para os que o amam" (1 Co 2.9b).

d. **O governo moral de Deus.** O governo moral do Criador é a sua administração da vida das criaturas livres, dirigindo-lhes toda ação moral e todo destino. O governo moral é, portanto, o método pelo qual Deus governa os seres racionais. Todos os seres livres (sejam os homens, sejam os anjos) têm de relacionar-se com este governo moral. E, quanto mais desenvolvido o ser moral, mais significativo se torna este governo divino no mundo racional. Se bem que seja o homem livre, o seu procedimento e o seu destino estão sob o juízo e o cuidado de Deus. O governo de Deus é, portanto, um governo universal que, sem sombra de dúvida, baseia-se em sua santidade moral.

e. **O cuidado humano.** O homem vive na ordem natural, e o princípio que lhe deve servir de guia é que os fatos na ordem natural se explicam segundo as leis naturais. Fisicamente o homem é uma parte da ordem natural, e, por ser ele também um ser espiritual, não altera este princípio.(12)

A providência de Deus não isenta o homem das leis e regras naturais nem tampouco das suas exigências. Pode acontecer ao homem, no tocante ao corpo, o mesmo que ocorre ao irracional. Os desastres são freqüentes a todos os que vivem na ordem natural, e isto sem exclusão do próprio ser humano (Ec 3.19).

Ele está tão sujeito aos acidentes como qualquer ser dos outros reinos; e, como sabemos, as providências de Deus (até certo ponto) neste reino acham-se nas leis que Ele estabeleceu desde o

princípio do mundo. E convém notar que Deus não suspende essas leis só porque o homem se acha em dificuldade após haver desprezado as mesmas; não, Ele as suspende em algumas necessidades prementes. Aí, surge o milagre que estudaremos mais adiante! Portanto, a ordem natural é adaptada ao desenvolvimento moral e espiritual dos seres livres.

Este é o princípio básico do governo moral de Deus em todo o Universo.

3. OS INSTINTOS

Chama-se *instintos* o conjunto das tendências naturais, que derivam das necessidades fundamentais ou primárias do ser vivo.(13)

É em virtude de necessidades deste gênero que o animal é impelido (o homem é atraído) a exercer todos os atos necessários a sua conservação individual ou específica de acordo com o seu ser e espécie. Estas tendências naturais não constituem faculdades distintas: elas se identificam com a natureza do ser vivo sensível, e se definem por ela. Estes instintos estão adaptados, conforme veremos mais adiante, com a necessidade e acoplagem do ser vivo, a fim de que, mediante os quais, ele seja protegido pelas leis naturais.

a. **A finalidade**. Por isso os instintos diferem dos tropismos ou fenômenos de orientação determinada, nas plantas, por agentes físicos (luz, umidade, peso, etc.). Vamos, portanto, analisar os cinco mais atuantes no ser humano (existem outros ligados aos reflexos, tais como reações desprendidas automaticamente, no animal pelos terminais nervosos, sob a ação de um prato apetitoso, o ato de fechar os olhos diante de uma luz muito forte, os gestos de proteção de alguém que cai, etc.).

Os instintos, conforme já falamos, são estes: *Primeiro*, o da auto-preservação. *Segundo*, o da aquisição. *Terceiro*, o da busca de alimento. *Quarto*, o de reprodução. E *Quinto*, o de domínio. Todos estes dotes (instintos) e os órgãos (faculdades) dos sentidos (paladar, audição, olfato, visão e tato) e também aquela capacidade de calcular o peso e medir as distâncias, são faculdades da alma humana que Deus implantou para o desempenho de suas funções e para ser usadas no auxílio da conservação da vida. Sem eles (instintos), e as regras exigidas nas leis naturais, o homem seria fatalmente destruído.(14)

4. O MILAGRE

Tudo o que dissemos até agora de Deus volta a afirmar a realidade da Providência divina, isto é, da ação que Deus exerce sobre a criatura para conservá-la e dirigi-la para seu fim com sabedoria e bondade, segundo a ordem que estabeleceu na criação. Deus, com efeito, é infinitamente sábio, e a sabedoria exige que Ele vele sobre o mundo que criou, para conduzi-lo ao fim que lhe determinou. Com efeito, Deus tanto usa sua providência (salvo por meios) como quando lhe apraz, usa seu poder (salvo por meio de milagre). A palavra milagre significa etmologicamente: uma coisa maravilhosa que provoca o espanto e a admiração, geralmente porque a sua causa é desconhecida.

No sentido próprio, chama-se milagre todo fato sensível e extraordinário produzido por Deus fora do curso ordinário das coisas.([15])

a. **O milagre é possível**. Ele o é do lado das leis da natureza que dependem do autor da natureza. Ele o é também do lado diretamente de Deus (usado sem necessidade dos meios), a quem não contradiz nem a sabedoria, nem a imutabilidade, uma vez que o milagre se altera a ordem da natureza sensível, cai na ordem total, que é espiritual, e foi previsto por Deus como um elemento desta ordem, e assim contribuindo para o desempenho de seu governo moral. Deus tem poder e pode desviar o curso dos acontecimentos, se quiser, a fim de atender à necessidade do homem. Geralmente a providência divina é considerada, como certos atos especiais, um milagre, pelo qual Deus intervém no curso natural das coisas. Ouvimos, muitas vezes, a expressão: "Isto aconteceu pela intervenção imediata de Deus."

b. **Definição geral**. O termo grego "semeion" derivado do hebreu "õth" ou "mõphêth" é a palavra que comumente significa *sinal* ou *marca distintiva*.([16])

Mas nos evangelhos e no livro de Atos dos apóstolos com freqüência é usado para indicar um *milagre didático*, uma *maravilha*, cuja finalidade é convencer os homens acerca de uma intervenção divina. A expressão ocorre setenta e sete vezes no Novo Testamento. Sendo que nos evangelhos aparece quarenta e oito vezes. Treze vezes ocorre em Atos, oito nas epístolas de Paulo, uma vez em Hebreus (2.4), e treze no Apocalipse de João (9.5; 12.1,3; 13.14,16,17; 14.9,11; 15.1,2; 16.2; 19.20; 20.4). No evangelho de João aparece

com o significado de *sinal milagroso* (Jo 2.11,18,23). Qualquer ponto de vista filosófico que negue a possibilidade de milagres é não-teísta, é um ponto de vista que nega a existência de um Deus pessoal, admitimos mesmo daí a possibilidade de milagres. Se a realidade fundamental do Universo é um Deus pessoal, de cuja vontade tudo o mais depende, então não há modo de negar a possibilidade de milagres.

c. **Os sinais de Jesus.** Os sinais operados por Jesus eram operados em resposta a uma necessidade ou necessidades prementes, porém, tinham também um significado mais profundo, comunicando ensinos espirituais e contendo elementos proféticos. No presente argumento, porém, milagre tem o sentido da operação direta e poderosa de Deus na vida do homem e no ciclo da natureza e daí por diante.(17)

Alguns céticos têm declarado que um milagre é uma impossibilidade que os evangelistas ou eram enganados, ou foram enganados quando escreveram seus relatos dos feitos miraculosos de Cristo; e enganadores ou enganados, eles não merecem crédito. O grande antagonista da teoria dos milagres, entre aqueles que asseveram a sua impossibilidade, é B. Spinoza (1632-1677) que assim escreveu: "Um milagre, tanto contrário como acima da natureza, é um total absurdo.

"Nada acontece na natureza que não siga suas próprias leis. Estas leis se estendem a tudo que penetra a mente divina; e, por fim, a natureza age num curso fixo e imutável - de onde se segue que a palavra *milagre* somente pode ser compreendida em relação aos conceitos da humanidade, e significa nada mais que um evento, um fenômeno, cuja causa não pode ser explicada por um exemplo conhecido. Eu poderia dizer que um milagre é isso, cuja causa não pode ser explicada pela nossa compreensão natural dos princípios conhecidos das coisas naturais". Pode, de fato, ser observado que a natureza está em todo lugar e em todo tempo, realizando milagres em harmonia e paralelo com os milagres feitos pelas forças espirituais do Universo. O milagre supremo de Deus pode ser descrito na transformação de um homem, com todos os seus pecados e imperfeições, em um espírito elevado, preparando-o, assim, para deixar a terra rude e profana para viver entre as estrelas. A natureza, de maneira tênua, tenta imitar o milagre, transformando a larva em borboleta, preparando-a, assim, para deixar o monturo para viver entre as flores.

d. **Spinoza** insiste em que os milagres são impossíveis porque "a natureza age num curso fixo e imutável". Porém, isso é realmente verdade? perguntamos. Até certo ponto pode ser, mas em outro não é. As leis na natureza são de fato invariavelmente uniformes. Mas a natureza, porém, às vezes, cansada de uniformidade e ordenada por uma força sobrenatural de Deus, resolve se libertar, criando o que chamamos de milagres, ou, mais vulgarmente, de um capricho; movendo-se no que Spinoza prazerosamente chama de "curso fixo e imutável". A natureza comumente produz uma galinha com duas pernas e uma cobra com uma cabeça. Mas o que dizer de galinhas com três pernas e cobras com duas cabeças, como as temos visto? A natureza estava agindo de maneira fixa e imutável quando criou essas coisas? Será que Spinoza poderia explicar o fenômeno pela sua "compreensão natural dos princípios conhecidos das coisas naturais?". Será que ele se contentaria em chamá-los *acidentes* naturais ou *caprichos*? No entanto, na sua definição, estes milagres, são apenas acidentes.

e. **Outro cético**, também, foi Renan, que não nega a possibilidade dos milagres, mas simplesmente se contenta com a afirmação de que não há provas suficientes que tais coisas tenham jamais acontecido.

Ele, assim, repudia o testemunho dos evangelistas neste aspecto. "Não é", diz Renan, "em nome desta ou daquela filosofia, mas em nome da experiência universal que banimos os milagres da história (qual história?). Nós dizemos mesmo que, até agora, um milagre nunca foi provado".(18)

Os opositores dos milagres, a fim de negarem a existência de Deus, freqüentemente perguntam porque os milagres não são realizados hoje, pois eles nunca os vêem. Mas para nós cristãos que, sem exigências restritas, cremos que Deus não somente existe, mas que também pode e está a realizar milagres em todos os tempos e em todos os lugares, qualquer teoria que se opõe a estes princípios deve ser ignorada.

5. UM OUTRO PONTO POLÊMICO

Um outro ponto bastante polêmico entre os céticos que têm procurado negar a existência de Deus e a veracidade das Escrituras, é o *dia longo de Josué* (Js 10.12-14).

No *livro do Reto* (em heb. "Jaser") é lembrada a oração de

Josué para que houvesse uma intervenção divina naquele dia: "Sol, detém-te em Gibeom, e tu lua, no vale de Ajalom" (v. 12). A resposta não se fez esperar, pois "...o sol se deteve, e a lua parou, até que o povo se vingou de seus inimigos. Isto não está escrito no livro do Reto? (Justos?) O sol pois se deteve no meio do céu, e não se apressou a pôr-se, quase um dia inteiro" (Js 10.12,13). Surgem duas perguntas entre os estudiosos da Bíblia para confirmação do milagre e entre os céticos - há oposição para sua negação.

Onde se inicia e finaliza a citação? e como explicar o episódio do sol? Os crentes não relutam em aceitar tal declaração bíblica, visto que, para eles, Deus pode fazer qualquer coisa que lhe apraz. Os céticos, porém, não o aceitam, alegando que o episódio não passa duma simples narração poética, que em sentido figurado descreve a intervenção de Deus a favor de Israel, como um fato histórico.([19])

a. **Não há motivo.** Cremos que não há motivo para se rejeitar uma interpretação mais literal, embora a ciência (em parte) nem sempre lhe dê o seu apoio, talvez por desconhecer o verdadeiro significado do episódio no tempo e no espaço. É fora de dúvida que a oração de Josué pedia a prolongação do dia. Também é certo que o pedido se fez de manhãzinha, a julgar pela posição da lua no vale de Ajalom (a ocidente) e do sol em Gibeom (a oriente).

Um exame mais atento do significado das palavras hebraicas vem confirmar esta interpretação e a veracidade dos fatos. A expressão que o escritor sagrado usa por expressa ordem divina é "detém-te", que significa "silencia-te", mas por vezes tem o sentido de "deixa" ou "acaba" e ainda "pára" (cf. 2 Rs 4.6; Lm 2.18). Quanto à frase "o sol não se apressou a pôr-se", o sentido mais natural da palavra traduzida "pôr" é "ir" ou "vir". Só uma vez em Gênesis 28.11 tem o sentido de "pôr".

b. **A comprovação da ciência.** A ciência astronômica já provou que esse dia foi acrescido de 23 horas e 20 minutos, conforme com aquilo que narra a Bíblia: "quase um dia inteiro" (v. 13b). A ciência tem aceita pelas luzes da razão natural que de fato houve um dia perdido, isto é, um dia de atraso no andar do tempo. Convém salientar que a duração dos dias e meses, anos e estações não é invenção humana; vem do movimento dos astros do nosso sistema solar, obedecendo as leis fixas da mecânica celeste. Por exemplo: "a duração do ano solar é de 365 dias e 1/4". Esta

fórmula não se acha primariamente nos livros; está descrita nos céus, isto é, na mecânica celeste que rege os astros. O dia solar, por exemplo, é o espaço em horas e minutos que a terra faz uma revolução completa em torno de seu eixo. A duração exata do dia solar é de 23 horas, 56 minutos, 4 segundos e 9/10 de segundo. A terra conserva este horário com tal precisão, que entra e sai ano e a sua marcha anual de milhões de quilômetros não varia um segundo sequer. Esta fórmula vem dos próprios astros. É, portanto, nos céus que devemos encontrar *o dia perdido*.([20])

c. **O dia longo de Josué** é, então, um problema da astronomia, ciência que só conhecemos relativamente. Nela, há inúmeras coisas desconhecidas, mas há também muitas perfeitamente conhecidas. Entre estas, está o movimento e a marcha sideral do nosso planeta. Até a composição química dos planetas sabe-se, hoje, graças a aparelhos como o *espectroscópio*, o *radiotelescópio*, etc. Sabe-se também a temperatura das estrelas por meio de aparelhos como fotômetro-estrelar *eterócomo*. No relato bíblico de Josué 10.12,13 há dois milagres: a diminuição de luz e calor solar e o prolongamento do dia.

De acordo com os hebraístas a palavra que Josué empregou quanto ao sol, no original hebraico, foi "dâman" que na realidade significa: *silenciar, acalmar* como já tivemos oportunidade de afirmar em uma outra secção deste artigo. A nossa palavra *deter* com a acepção que ela encerra é em hebraico "amad".([21]) Josué não desejava sol intenso! Israel acabava de fazer uma marcha forçada de mais de 60 quilômetros e, após a caminhada, começou a luta. As evidências, porém, afirmam que Josué iniciou uma marcha forçada de Gilgal durante toda a noite, para cair precipitadamente sobre os inimigos concentrados em Gibeom. Durante este espaço de tempo (isto é, entre esta noite e o amanhecer) dois milagres se sucederam:

Primeiro: "...o Senhor os conturbou diante de Israel..." (Js 10.10), isto é, desorientou, lançando entre eles o pânico;

Segundo: "...sucedeu que, fugindo eles diante de Israel à descida de Betorom, o Senhor lançou sobre eles, do céu, grandes pedras até Azeca, e morreram..." (Js 10.11). Depois da primeira derrota (psicológica), segue-se a segunda: a da *saraiva*. A perseguição cerrada, na subida e descida do Betorom, fez que o inimigo fosse derrotado. Era *meio-dia*; isto quer dizer a expressão *meio-do-céu*,

contida no versículo 13. A época do ano era de intenso calor, como tem provado a astronomia nas suas pesquisas. Foi nesta hora extrema que Josué disse: "Sol, detém-te!". O sol (o sistema Solar) realmente deteve a sua marcha, e, assim, o tempo atrasou, isto é, o dia foi prolongado! O relato bíblico diz que "o sol não se apressou a pôr-se quase um dia inteiro". A Bíblia não diz que o "sol parou", mas que se "deteve", ou seja, reduziu a sua marcha (vv. 12,13).

d. **A harmonia das Escrituras.** O leitor deve observar como as Escrituras são proféticas e se combinam entre si em cada detalhe! O notável acontecimento se deu no vale de Ajalom (em hebraico "Aialom") e algumas versões trazem *Aijalom*. Este vale foi mencionado nas cartas de Tel-el-Amarna como "campos de Ialuna".(22) Este nome persiste na atual aldeia árabe de *Ialu*. É um vale extenso, onde o "levantar do sol" de fato ocorre mais cedo e o "pôr do sol" mais tarde, pela própria configuração do terreno.

Ora, segundo a astronomia a rotação da terra produz-se pela ação do Sol, vindo tudo de Deus. Qualquer diminuição da ação solar resultará no retardamento da rotação da terra. Newton, o célebre astrônomo inglês, demonstrou que isto pode acontecer sem danificar de modo considerável os habitantes da terra. Pois, é preciso considerar que o Sol também se movimenta (Sl 19.4-6; Ec 1.5). Esta declaração de Newton, porém, foi declarada como uma afronta à passagem bíblica em foco, e, assim, foi promulgada sua condenação (decreto do Santo Ofício de 5 de março de 1633) num claro exemplo (segundo os homens daquela época) de visão falha da inerrância das Sagradas Escrituras. Hoje, porém, todos sabem que, tanto Newton como as Escrituras estão em perfeita harmonia.

O professor Tottem, astrônomo da Universidade de Yale, escreveu um livro onde relata seus trabalhos para descobrir esse dia longo. Ele contou o tempo para trás, partindo do equinócio do outono de 1886 até o dia da batalha de Josué. Achou que a mesma aconteceu no dia 22 de julho de 1447 a.C., numa quarta-feira. Dirá alguém: "Como foi possível achar ele tal data?". A Bíblia foi o ponto de partida! A aludida passagem diz que o Sol estava "no meio do céu" (isto é, no zênite) e a lua "no vale de Ajalom" (não sobre *o* vale mas *no* vale, isto é, tocando o horizonte). Ora, só há um **dia** no ano em que o sol e a lua assumem tais posições na região onde se deu o fenômeno: 22 de julho, que corresponde a *Tamuz*, o quarto mês do calendário civil hebraico. Na sua posição com

relação ao Sol, a lua *nascera as sete horas* da noite do dia que precedeu a batalha e pôs-se às 13 horas do mesmo dia. Isto de acordo com o que afirma a Bíblia.

e. **O milagre comprovado.** Achado este primeiro fato, o citado professor, partindo da data aceita como a da Criação até o dia de Josué, achou que a batalha deu-se no dia 22 de julho, do ano 2253 da Criação, porém, numa terça-feira! Isto é, o dia do mês é o mesmo, mas o da semana é outro. Tottem então provou, após outras verificações, que quase um dia inteiro fora intercalado no nosso tempo, ou melhor: "a terra estava quase 24 horas fora do horário". Ora, segundo os estudos do dr. Tottem, a Terra estava fora do seu horário cronológico, cerca de um dia e não quase um dia. Então os estudos continuaram até ele e outros sábios chegarem a 2 Reis 20.11, onde encontraram a complementação da passagem de Josué e ao mesmo tempo o complemento do "dia perdido" - 40 minutos. Na primeira passagem (Josué) aquele quase um dia foi de 23 horas e 20 minutos. Na segunda passagem (1 Rs), porém, a sombra do Sol projetada no mostrador do relógio de Acaz, voltou 10 graus ou linhas, que corresponde exatamente 40 minutos. Aqui a ciência encontrou o complemento do dia longo de Josué.

O dr. Rendle Short, diz no livro *Modern Discovery and the Bible* **(Moderna Descoberta e a Bíblia)** que o milagre do dia longo de Josué, foi universalmente reconhecido pelo mundo inteiro. Heródoto, historiador e filósofo grego do quinto século antes de Cristo, relata que um dia passando no Egito, os sacerdotes lhe mostraram a história de um dia longo havido num remoto passado.(23)

"A história chinesa registra que houve um dia longo quando reinava o Imperador Yeo, o qual foi contemporâneo de Josué".(24)

"A história dos astecas, no México, mostra que houve no passado um dia longo".(25) Ora, com efeito, o milagre do dia longo de Josué como ficou conhecido pelos historiadores, foi um milagre operado por expressa ordem de Deus. Deus é um Deus de milagre! Se Deus não existisse, também tais milagres não aconteceriam. Se eles acontecem é, sem sombra de dúvida, que, por trás dos tais milagres, existe uma inteligência racional, que é Deus.

Assim, prezado leitor! o Deus vivo é, portanto, um Ser único que se manifesta nos diferentes modos de sua existência. Este Deus, cuja santidade já discutimos em outras secções deste livro, é o mesmo Deus revelado progressivamente nas Escrituras e na

História. Desdeo princípio até o fim Ele se esforçou para que *eu* e *você* (nós) lhe conheçamos naquilo que Ele é, e naquilo que Ele quer de nós![26]

As Escrituras, do princípio ao fim, revelam a identidade de Deus! Exemplificando, porém, faremos aqui algumas de suas citações:

"Com o ouvir dos meus ouvidos ouvi, mas agora te *vêem* os meus olhos" (Jó 42.5).

"Conheçamos, e prossigamos em *conhecer* ao Senhor..." (Os 6.3a).

"E a vida eterna é esta: que te *conheçam*, a ti só, por único Deus verdadeiro..." (Jó 17.3a).

"...já desde agora o *conheceis*...!" (Jo 14.7).

Quero agradecer ao Senhor Jesus Cristo por me ter revelado ao Deus de toda graça: "...Rei dos reis e Senhor dos senhores. Aquele que tem, Ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver (com os olhos naturais): ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém.

(1) R. J. Curs. de Fil. 1984
(2) S. P. S. O Hom. corp. alm. e esp. 1988
(3) S. A. Confissões, 1986
(4) B. M. O Hom. quem é ele? 1982
(5) op. cit. 1982
(6) R. J. Curs. de Fil. 1984
(7) op. cit. 1984
(8) Idem. 1984
(9) N. G. e P. F. Int. a Fil. 1983
(10) S. P. S. Apoc. V. P. V. 1987
(11) R. J. Curs. de Fil. 1984
(12) A. B. L. Esb. de Teol. Sist. 1977
(13) S. P. S. O Hom. corp. alm. e esp. 1988
(14) op. cit. 1988
(15) R. J. Curs, de Fil. 1984
(16) S. P. S. Apoc. V. P. V. 1987
(17) R. J. Curs. de Fil. 1984
(18) op. cit. Int. Vie de Jesus. p. 62
(19) H. J. B. ONCB (JS), 1979
(20) op. cit. A. G. MP. 1982
(21) Idem. 1982
(22) A Bíbl. Ed. V. C. II Vol. 1964
(23) op. cit. H. J. B. 1979
(24) op. cit. A. G. MP. 1982
(25) Idem. 1982
(26) A. W. T. M. P. de Deus. 1980

Bibliografia

A BÍBLIA SAGRADA. *Edição Revista e Corrigida no Brasil.* Editora Vida, Miami, Flórida, E.U.A., 1981.

A BÍBLIA SAGRADA. *Edição Revista e Corrigida no Brasil.* Imprensa Bíblica Brasileira, Rio de Janeiro, 1977.

A BÍBLIA SAGRADA. *Edição Revista e Atualizada no Brasil.* S. R. Edições Vida Nova, São Paulo, 1980.

A BÍBLIA SAGRADA. Editor: Victor Civita. *Versão integral da Bíblia* (Antigo e Novo Testamentos), traduzida sob os auspícios da Liga de Estudos diretamente dos originais hebraicos, aramaicos e gregos (8 Volumes). Coordenador da Tradução: dr. Antônio Charbel, S.D.B. Secretário: dr. Joaquim Salvador, S.D.B., Editora Abril Ltda, São Paulo, 1965.

A BÍBLIA SAGRADA. *La Sainte Bible* (Língua Francesa). Traduzida dos textos originais hebraico e grego por Louis Segond, doutor em Teologia, Versão revisada (1975), Nouvelle Edition de Genève, *La Maison de la Bible*, Paris, França, 1979.

A BÍBLIA SAGRADA. *La Santa Bíblia* (Língua Espanhola). Antiga Versão de Casiodoro de Reina (1569). Revisada por Cipriano de Valera (1602), Revision, Barcelona, Espanha, 1977.

AGOSTINHO, A. *Confissões.* 2ª Edição em Português, Edições Paulinas, São Paulo, 1986.

ALLMEN, J. J. V. Or. *Vocabulaire Biblique* (Vocabulário Bíblico). 2ª Edição em Português. Associação de Seminários Teológicos

ALMANAQUE, Abril/86. *A Enciclopédia em um Volume*. Ano XII, Editora Abril, São Paulo, 1986.

ANGEL, A. *Dieu, Accessible à la Raison* (Deus, Acessível à Razão), Lion, França, 1941.

ARDREY, R. *Gênesis em África:* la evolución y el origem del hombre (a evolução e a origem do homem), Barcelona, Espanha, 1969.

AQUINO, S. T. *Suma Teológica*, na obra intitulada *The Basic Writings of ST. Thomas Aquinas* (1945), Editada por A. C. Regis, trad. de João Marques Bentes, parte I, Q. 2, art. 3, 1982.

BANCROFT, E. H. *Teologia Elementar*. 5ª Edição em Português, Imprensa Batista Regular, São Paulo, 1983.

BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. Trad. Felipe Delgado Cortés, México, 1972.

BOCK, P. K. *Introducción a la Antropologia Cultural* (Introdução à Antropologia Cultural), México, Fonde de Cultura, 1977.

BOUILLARD, H. *A Lógica da Fé*, São Paulo, 1968.

BRACE, C. L. *Os Estágios da Evolução Humana*, Rio de Janeiro, 1970.

BROWN, C. (Editor Geral). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (4 Volumes), 1ª Edição em Português, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1981-1983.

BURNET, J. *L'Aurore de la Philosophie Grecque* (A Aurora da Filosofia Grega), Paris, 1919.

CHAFER, L. S. *Teologia Sistemática*, 1ª Edição em Português, Imprensa Batista Regular, São Paulo, 1986.

CHAMPLIN, R. N. Ph.D. *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo* (6 Volumes), 1ª Edição em Português, 3ª Impressão, que diz: "Citações desta obra podem ser livremente usadas, desde que com indicação da fonte". Milenium Distribuidora Cultural Ltda, São Paulo, 1982.

CONNER, W. T. *Revelação e Deus* (Uma Introdução à Doutrina), 2ª Edição em Português, Rio de Janeiro, 1979.

COOKE, W. *Theology Christian* (Teologia Cristã), 5ª Edição, Londres, Inglaterra, 1947.

COPASS, A. B. *Manual de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, 1958.

DE BROGLIE, P. *Les Preuves Psychologiques de L'existence de Dieu* (As Provas Psicológicas da Existência de Deus), Paris, 1905.

DITTMER, K. *Etnologia General* (Etnologia Geral), México, Fonde de Cultura Econômica, 1960.

DOBZHANSKY, Th. *O Homem em Evolução*, São Paulo, Polígono - EDUSP, 1968.

EICHRODT, V. *O Homem no Antigo Testamento*. Associação Acadêmica João Wesley, São Paulo, 1965.

GEISLER, N. P. F. *Introdução à Filosofia* (Uma Perspectiva Cristã), 1ª Edição em Português, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1983.

GESENIUS, W. D. D. *Hebrew and English Lexicon* (Léxico Hebraico e Inglês). Famoso erudito Judeu do século dezenove.

GILBERTO, A. *O Dia Longo de Josué*. Ano III, Nº 1137, MP Janeiro/1982, com a devida autorização do autor em 14/11/87.

GILSON, E. *A Existência*, na Filosofia de Santo Tomás de Aquino, São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1962.

HAAH, H. *Bible et Evolution* (Bíblia e Evolução), Maison Mame, Paris, 1964.

HAARBERCK, T. *Está Escrito* (Dogmática Bíblica), São Bento do Sul, Santa Catarina, 1987.

HAGGLUND, B. *História da Teologia*, Casa Publicadora Concórdia, Porto Alegre, 1973.

HALLEY, H. H. *Manual Bíblico de Halley* (Um Comentário Abreviado da Bíblia), 5ª Edição em Português, Edições Vida Nova, São Paulo, 1983.

JOLIVET, R. *A la Existence de Dieu* (A Existência de Deus), Paris, 1931.

JANSE, J. C. *La Tirania del Evolucionismo* (A Tirania do Evolucionismo), Barcelona, ACELR, Espanha, 1972.

JAUNCEY, J. *La Ciencia Retorna a Dios* (A Ciência Retorna a Deus), 3ª Edição, Texas, Casa Bautista de Publicaciones, 1973.

KOIRÉ, A. *L'Idée de Dieu dans la Philosophie de S. Anselme* (A Idéia de Deus dentro da Filosofia de S. Anselmo - Ontologismo), Paris, 1923.

LAGRANGE-GARRIGOU, R. *Les Perfections Divines* (As Perfeições Divinas), Paris, 1936.

LANGSTON, A. B. *Esboço de Teologia Sistemática*, 5ª Edição, Editora JUERP, Rio de Janeiro, 1977.
LAVALLE, L. *Introduction à L'ontologie* (Introdução à Ontologia), Paris, 1947.
MARECHAL, J. *Le Point de Départ de la Métaphysique* (O Ponto de Partida da Metafísica), Louvain, 1927.
MICHOTT, A. *La Perception de la Causalité* (A Percepção da Causalidade), Paris, 1952.
MULLER, J. *Dogmática Cristã*, Porto Alegre, 1968.
MULLINS, Y. E. *La Religion Cristiana* (A Religião Cristã), Texas, 1968.
NAIR, S. E. Mc. *A Bíblia Explicada*, 3ª Edição, Casa Editora Evangélica, Teresópolis, Rio de Janeiro, 1956.
PEARLMAN, M. *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia*, 6ª Edição em Português, Editora Vida, Miami, Flórida, E.U.A., 1977.
PINK, A. W. *Os Atributos de Deus*, 1ª Edição em Português, São Paulo, 1985.
RABEAU, E. *Dieu, Son Existence, Sa Providence* (Deus, Sua Existência, Sua Providência), Paris, 1933.
SCOFIELD, Dr. C. I. *Scofield Reference Bible* (Referência Bíblica Scofield). Editor Bíblico, nascido em Michigan, E.U.A. em 1843.
SERTILLANGES, A. D. *Les Sources de la Creyance em Dieu* (As Fontes da Convicção em Deus), Paris, 1905.
SHEDD, R. P. (Editor em Português). *O Novo Comentário da Bíblia* (3 Volumes), 1ª Edição em Português, 3ª Reimpressão (1963), São Paulo, 1979.
SHEDD, R. P. (Editor em Português). *O Novo Dicionário da Bíblia* (2 Volumes), Edições Vida Nova, São Paulo, 1983.
SIMON, Y. *Introduction à L'Ontologie du Conaitre* (Introdução à Ontologia do Conhecimento), Paris, 1934.
STEENBERGHEN, F. V. *Ontolie* (Ontologia), Louvain, 1946.
SIWER, P. *Spinoza et le Panthéisme Religiux* (Spinoza e o Panteísmo Religioso), Paris, 1927.
TELES, A. X. *Introdução ao Estudo de Filosofia*, 22ª Edição, Editora Ática S.A., São Paulo, 1984.
TOZER, A. W. *Mais Perto de Deus* (Os Atributos de Deus e Seus Significados na Vida Cristã), Editora Mundo Cristão, São Paulo, 1980.

VALLOIS, V. H. *As Raças Humanas*, São Paulo, 1966.
VANNI, R. S. *L'Antropologia Filosófica* (A Antropologia Filosófica) de Tomás de Aquino, *Vita* e *Pensiero*, Milão, 1965.
WALTER, K. *Critique of Religion and Philosophy* (Crítica e Filosofia de Religião), Nova York, Doubleday, E.U.A., 1961.
WERBERT, J. *Essai de Métaphysique Thomiste* (Ensaio de Metafísica Tomista), Paris, 1927.
WULF. M. *Histoire de la Philosophie Médiévale* (História da Filosofia Medieval), Paris, 1925.

A Doutrina de DEUS

Uma abordagem bíblica e teológica acerca da realidade de Deus

São vários os raciocínios que, partindo de observações nos mundos físico, espiritual e moral, conduzem a um Criador – Deus. As observações trouxeram à luz argumentos – conhecidos por nomes como "antropomórfico", "cosmológico", "teológico" – que descartam a existência do Universo sem a ação divina.

O pastor Severino Pedro da Silva expõe esses argumentos para em seguida buscar conhecer um pouco mais sobre este supremo Ser. Quem é Deus? é a pergunta que intriga crentes e céticos e que este livro procura responder.

Autor

Ministro do Evangelho, bacharel em filosofia e teologia, autor dos livros *A Existência e a Pessoa do Espírito Santo*, *Os Anjos: Sua Natureza e Ofício*, *Daniel Versículo por Versículo*, *Apocalipse Versículo por Versículo*, entre outros.

ISBN 85-263-0333-3

9 788526 303331

W2-BVB-529